



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**RICARDO BEZERRA SAMPAIO**

**COMO ASPECTOS DA INTERAÇÃO SOCIAL AUXILIAM NA  
COMPREENSÃO DA SITUAÇÃO VARIÁVEL DA CONCORDÂNCIA  
VERBAL COM *TU***

**CAMPINAS**

**2019**

**RICARDO BEZERRA SAMPAIO**

**COMO ASPECTOS DA INTERAÇÃO SOCIAL AUXILIAM NA  
COMPREENSÃO DA SITUAÇÃO VARIÁVEL DA CONCORDÂNCIA  
VERBAL COM *TU***

Dissertação de mestrado apresentada ao  
Instituto de Estudos da Linguagem da  
Universidade Estadual de Campinas para  
obtenção do título de Mestre em Linguística.

**Orientadora: Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva**

Este exemplar corresponde à  
versão final da dissertação do  
aluno Ricardo Bezerra Sampaio,  
orientada pela Profa. Dra. Anna  
Christina Bentes da Silva

**CAMPINAS**

**2019**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

|      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|      | Bezerra, Ricardo, 1990-                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| Sa47 | Como aspectos da interação social auxiliam na compreensão da situação variável da concordância verbal com tu / Ricardo Bezerra Sampaio. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.<br><br>Orientador: Anna Christina Bentes da Silva.<br><br>Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.<br><br>1. Sociolinguística. 2. Interação social. 3. Língua portuguesa - Concordâncias. 4. Belém (PA). I. Bentes, Anna Christina. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título. |

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** How aspects of the social interaction lead to an understanding of the variable verbal concord with tu

**Palavras-chave em inglês:**

Sociolinguistics

Social interaction

Portuguese language - Agreement

Belém (Brazil)

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Mestre em Linguística **Banca**

**examinadora:**

Anna Christina Bentes da Silva [Orientador]

Lívia Oushiro

Regina Célia Fernandes Cruz

**Data de defesa:** 16-12-2019

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-9206-6370>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7673363174445435>



## **BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Anna Christina Bentes (Presidente)**

---

**Profa. Dra. Livia Oushiro (Titular)**

---

**Profa. Dra. Regina Celia Fernandes Cruz (Titular)**

**IEL/UNICAMP  
2019**

**Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós-Graduação do IEL.**

Dedico à Alessandra Vasconcelos (*In memoriam*)

## **AGRADECIMENTOS**

Dei sorte: mesmo que tenha seguido por caminhos tortuosos (mas também felizes), este trabalho, singelo, porém honesto, não teria tomado a forma que tem agora não fosse pela contribuição de um sem-número de pessoas, que direta e indiretamente tornaram possível sua realização e finalização. Desta forma, agradeço:

- ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida, que permitiu a minha estadia em Campinas nos dois primeiros anos deste percurso;
- a orientação persistente e cuidadosa da Profa. Anna Christina Bentes, uma cientista competente, cujo trabalho politicamente referenciado é uma inspiração a muitos linguistas que se debruçam sobre as tensões e sobreposições entre língua e sociedade;
- às professoras Regina Cruz e Livia Oushiro, membros da banca examinadora deste trabalho, pela leitura atenta e pelos excelentes apontamentos feitos desde o exame de qualificação.
- aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, que me abriram os olhos e me ajudaram a entender o debate, a relevância e o alcance da Linguística dentro e fora do Brasil, especialmente os professores Emilio Pagotto, novamente à Anna Christina Bentes, Livia Oushiro, Eduardo Guimarães e Sheilla Elias de Oliveira.
- e também à equipe técnica da Secretaria de Pós-Graduação, sempre muito solícitos e eficientes em atender às necessidades dos alunos.
- aos amigos de Belém que me deram todo o apoio necessário no início desta experiência: Evi Gonçalves, Profa. Risolêta Julião, Cláudia Soares e Profa. Fátima Nascimento (que gentilmente me cedeu abrigo em seu apartamento em Campinas no ano de 2015 por intermédio de Adriana Nóbrega e Izenete Nobre, a quem também agradeço).

Aos bons amigos que fiz nestes quatro anos de “estado de São Paulo” – como já disse a alguns e agora a todos –, não sei o que teria sido de mim sem

vocês. Compartilhamos leituras, inquietações acadêmicas e existenciais, tetos, alegrias, tristezas, coragens.

Desta forma, agradeço:

- ao Lucas Militão, à Indi Mora, ao Jorge Calvimontes (não esqueço quando tu cuidaste de mim naquele episódio terrível de amigdalite!), à Gabriela Rancan, ao Emerson Andrade e à Yeda Endrigo, com quem tive o prazer de dividir moradas.

Aos amigos que fiz no Instituto de Estudos da Linguagem, agradeço:

- ao Flávio Benayon, o “Benaião”, companheiro de inúmeros cafés e copos de cerveja, que muito me ensina com seu jeito agudo de olhar pro mundo;
- à Renata Ortiz, Júlia Rosa, Mirielly Ferraça e Vinícius Castro: que saudades das nossas “mesas-redondas” regadas a risadas, boa comida e boa conversa;
- ao Arnaldo de Lima, por me ensinar a ver as coisas com leveza e me fazer rir, inclusive de mim mesmo, e ao Felipe Nascimento, pelos comentários certos e inteligentes, pelo apoio e motivação em diversos momentos;
- ao Sérgio Toledo e ao Diogo Alves, pelas conversas na cozinha à noite, pelas escapadas da rotina;
- à Lilian Braga, pelas inúmeras noites de dança e vinhos, pelas conversas sobre a vida e seus caminhos e descaminhos;
- à Natasha Magno, à Giulia Gambassi, à Cláudia Alves, à Lua Gill, ao Rodrigo Cardoso e à Bruna Tella Guerra, com quem aprendi a me abrir e me fazer vulnerável e com quem sei que posso sempre contar.

E, por último, agradeço:

- à minha família: meus pais, Ana e Isaac, pelo apoio incondicional às minhas escolhas e pelo amor que me têm dedicado e à minha irmã, Ana Beatriz, que muito me orgulha por ser a mulher e artista que é.

## RESUMO

Esta pesquisa investiga a variável *concordância verbal com tu* em Belém (PA) levando em consideração a perspectiva sociointeracional, vinculada à terceira onda de estudos sociolinguísticos (ECKERT, 2005). O objetivo central deste trabalho é investigar sob que condições sociolinguísticas ocorre a variante *concordância verbal canônica* (isto é, *tu + verbo + desinências de segunda pessoa singular*). O percurso teórico e analítico estabelecido apresenta, em primeiro lugar, uma série de estudos relacionados à utilização de pronomes no português brasileiro e suas implicações linguísticas e sociais, tais quais os estudos de Faraco (1996), Menon (1995), Cruz (2012), Leal e Soares (1993), Bezerra e Julião (2014), Costa (2013), Martins e Martins (2014), Alves (2015), Scherre *et al.* (2011), Santos (2012), Amaral (2003), Lorengian (1996), Bolivar (2008) e Paredes Silva (2003). Após esta revisão da literatura, apresenta-se o aporte teórico-metodológico utilizado para interpretação dos dados coletados (textos conversacionais produzidos dentro do esquema de conhecimento *entrevista*), o qual apoia-se nos trabalhos produzidos por Eckert (2005), Duranti (2001), Salomão (2003), Gumperz (1992), Tannen e Wallat (2002), Goffman (2002), Koch (2005), Valle e Görski (2016) e Labov (2008). Os resultados da análise dos textos conversacionais indicam que a variante *concordância verbal canônica* emerge, nas interações entre sujeito e pesquisador, sob condições de trocas verbais específicas que levam em consideração o perfil social do sujeito, seu envolvimento com práticas de letramento ditas “formais” ou “letradas”, a presença do pesquisador, o esquema de conhecimento *entrevista* e os enquadres interativos e a projeção de si como “falante competente”.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Interação. Belém. Concordância verbal variável com tu.

## ABSTRACT

This research investigates the variable verbal concord with *tu* in Belém (PA) and is theoretically affiliated to the sociointeractional perspective, related to the so-called third wave of sociolinguistic studies (ECKERT, 2005). Our main goal is to investigate under which conditions the linguistic variant canonical verbal concord with *tu* emerges (i.e. *tu + verb + second person affixes*). First and foremost, we introduce a series of studies related to second person pronouns usage in Brazilian Portuguese – as well as its intertwined social and linguistic factors – such as: Faraco (1996), Menon (1995), Cruz (2012), Leal and Soares (1993), Bezerra and Julião (2014), Costa (2013), Martins and Martins (2014), Alves (2015), Scherre *et al.* (2011), Santos (2012), Amaral (2003), Lorengian (1996), Bolivar (2008) and Paredes Silva (2003). Then, we focus on the discussion which provided the analytical parameters to interpret our data (conversational texts produced in response to the knowledge schema *interview*), represented by the works of Eckert (2005), Duranti (2001), Salomão (2003), Gumperz (1992), Tannen and Wallat (2002), Goffman (2002), Koch (2005), Valle and Görski (2016) and Labov (2008). The results lead to the conclusion that the variant canonical verbal concord with *tu* emerges in situations of verbal exchanges that consider the social profiling of the interviewed, his engagement on so-called “formal” literacy practices, the presence of the interviewer, the knowledge schema *interview* as well as interactive frames and the projection of oneself as a “competent speaker”.

**Keywords:** Sociolinguistics. Interaction. Belém. Variable verbal concord with *tu*.

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                         |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 CONTEXTUALIZANDO O OBJETO DE PESQUISA: OS ESTUDOS SOBRE FORMAS DE TRATAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E SUAS IMPLICAÇÕES NO SISTEMA LINGÜÍSTICO</b> | <b>12</b> |
| 1.1 A SITUAÇÃO NA REGIÃO NORTE .....                                                                                                                    | 17        |
| 1.2 A SITUAÇÃO EM OUTRAS REGIÕES DO TERRITÓRIO BRASILEIRO .....                                                                                         | 19        |
| <b>2 VOLTANDO O OLHAR PARA A INTERAÇÃO</b>                                                                                                              | <b>25</b> |
| 2.1 OS ESTUDOS DE TERCEIRA ONDA .....                                                                                                                   | 25        |
| 2.2 A PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONAL.....                                                                                                                | 26        |
| 2.2.1 Os esquemas de conhecimento e os enquadres interativos.....                                                                                       | 29        |
| 2.2.2 As pistas de contextualização.....                                                                                                                | 31        |
| 2.2.3 O texto como <i>lócus</i> de (co)produção de sentidos .....                                                                                       | 33        |
| <b>3 ASPECTOS METODOLÓGICOS</b>                                                                                                                         | <b>37</b> |
| 3.1 CONTEXTUALIZANDO O TRABALHO DE CAMPO .....                                                                                                          | 37        |
| 3.2 O REGISTRO DA INTERAÇÃO ENTRE SUJEITOS COLABORADORES E PESQUISADOR.....                                                                             | 37        |
| 3.3 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS COLABORADORES DA PESQUISA.....                                                                                               | 44        |
| 3.3.1 Eduardo .....                                                                                                                                     | 46        |
| 3.3.2 Rosa .....                                                                                                                                        | 47        |
| 3.3.3 Diogo .....                                                                                                                                       | 47        |
| 3.3.4 José .....                                                                                                                                        | 48        |
| 3.3.5 Isabel .....                                                                                                                                      | 50        |
| 3.3.6 Alberto .....                                                                                                                                     | 50        |
| 3.3.7 Valéria.....                                                                                                                                      | 52        |
| 3.4 A CONSTRUÇÃO DAS HIPÓTESES DE TRABALHO .....                                                                                                        | 52        |
| 3.4.1 As variáveis linguísticas.....                                                                                                                    | 53        |
| 3.4.2 As “variáveis complexas” e as hipóteses relacionadas à interação .....                                                                            | 55        |
| 3.4.3 A interação entre sujeitos colaboradores e pesquisador e o traço da concordância verbal canônica – uma variável complexa .....                    | 56        |
| 3.4.4 O nível de instrução dos sujeitos colaboradores e as práticas linguísticas “letradas” - a <i>pressão normativa</i> .....                          | 58        |
| <b>4 O QUE TROUXERAM OS SUJEITOS PARA A INTERAÇÃO? ANÁLISE DA OCORRÊNCIA DA DESINÊNCIA DE 2PS NAS INTERAÇÕES ENTRE SUJEITOS E PESQUISADOR</b>           | <b>60</b> |
| 4.1 OS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS SUJEITOS FRENTE AO ESQUEMA DE CONHECIMENTO E AOS ENQUADRES INTERATIVOS .....                                             | 60        |
| 4.1.1 A interação com Eduardo .....                                                                                                                     | 61        |

|                                                         |    |
|---------------------------------------------------------|----|
| 4.1.2 A interação com Alberto.....                      | 65 |
| 4.1.3 A interação com Rosa.....                         | 68 |
| 4.1.4 A interação com José .....                        | 72 |
| 4.1.5 A interação com Diogo.....                        | 75 |
| 4.1.6 A interação com Valéria.....                      | 79 |
| 4.1.7 A interação com Isabel .....                      | 81 |
| 4.2 CORRELAÇÕES COM OS PERFIS SOCIAIS DOS SUJEITOS..... | 85 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS                                  | 92 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS                              | 95 |
| ANEXOS                                                  | 99 |

## 1 CONTEXTUALIZANDO O OBJETO DE PESQUISA: OS ESTUDOS SOBRE FORMAS DE TRATAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E SUAS IMPLICAÇÕES NO SISTEMA LINGUÍSTICO

O trabalho que por ora se apresenta vincula-se à sociolinguística interacional e investiga o traço da concordância verbal com *tu* na cidade de Belém do Pará em dados de interação entre os sujeitos participantes e o pesquisador. O intuito desta seção introdutória é apresentar e caracterizar o objeto de pesquisa e os objetivos sob os quais alicercei a investigação, assim como o percurso teórico que ajudou na construção deste texto.

Como forma de introduzir o tema desta dissertação, trago um comentário do escritor paraense Caco Ishak a respeito da fala belenense, especificamente em relação à concordância verbal variável com *tu* em Belém:

Como falam corretamente os paraenses, não? Última província brasileira a aderir à Independência (mais por conta da estreita relação da aristocracia local com a coroa portuguesa do que real expressão da vontade popular), alguns “costumes” provincianos de fato teimam em resistir. Em especial, nossos contra-cabanos linguísticos. Pois bem. Eu, Pasquale.

E não, não falam. Ainda bem. Ou melhor: falam sim. Uma língua legitimamente urbana, viva e em constante mudança. Como deve ser.

[...]

O uso pronominal, por exemplo, é o que mais me fascina.

[...]

Qual a inocente tela de um artista *lowbrow* e os grafites de um “pichador” provocam torções de narizes entre entusiastas da alta cultura, as batidas do tecnobrega e o português das ruas parecem estuprar os tímpanos dos órfãos da borracha<sup>1</sup> em nossa eterna província. O que fica bem claro no uso da segunda pessoa de acordo com o interlocutor, com a classe do interlocutor. Questão de cunho social levada às últimas consequências em Belém, verdadeira

---

<sup>1</sup> O autor refere-se ao ciclo econômico da extração do látex das seringueiras amazônicas, o Ciclo da Borracha, período de grande opulência na capital paraense, o qual os historiadores também chamam de *Belle Époque*. Este ciclo se estendeu do fim do século XIX até meados da segunda década do século XX

cabanagem sociolinguística. Milagres acontecem na terra da Nazica<sup>2</sup>, *por supuesto*, embora seja mais difícil encontrar alguém entre o povão que se valha do pronome TU de forma correta do que um *playboy* errando a conjugação ao tentar falar bonito com os pais durante um toc-toc na Assembleia Paraense (tradicional clube recreativo de quem faz e acontece em Belém).

[...]

Obviamente, os antagonistas linguísticos das classes mais abastadas, econômica ou culturalmente, talvez como maneira de se diferenciarem dos reles mortais, ainda hoje fazem questão de utilizar o TU de forma correta (ainda que, entre quatro paredes, se permitam relaxar um pouco e soltar um “tu não te manca”). (ISHAK, 2015).

Neste breve comentário, do qual recortei alguns trechos, o escritor reflete sobre as dinâmicas sociais relacionada à concordância verbal com o pronome de segunda pessoa singular *tu*. Sarcástico e espirituoso, o texto de Caco Ishak atrela o uso da concordância verbal canônica (“correta”) a uma questão de classe: é entre as classes mais altas – ou entre quem se identifica com estas classes – que “sobrevivem” as desinências verbais de segunda pessoa singular.

Pois bem. Embora não tenha sido objetivo central desta pesquisa explorar direta e exhaustivamente a relação entre classe social e formas de falar, foi este o ponto de partida para a elaboração da questão que impulsionou o trabalho: quais os perfis sociais dos sujeitos que manifestam em sua fala a concordância verbal canônica? Motivado por tal questão, este trabalho pretende explorar a concordância verbal variável com *tu* em dados de interação entre sujeitos com alto nível de escolaridade e o pesquisador em ambientes e situações bem definidos: aos colaboradores da pesquisa foram solicitadas instruções relacionadas a suas atividades profissionais e afazeres cotidianos. O porquê da escolha de tal estratégia será melhor explicitado no capítulo concernente.

É importante destacar que a realidade sociolinguística com a qual me deparei em campo corrobora as impressões de Caco Ishak num aspecto: de fato, a variante concordância verbal canônica com *tu*, a qual supostamente constitui um traço típico do falar belenense, tem caído em desuso. Dos 22 sujeitos participantes desta

---

2 Referência à Nossa Senhora de Nazaré, santa do panteão católico que possui muitos devotos entre os católicos de Belém e região e para quem se promove uma festa religiosa que atrai milhares de pessoas à capital paraense em outubro, o Círio de Nazaré.

pesquisa, apenas entre sete se registrou o uso da concordância verbal canônica. E mesmo na fala destes sete sujeitos houve variação: eles ora utilizaram as desinências verbais de segunda pessoa singular (variante canônica), ora optaram pelo morfema Ø, de terceira pessoa singular (variante não-canônica). Os demais utilizaram *categoricamente* a concordância não-canônica. Assim, o trabalho analítico estabeleceu como parâmetro o uso da concordância canônica – circunscrevendo a análise à fala dos sete participantes que utilizaram este traço –, levando em consideração o *desenvolvimento da interação*, isto é, sob que condições sociolinguísticas os colaboradores utilizaram variante canônica, caracterizando o trabalho como uma *análise qualitativa* da concordância verbal variável.

Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo central:

i) descrever sob que condições sociolinguísticas manifesta-se o traço da concordância canônica em dados de interação entre pesquisador e sujeitos colaboradores.

Por sua vez, os objetivos específicos são:

ii) descrever a situação de registro de dados identificando a estrutura de expectativas do esquema de conhecimento *entrevista*, os enquadres interativos e as pistas de contextualização dos sujeitos e

iii) determinar se as perfis sociais do sujeito, aliados às análises do esquema, enquadres em jogo e do texto resultante da interação, apontam para a manutenção do traço da concordância verbal canônica com *tu* na fala dos sujeitos.

Além desta seção introdutória, na qual se contextualiza tanto o objeto de pesquisa quanto as referências que auxiliaram na elaboração da questão sobre a qual nos debruçamos, o trabalho conta com mais três capítulos e uma seção com considerações finais.

O primeiro capítulo estabelece um roteiro teórico para a análise dos dados. O percurso teórico se beneficiou de trabalhos da terceira onda de estudos sociolinguísticos, especificamente de autores que tratam de aspectos interacionais, num campo de estudos que se convencionou chamar de *sociolinguística*

*interacional*. Neste capítulo, introduzimos a discussão a partir das leituras de Duranti (2001), Salomão (2003) e Goffman (2002) e sua defesa da análise linguística aliada à análise do mundo social, “onde palavras estão incorporadas e são constitutivas de atividades culturais específicas” (DURANTI, 2001, p.1. tradução minha). Ainda neste capítulo, apresentamos as categorias a serem mobilizadas na análise, tais quais as noções de *esquemas de conhecimento* e *enquadres interativos*, propostas por Tannen e Wallat (2002), e a noção de *pistas de contextualização*, proposta por Gumperz (1992), além de questões referentes às formas de organização textual, quando recorre-se a Koch (2005).

No segundo capítulo, que trata do trabalho metodológico, pretende-se construir uma ponte entre as teorias mobilizadas e os dados de fala dos sujeitos colaboradores. Descreverei os princípios que nortearam o desenho das estratégias de trabalho em campo, assim como farei a apresentação e a descrição de cada um dos sete sujeitos que manifestaram o traço da concordância verbal canônica em sua fala e dos instrumentos utilizados, como o questionário de práticas de letramento. Neste capítulo, também apresentarei as hipóteses relacionadas ao objeto de pesquisa.

O capítulo seguinte tratará da análise da fala dos sete sujeitos colaboradores na interação com o pesquisador. Neste capítulo, retomarei as categorias teóricas introduzidas no primeiro capítulo, realizando o movimento analítico de descrever o que os sujeitos “trouxeram” para a interação levando em consideração os esquemas de conhecimento, os quadres interativos, a forma de progressão dos tópicos do texto e pistas de contextualização.

Por fim, a última seção do texto apresenta algumas conclusões a respeito da análise das interações assim como as considerações finais do trabalho.

\*

Como forma de localizar este estudo em relação a outros que tratam do uso de formas pronominais e sua interação com aspectos morfossintáticos, como a concordância verbal variável no português brasileiro, apresentarei uma série de pesquisas realizadas de norte a sul do território brasileiro, tais quais as pesquisas de Faraco (1996), Menon (1995), Cruz (2012), Leal e Soares (1993), Bezerra e Julião (2014), Costa (2013), Martins e Martins (2014), Alves (2015), Scherre *et al.* (2011),

Santos (2012), Amaral (2003), Lorengian (1996), Bolivar (2008) e Paredes Silva (2003).

Os fenômenos da alternância entre as formas pronominais *tu* e *você* e da concordância verbal variável com *tu* têm sido abordados em diversas análises linguísticas do Português Brasileiro; tais trabalhos cobrem basicamente todo o território nacional: norte e sul, áreas geográficas em que a presença do pronome *tu* manifesta-se em alguns dialetos, mas também nas regiões nordeste e sudeste (especificamente Rio de Janeiro) e mesmo no centro-oeste (Brasília). Beneficiários, *em grande parte*, da primeira onda de estudos sociolinguísticos, tais trabalhos dedicam-se à análise de dados de interação entre dois ou mais interlocutores presentes, em sua maioria, em grandes *corpora* – a exemplo dos *corpora* do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB). Correlacionando variáveis linguísticas às variáveis extralinguísticas do trabalho sociolinguístico clássico (sexo/gênero, classe social, faixa etária etc.), os trabalhos citados preocupam-se em chegar a conclusões sobre i) variação no uso das formas alternativas *tu* e *você*, ii) mudanças em curso nos sistemas de tratamento ou sobre ii) variação da concordância verbal com *tu*.

Nesta introdução, farei uma breve resenha de alguns trabalhos que cobrem as áreas geográficas mencionadas acima, lançando um olhar aos i) métodos utilizados e ii) às conclusões alcançadas em cada uma das pesquisas. A seleção desses trabalhos foi feita levando em consideração o fato de cobrirem grandes centros urbanos nos quais há presença de *tu/você*.

É necessário, no entanto, fazer um breve apanhado da história do sistema pronominal de tratamento em português. Para Faraco (1996), a inclusão de *vossa mercê* no quadro pronominal do português europeu desencadeou uma série de mudanças no sistema da língua portuguesa. Tais mudanças relacionam-se (i) à reordenação do sistema pronominal, com arcaização da forma *vós*, desgaste fonético e readequação semântica da forma de tratamento *vossa mercê* e sua posterior inclusão no sistema pronominal da língua; (ii) alterações na conjugação verbal que levaram à arcaização da segunda pessoa plural e mudança na composição do imperativo; e (iii) tendência forte à expressão obrigatória do pronome nominativo, decorrência de rearranjos na estrutura sintática.

Resultou desse cenário de transformação que a forma de tratamento *vossa mercê* passou a caracterizar relações solidárias e simétricas<sup>3</sup>. Posteriormente, após a expansão portuguesa às colônias, já era o *você* a forma de endereçamento mais utilizada nas relações simétricas e solidárias, tendo ela se instituído no português brasileiro com o mesmo status de simetria de relações, ao lado também das variantes *vossa mercê*, *vassuncê*, *vosmecê*, *vancê*, *ocê*, *cê* etc. Menon (1995) corrobora esse posicionamento, afirmando que é

[...] importante destacar que a forma *você*, oriunda de uma forma honorífica, seguiu uma trajetória de modificação de valor ao lado da modificação fonética. No entanto, sempre foi uma forma de se dirigir ao interlocutor (a clássica segunda pessoa): primeiro numa relação de inferior para superior; em seguida numa relação de igual para igual e de superior para inferior, ou, em outras palavras, de um tratamento não-íntimo para um tratamento íntimo (MENON, 1995, p.95).

O *tu*, por sua vez, e considerando também o PB, divide espaço com o *você* como forma de endereçamento, tendo presença expressiva principalmente nas regiões norte, sul e nordeste, e ocupando espaço de relações entre pares íntimos ou em interações conflituosas, conforme Brown e Gilman (1960).

As configurações sociolinguísticas do uso de uma ou outra forma de tratamento são responsáveis pelo surgimento de um interessante campo de pesquisa: o das implicações linguísticas (gramaticais) e sociais relacionadas à alternância entre formas de tratamento, tais quais, por exemplo, rearranjo de paradigmas verbais, surgimento de subsistemas de tratamento em que *você*, *tu* e locuções como *o senhor/a senhora* dividem espaço e vão organizando aspectos estruturais e sociais da língua.

## 1.1 A SITUAÇÃO NA REGIÃO NORTE

---

<sup>3</sup> Isso significa dizer que as relações entre os interlocutores que utilizavam essa forma de tratamento estavam pautadas na igualdade, numa suposta simetria de posições na dinâmica social.

No extremo norte, numa área que cobre parte do Pará e do Amazonas, o pronome *tu* é tido como marca dialetal. Conforme Cruz (2012), em Belém, o *tu* é um “pronome primitivo”, uma das marcas mais expressivas da forte presença lusitana na região, herança advinda principalmente de colonos açorianos, que chegaram no Pará em meados do século XVIII, momento em que o português era língua minoritária e dividia espaço com a língua geral amazônica, dominante àquela época.

São poucos os trabalhos, em Belém, que dão conta tanto do uso de formas de tratamento quanto de concordância verbal variável com *tu*. O trabalho de Leal e Soares (1993), sobre o uso de formas de tratamento na relação entre pais e filhos belenenses, é um dos primeiros de que se tem registro. As autoras identificaram em Belém um sistema pronominal tripartido, no qual as formas pronominais *tu*, *você* e a locução *o senhor* dividem espaço na relação entre pais e filhos. No trabalho de coleta de dados, as autoras entregaram aos colaboradores gravadores de voz, que foram então posicionados em locais nos quais o núcleo familiar interagiu com mais frequência, como a sala e a cozinha. Concluiu-se, então, que o pronome *você*, indicativo de assimetria relacional, estava entrando no sistema pronominal do português dos belenenses, acomodando-se ao lado do *tu* (indicativo de simetria relacional) e de *o senhor* (indicativo de assimetria relacional), evidenciando uma “conjugação em mudança” (Cf. LEAL; SOARES, 1993).

O trabalho de Bezerra e Julião (2014) também tratou do uso de formas de tratamento na díade relacional pais-filhos em Belém, mas com o objetivo de identificar e analisar as crenças e atitudes que motivam a escolha de um dos pronomes do sistema de tratamento e olhando também para o que Brown e Gilman (1960) chamam de semântica do poder e da solidariedade. O trabalho tratou de analisar as concepções metalinguísticas dos falantes sobre a seleção dos pronomes de tratamento, concepções elicitadas utilizando o método da entrevista, que se subsidiou em um questionário metalinguístico. Concluiu-se que as relações na díade pai-filho estão se movendo do polo do poder para o polo da solidariedade, e que tais polos se organizam em torno das escolhas pronominais dos interlocutores: o *tu* indica intimidade e simetria relacional extremas, o *você* indica afabilidade, mas é menos íntimo e simétrico que *tu* e a locução *o senhor* indica assimetria de poder e polidez.

A partir de dados linguísticos coletados em seis capitais da região norte, quais sejam Belém, Boa Vista, Macapá, Manaus, Porto Velho e Rio Branco, Costa (2013), por sua vez, concentrou seus esforços de pesquisa na alternância entre *tu* e *você* nestas seis capitais. O corpus de sua pesquisa foi constituído por dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB), coletados com oito falantes de cada uma das cidades, entre os anos de 2004 e 2005. A metodologia de registro seguiu as orientações do projeto ALIB, que contém uma série de questionários a serem aplicados em campo, tais quais questionários fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático etc..

O autor também realizou testes de hipóteses relacionadas a variáveis linguísticas para verificar a concordância verbal variável com *tu* nessas seis cidades. Costa chegou à conclusão de que, nas seis cidades consideradas, o pretérito é o tempo verbal que mais favorece a *queda* da flexão canônica de segunda pessoa singular, seguido do tempo presente. O autor afirmou ainda que foram as variáveis extralinguísticas *gênero* e *escolaridade* as responsáveis pela manutenção das desinências canônicas.

Em Manaus, Martins e Martins (2014) também analisaram a alternância entre *tu* e *você*. Os autores chegaram à conclusão de que a seleção dessas formas alternativas leva em consideração o tipo de interação que os falantes estabelecem, isto é,

o *tu* é a forma escolhida nos contextos de diálogos (D2), que se caracterizam pela informalidade estilística. O emprego do pronome *você* opera em sentido contrário, isto é, nos contextos formais, que abrangem os registros classificados como entrevistas (DID) e elocuções formais (EF) (MARTINS; MARTINS, 2014, p. 191).

Também preocupados com a conjugação verbal relacionada à seleção de *tu*, os autores afirmam que esse pronome não ocorre com concordância verbal canônica na fala dos manauaras de baixa escolaridade mas ocorre em baixa frequência na fala de manauaras com ensino superior, em configuração semelhante à realidade linguística identificada em Belém nesta pesquisa.

## 1.2 A SITUAÇÃO EM OUTRAS REGIÕES DO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Na região nordeste, em São Luís do Maranhão, Alves (2015), analisou a alternância entre *tu* e *você*, dedicando também parte de seu trabalho à concordância verbal variável com *tu*. Alves levou em consideração a interação entre um conjunto de variáveis linguísticas e sociais nas dimensões entre e intrafalante, utilizando para isso um método de registro de dados que dava destaque à interação entre dois falantes – um homem e uma mulher, ambos escolarizados –, a metodologia das redes sociais. Em São Luís, de acordo com Alves, há um “sistema de tratamento enéário regido por formas que se alternam a depender dos interlocutores e das relações entre eles ou mesmo do ambiente em que ocorre a interação” (ALVES, 2015, p. 46-47). Dessa forma, a autora concentrou suas análises na seleção das formas alternativas *tu* e *você* e também ao *tu* com concordância canônica e sem concordância canônica, debruçando-se sobre um conjunto de 28 inquéritos sociolinguísticos com 328 ocorrências de formas de tratamento, sendo “126 ocorrências de *tu*, 168 de *você*, 27 da forma reduzida *cê* e 7 da forma *ocê*” (ALVES, 2015, p. 48).

Como resultado, Alves concluiu que o *tu* sem concordância canônica é a forma selecionada por falantes ludovicenses escolarizados em contextos de maior informalidade, o que permitiu à autora afirmar que o uso de *tu* (mesmo sem a concordância canônica) é parte da identidade linguística do maranhense de São Luís. O *tu* com concordância e o *você*, por sua vez,

se fizeram presente em interações mais informais, porém condicionadas pelo papel social do falante e do seu interlocutor ou ainda pelo tópico discursivo da conversa. Todavia ficou evidente que essas *variantes* são muito mais favorecidas em contextos formais, regidos por relações assimétricas (ALVES, 2015, p. 138).

Na região central do Brasil, Scherre *et al.* (2015) analisaram a entrada do pronome *tu* no sistema de formas de tratamento de Brasília, cidade cuja população foi constituída por migrantes de outras regiões do Brasil, principalmente do nordeste. Scherre *et al.* concluíram que as formas de tratamento na cidade de Brasília integram o sistema de tratamento V/T, (*VOCÊ/TU*), “em que, a depender de diversos fatores, o pronome *VOCÊ* pode variar de 30% a 95% ou, inversamente, o pronome *TU*, sempre sem concordância, pode variar de 5% a 70%” (SCHERRE *et al.*, 2011, p. 132). O sistema de tratamento identificado em Brasília, por sua vez, alinha-se a

outros seis sistemas pronominais identificáveis no português brasileiro que se organizam em torno da variação de *você*. Sendo assim,

a fala brasiliense sintetiza grande parte do Brasil: adota variavelmente um *tu* supra-regional sem concordância, que se espraia para domínios sociais e discursivos mais amplos, como traço local; retém os pronomes *você* e *cê*, em taxas variadas; mas não fixa o pronome *ocê*, também marcado, do Brasil central de Goiás e de Minas Gerais, com mais vigor em áreas rurais (SCHERRE *et al.* 2015, p. 132).

Na cidade do Rio de Janeiro, Santos (2012) analisou, à luz das teorias da variação e mudança e da polidez, a alternância entre *tu*, *você* e o sujeito nulo. A autora utilizou um método de registro de dados já consagrado por Labov (2008), o da observação rápida e anônima. No trabalho de campo, Santos solicitava aos sujeitos participantes da pesquisa instruções sobre como chegar a determinados lugares. Os fatores linguísticos e extralinguísticos levados em consideração na análise dos dados foram o paralelismo formal, a modalidade verbal, os tipos de oração, a escolaridade, o bairro e o gênero/sexo.

Dessa forma, Santos concluiu que os cariocas dispõem de um sistema ternário de tratamento, no qual as formas *tu* e *você* dividem espaço com o sujeito nulo, em uma configuração linguística e social que opera da seguinte forma:

[há] maior favorecimento do pronome *Tu* na fala de homens da Zona Oeste do Rio de Janeiro e entre ambulantes, principalmente, os da Av. Almirante Barroso. Tal variante ocorreu principalmente antecedida de outro pronome *Tu*, em atos de fala mais solidários e diretos, sinalizando certeza, ordem e obrigação. A variante *Você*, por sua vez, mostrou-se mais produtiva, na fala de mulheres gravadas no centro da cidade e no bairro da Tijuca (SANTOS, 2012, p. 122).

Em relação à situação do *tu* na região sul, Amaral (2003) afirma que esse pronome foi introduzido no Rio Grande do Sul, principalmente no extremo sul, por tropeiros e exploradores paulistas que estabeleceram rotas migratórias àquela região durante os séculos XVII e XVIII. Conforme Amaral,

os remanescentes linguísticos da região no extremo sul do Brasil, que era rota dos tropeiros, incluem o uso do pronome “tu” como modo prioritário de dirigir-se ao interlocutor, como forma de segunda pessoa singular. A utilização variável de concordância de segunda pessoa do singular nessa região está documentada no ALERS [Atlas

Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil], que atribui à metade sul do Rio Grande do Sul o lugar por excelência dessa utilização (AMARAL, 2003, p 14).

Ao longo de sua pesquisa, Amaral (2003) combinou uma série de fatores linguísticos e extralinguísticos relacionados ao traço da concordância verbal variável com *tu*. Num grupo, foram reunidas variáveis morfofonológicas, noutro grupo variáveis sintáticas e ainda noutro variedades estilístico-discursivas. O conjunto de variedades morfofonológicas levou em consideração: o tempo verbal, a forma de apresentação do verbo, a vogal temática e a tonicidade. A primeira diz respeito aos contextos temporais e modais mais propícios à concordância verbal variável. Amaral adverte, no entanto, que, por conta da presença do princípio de saliência fônica no “envelope de variação”, pode haver certa dificuldade em distinguir quando um ou outro atuam na concordância variável:

[como] atestou apropriadamente Loregian (1996, p. 67), a forma presa “-ste” é possível no pretérito perfeito do indicativo, e não há forma alternativa. Em vista disso pode haver dificuldade de percepção das características de variação – se por conta do tempo verbal ou da saliência fônica (AMARAL, 2003, p. 91).

Amaral também verificou que, em Pelotas, a forma de apresentação do verbo – se perifrástica, isto é, com verbo auxiliar, ou analítica – depende do tempo verbal. No caso de perífrases, o autor notou que os pelotenses dão preferência a essas formas nos tempos futuros do indicativo e pretérito mais-que-perfeito, sendo os verbos auxiliares mais comuns a essas construções “ter”, “ir”, “estar”. De acordo com Amaral, são as construções perifrásticas contextos mais propícios à concordância não-canônica. No que diz respeito à vogal temática, Amaral, citando estudo de Guy, afirma que a vogal temática /e/ é menos distintiva (ou seja, menos saliente) que a vogal temática /a/. Dessa maneira, os verbos com temas diferentes tendem a se comportar de maneira igualmente distinta quando a desinência é -s ou -ste. Quanto à tonicidade, outro elemento disposto no conjunto de variáveis morfofonológicas, Amaral, citando Lorengian, diz que os “verbos oxítonos, por terem acento na sílaba que vai receber a flexão de segunda pessoa, são mais marcados que os paroxítonos” (Lorengian *apud* AMARAL, 2003, p. 94). As variáveis de base sintática, conforme Amaral, são: o tipo de sujeito, o paralelismo formal, a classificação da oração no período, o tipo de sentença e a posição da oração na frase. As variáveis

estilístico-discursivas, por sua vez, são: o discurso reportado, a simetria das relações, o assunto e a focalização (subdivididos em: *foreground* ou *background*).

Lorengian (1996), tratando de objeto semelhante também em cidades da região Sul, testou uma série de hipóteses relacionadas à variação marcação de segunda pessoa no verbo x não marcação na ocorrência com *tu*. Reunindo as variáveis consideradas relevantes pela autora, tem-se, i) do ponto de vista estritamente linguístico, o paralelismo formal, a explicitação do pronome, o tempo verbal, a saliência fônica, a tonicidade do verbo, o número de sílabas do verbo, o contexto fonológico seguinte; por outro lado, ii) do ponto de vista social, considerou-se a interação emissor/receptor, a região, o grau de escolarização, a faixa etária e o sexo.

Submetendo as variáveis à análise no VarbRul (Variable Rule Analysis), Lorengian teve condições de interpretar os dados e pôr à prova as hipóteses inicialmente elaboradas. De acordo com os resultados por ela obtidos, as variáveis responsáveis pelo fenômeno da variação na concordância verbal com o uso de *tu* são o paralelismo formal, o tempo verbal, a explicitação do pronome, a interação emissor/receptor, a tonicidade do verbo e o número de sílabas do verbo (Cf. LORENGIAN, 1996).

Em Porto Alegre, Bolivar (2008) lançou um olhar às interações e à seleção dos pronomes de tratamento *tu* e *você* em três grandes centros comerciais da cidade, ranqueados em relação ao grau de prestígio social de cada um dos estabelecimentos. No processo de recolhimento dos dados, o autor prestou atenção às formas selecionadas pelos comerciantes para se dirigir aos clientes, utilizando para isto o método de observação rápida e anônima. Um dos objetivos centrais do trabalho de Bolivar foi determinar que lugar o pronome *você* ocupa no sistema de tratamento de Porto Alegre. Dessa forma, o autor concluiu que o *você*, em ambientes comerciais aos quais se atrelam maior prestígio social, é indiciador de legitimidade do interlocutor, uma vez que se contrapõe ao *tu*, mais comum a relações íntimas.

\*

A resenha feita ao longo desta seção teve como objetivo localizar este trabalho em relação a outros que tratam ou da concordância verbal variável com *tu*

ou da alternância de formas de tratamento em cidades ao longo do território brasileiro. A partir da leitura e resenha desses trabalhos, conclui-se que há uma configuração específica para o uso das formas de tratamento em cada uma das regiões sobre as quais se lançou um olhar. Esses subsistemas de tratamento, para me apropriar do termo utilizado por Scherre *et al.* (2011), levam em consideração a alternância entre *tu* e *você* – as duas alternativas pronominais disponíveis no português brasileiro, de acordo com Paredes Silva (2003) – e a relação dessa alternância com fatores tais como o tipo de interação entre os falantes, seus papéis sociais e condicionantes linguísticos.

Não são fáceis de contornar as dificuldades encontradas por pesquisadores que se debruçam sobre análises sincrônicas dos usos de formas de tratamento de segunda pessoa discursiva, uma vez que os métodos de registro mais comuns em trabalhos sociolinguísticos ou não dão total confiabilidade aos dados registrados, a exemplo da entrevista sociolinguística, ou esbarram em questões ligadas à ética da pesquisa<sup>4</sup>, a exemplo do método de observação rápida e anônima. Desta forma, no capítulo seguinte, trarei à tona a perspectiva sociointeracional, que serviu como dispositivo de análise dos textos reunidos em campo ao longo das entrevistas e deu uma outra direção ao trabalho.

---

4 A Unicamp, por exemplo, submete todos os projetos que envolvam pesquisas com seres humanos a um comitê de ética em pesquisa científica. Apesar de concordar com a necessidade de se estabelecer parâmetros éticos para uma pesquisa científica, à época da realização deste projeto (2015-2016), as formas de avaliação usadas pelo referido comitê estavam mais ligadas à área das ciências da saúde. Por exemplo, prescreve-se a necessidade de falar abertamente sobre os objetivos da pesquisa antes do início da entrevista. Numa pesquisa linguística, tal movimento é extremamente delicado, uma vez que explicitar o objetivo da pesquisa influencia no dado recolhido. A estratégia escolhida para a recolha dos dados foi estabelecer um diálogo da forma mais natural possível e então, só após o término da interação, revelar a natureza da pesquisa ao sujeito participante e então consultá-lo sobre a autorização da publicação. Não enfrentei empecilhos com nenhum dos sujeitos participantes, uma vez que todos assinaram o termo de consentimento esclarecido, autorizando a publicação dos dados. Felizmente, em meados de 2018, a Unicamp iniciou um grupo de trabalho para estabelecer um comitê de ética específico para a área de humanas.

## 2 VOLTANDO O OLHAR PARA A INTERAÇÃO

*[...] precisamos encarar o fato de que a interpretação do que dizemos é sempre um produto conjunto.*

A. Duranti. **Linguistic anthropology: a reader**

### 2.1 OS ESTUDOS DE TERCEIRA ONDA

A relação entre língua, cultura e sociedade tem sido um mote dos estudos sociolinguísticos desde sua fundação, nos idos de 1960. De lá para cá, a discussão sobre esta relação incorporou outras perspectivas teóricas, tais como a dos estudos cognitivos e dos estudos etnográficos e antropológicos, num movimento descrito por Eckert (2005) como *ondas sociolinguísticas*.

A primeira das ondas diz respeito à própria constituição do campo de estudos sociolinguísticos, nos idos da década de 60 do século XX; Labov, a partir de um estudo em Nova York, ajudou a estabelecer os estudos variacionistas a partir de um modelo teórico empírico, fazendo “correlações amplas entre as variáveis linguísticas e as categorias sociais primárias de classe socioeconômica, sexo e faixa etária” (ECKERT, 2005, p. 1). Eckert nomeia essa fase como “survey era” ou, em uma tradução próxima, *era dos estudos censitários*, ainda hoje uma característica proeminente (e mesmo central) de pesquisas sociolinguísticas; a autora, então, destaca como características desse momento os estudos quantitativos amplos de comunidades geograficamente definidas, o estabelecimento de mapas do espaço social a partir de hierarquias socioeconômicas e de variáveis como portadoras de prestígio/estigma e marcadores de categorias sociais primárias e, por fim, a compreensão do estilo como atenção dispensada à fala (cf. ECKERT, 2005).

Representada pelo célebre estudo em Martha’s Vineyard, também realizado por Labov (ainda na década de 1960), a segunda onda tem como principais características os estudos etnográficos de comunidades geograficamente definidas, a relação entre demografia e categorias locais, o estabelecimento de variáveis como indiciadoras de categorias localmente definidas e a compreensão de estilo como um ato de afiliação (*Idem*).

Por sua vez, a terceira onda, da qual sou beneficiário nesta pesquisa, organiza-se em torno dos seguintes aspectos: os estudos etnográficos de comunidades de prática, a construção de categorias locais a partir de instâncias

comuns, a compreensão de variáveis como indiciadoras de instâncias, atividades e características e de estilo como construção de uma *persona* (*Ibidem*).

Levando em conta as discussões realizadas no seio da terceira onda sociolinguística, analisaremos o conjunto de sete interações entre falantes do dialeto belenense e o pesquisador, relacionando a construção das instâncias interacionais com a variante concordância verbal canônica com *tu*, isto é, descreveremos e analisaremos a situação interacional a fim de estabelecer sua relação com o traço da concordância verbal canônica.

Desta feita, nas seções seguintes, farei a resenha dos trabalhos de Duranti (2001) e Salomão (2003) a respeito das discussões relacionadas à descrição de situações de fala nos campos teóricos da sociolinguística, da sociocognição e da antropologia linguística, assim como das discussões feitas por Gumperz (1992) a respeito das estratégias de interação que os falantes utilizam em situações de fala as mais variadas, partindo do princípio de que a “comunicação é uma atividade social que requer os esforços coordenados de dois ou mais falantes” e de que tal competência “requer conhecimentos que vão além da competência gramatical que precisamos para decodificar mensagens curtas e isoladas” (GUMPERZ, 1992, p. 1). O trabalho de Tannen e Wallat (2002), a respeito da negociação de esquemas e enquadres em situações interacionais, é também base na qual a discussão dos resultados estará ancorada.

## 2.2 A PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONAL

Em “Linguistic anthropology: a reader”, Duranti (2001) explora a relação dissidente entre os campos da linguística e da antropologia, marcando uma diferença de agendas teóricas entre a antropologia linguística e a linguística. Em suas elaborações, Duranti afirma que antropólogos não se aprofundam em descrições linguísticas, assumindo a língua em funcionamento numa comunidade como um “meio transparente da cultura [ou] um ‘cartão postal do campo’” (DURANTI, 2001, p. 4-5, tradução minha); isto é, de forma geral, pesquisadores da antropologia assumem que a língua manifesta na fala de uma comunidade qualquer é o que se mostra como evidência, ignorando, por exemplo, mecanismos de variação sociolinguística. Na mesma linha argumentativa, Duranti afirma que

linguistas, por sua vez, privilegiam em suas análises descrições de aspectos gramaticais, internos à língua, por vezes ignorando a vastidão do mundo social, com seus diversos códigos semióticos, suas maneiras de organização, seus rituais etc..

Aderindo a uma visão que o enquadra no campo de estudos antropológicos, Duranti define a *antropologia linguística* como uma área que estuda a linguagem *na* antropologia, isto é, a antropologia assume primazia sobre a linguística – principalmente no que diz respeito a procedimentos metodológicos e analíticos. Elucidando seu posicionamento, o autor afirma que, para estudar fenômenos de linguagem, o pesquisador deve levar em consideração o

mundo social, onde palavras estão incorporadas e são constitutivas de atividades culturais específicas como narração de histórias, solicitação de favores, cumprimentos, demonstrações de respeito, rezas, fornecimento de coordenadas, leitura, insultos (DURANTI, 2001, p.1, tradução minha).

Dito isto, o pesquisador que quer se filiar à antropologia linguística e se dedicar ao estudo da linguagem em funcionamento dentro de uma comunidade deve levar em consideração tanto condicionantes estruturais da língua, quanto condicionantes sociais, as atividades em que “tais sistemas [linguísticos] são usados e reproduzidos através da rotina” (DURANTI, 2001, p. 1, tradução minha), utilizando para isto o *método etnográfico*. Desta forma, Duranti define como agenda teórica da antropologia linguística a análise da performance linguística<sup>5</sup> dos membros de uma comunidade de fala em eventos de linguagem os mais variados, tais quais “encontros cotidianos, socialização da linguagem, eventos rituais e políticos, discurso científico, arte verbal, contato linguístico, eventos de letramento e mídia” (DURANTI, 2001, p. 5, tradução minha), e o papel crucial desta performance na “constituição da sociedade e de suas representações culturais” (*Idem*).

Assumindo o paradigma da sociocognição, Salomão (2003), por sua vez, afirma que o estudo da linguagem desenvolveu-se exponencialmente em torno da noção de referência, noção que surgiu em meados do século XIX, “em meio à forte inflexão da cogitação filosófica” (SALOMÃO, 2003, p. 72). A autora confronta o

---

5 Duranti define performance como a manipulação não somente de aspectos gramaticais da língua, mas também a habilidade de usá-los apropriadamente em diversas situações de fala, isto é, a performance é um aprendizado culturalmente dado que capacita o falante a criar um “repertório de atos de fala, a tomar parte em eventos de fala e a avaliar seu feito em relação a outros” (DURANTI, 2001, p. 17).

paradigma da referência estabelecido nesta época – tido como uma relação unívoca entre “representações simbólicas e estados-de-coisa-no-mundo” (*Idem*) –, argumentando que esta relação entre signos e coisas, que ela rotula correspondentista, é uma “desencarnação”; isto é, dentro desta perspectiva que se espalhou do século XIX para o XX, “o ato de referenciar é praticado por uma abstrata capacidade comunicativa, em transcendência das condições materiais de referenciação” (*Ibidem*).

No seio desta discussão sobre referência, a autora apresenta uma série de tendências teóricas na linguística que ora corroboram a visão correspondentista, ora tentam mitigá-las, a exemplo da gramática gerativa, com sua visão inatista da língua, ou das semânticas formais, com seus procedimentos baseados na criação de sistemas lógicos, circunscritos à própria linguagem, tendências que Salomão rotula de “internalismo”. De qualquer forma, correspondentismo e internalismo

constituem duas faces da mesma moeda – da reificação das polaridades ‘linguagem’ e ‘mundo’ para praticarem a exclusão do sujeito, de cuja atividade mental e comunicativa pode decorrer a superação desta dicotomia” (SALOMÃO, p. 73, 2003).

Ou seja, não há sujeito da/na língua. Está tudo dado *a priori* na própria língua/linguagem.

Desta forma, a autora reivindica o estudo da referência a partir da inclusão do trabalho do sujeito cognitivo na manipulação da/na língua, e tal trabalho

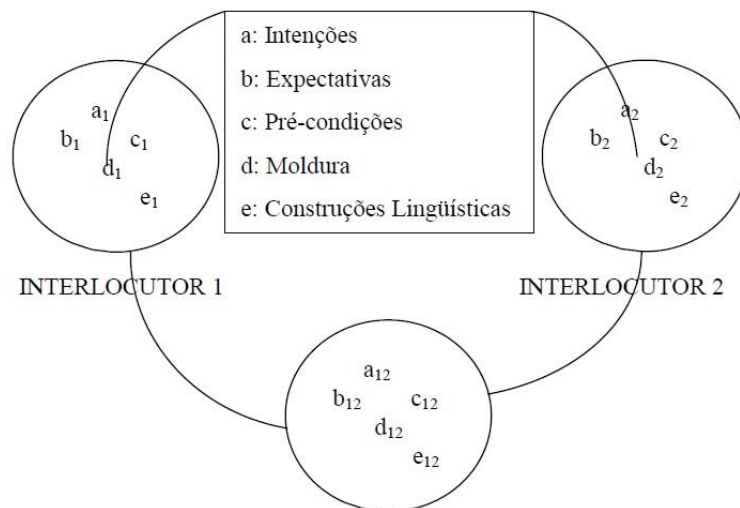
caracteriza-se como ecológico por orientar sua ação numa específica moldura (física, mental, social) e por movimentar contínuas semioses para a construção do sentido como entendimento localmente validado (SALOMÃO, 2003, p. 73).

Desenvolvendo sua linha argumentativa, Salomão afirma que os estudos de inspiração interacional ou discursiva têm se mostrado como via de superação das visões correspondentistas e internalistas, uma vez que consideram o sujeito e voltam seus olhares à produção de sentido em um “espaço cooperativo dos participantes na cena comunicativa” (SALOMÃO, 2003, p. 75). Desta forma, a autora filia-se à teoria dos espaços mentais, de Gilles Fauconnier, a qual prima pela “dimensão cognitiva do desdobramento do discurso em planos epistêmicos” (*Idem*), isto é, esta teoria transforma a referência em um processo relacional, de negociação

de sentidos locais e temporários, que se desenrola no plano do discurso e é condicionado por uma

herança, seja de bases de conhecimento estabilizado (modelos culturais, scripts, esquemas conceituais), seja de outros espaços mentais previamente originados. Sendo assim, sua especificação é sempre parcial, atendendo exclusivamente às necessidades comunicativas de enquadramento ou de especificação (SALOMÃO, 2003, p. 75).

Para ilustrar o funcionamento deste modelo teórico, a autora propõe o seguinte diagrama:



**Quadro 1** – Diagrama da teoria dos espaços mentais proposto por Salomão (2003)

Desta forma, a produção de sentidos em qualquer interação está condicionada a intenções, expectativas, pré-condições, moldura e construções linguísticas, as quais sinalizam interpretações possíveis de enunciados dentro de um quadro de negociações e reformulações em constante movimento.

### 2.2.1 Os esquemas de conhecimento e os enquadres interativos

Em “A situação negligenciada”, Goffman (2002) convida-nos a olhar a situação social de produção da fala como locus da pesquisa sociointeracional, argumentando que há outros aspectos para além da estrutura interna da língua que influenciam na interpretação de enunciados em uma situação de troca verbal. Desta forma, para lograr descrições do comportamento verbal na interação, é necessário observar o que ele chama de “cenário material” da produção de enunciados, isto é, o conjunto de características “semânticas, expressivas, paralinguísticas e cinéticas do

comportamento” (GOFFMAN, 2002, p. 14). Goffman esclarece que a noção de *situação social* caracteriza-se como

um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, [...] um lugar em que o indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão “presentes”, e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante (GOFFMAN, 2002, p. 17).

Seguindo esta preocupação teórica de olhar para a situação social de atividade de fala, Tannen e Wallat (2002), utilizando como suporte teórico a antropologia cultural, a semântica, a sociologia interacional e a psicologia cognitiva, identificam duas estruturas presentes em todas as situações de trocas verbais, os *esquemas de conhecimento* e os *enquadres interativos*. Assumidos pelas autoras como “estruturas de expectativas” dinâmicas, os esquemas de conhecimento dizem respeito às “expectativas dos participantes [de uma situação social qualquer] acerca de pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo” (TANNEN; WALLAT, 2002, p. 189); por sua vez, os enquadres interativos são estruturas nas quais os participantes se ancoram para interpretar enunciados e produzir sentido, isto é, “refere-se à percepção de qual atividade está sendo encenada, de qual sentido os falantes dão ao que dizem” (*Idem*).

Para ilustrar o funcionamento destas categorias e a forma como podem interagir entre si, Tannen e Wallat descrevem uma situação de consulta médica. Na situação descrita, uma pediatra examina uma criança acometida por paralisia cerebral ao mesmo tempo em que interage com a criança, com sua mãe e com uma câmera, que registra o momento da consulta para posterior exibição a profissionais de áreas distintas que atuam no mesmo local que a médica. Tannen e Wallat concentram sua análise nos registros linguísticos utilizados pela médica e nos enquadres que ela vai realizando e renegociando com essas três audiências.

Em resumo, a pediatra faz enquadres interativos diferenciados para cada uma das três audiências: com a mãe, a pediatra utiliza o enquadre da *consulta* médica, uma vez que sua preocupação é aliar informações técnicas ao diagnóstico da criança com o objetivo de não alarmar a mãe – que no momento da consulta demonstrava preocupação com o estado de saúde da criança –, utilizando, a exemplo, o registro da *conversa*; com a criança, o enquadre interativo é o da

*consulta*, uma vez que sua preocupação é tranquilizá-la e não deixá-la agitada, o que a médica faz utilizando registros diversos como os da *brincadeira* e da *conversa*, interagindo com a criança de forma despojada e afável; com a audiência do vídeo, o enquadre é o do *exame*, já que a preocupação da médica é utilizar, entre outros, os registros *médico* e de *relato* para um público que compartilha do mesmo enquadre e tem proficiência para interpretar e atribuir sentido às metamensagens da médica em relação ao quadro de saúde da criança.

Dadas as configurações desta situação, as autoras concluem que os enquadres feito pela médica, assim como a utilização dos marcadores linguísticos e dos diferentes registros, resultam da negociação constante com os esquemas e com os enquadres das três audiências, o que demanda um esforço cognitivo grande por parte da médica. Assim, a

compreensão do que sejam enquadres explica a extrema complexidade, e por que não dizer o fardo, da tarefa da pediatra ao examinar uma criança na presença da mãe. A compreensão do que sejam esquemas ilumina muitas das exaustivas explicações da médica [...] Ainda mais significativo é o fato de que o desencontro de esquemas o que frequentemente ocasiona questionamentos recorrentes da mãe, que por sua vez requerem que a médica interrompa o enquadre do exame e mude para o enquadre da consulta (TANNEN; WALLAT, 2002, p. 213).

### 2.2.2 As pistas de contextualização

Como Goffman (2002), Gumperz (1992), na obra “Discourse strategies”, preocupa-se em olhar para a interação como locus de investigação sociolinguística, afirmando, como premissa geral, que a comunicação entre pares é uma atividade social na qual “precisamos ser capazes de inferir, mesmo que em termos gerais, sobre o que se trata a interação e o que é esperado de nós” (GUMPERZ, 1992, p. 1, tradução minha). Assim, a interação é um processo que requer dos interlocutores mais que conhecimento gramatical, pois os enunciados nunca são interpretados de forma literal – sua interpretação depende de forma mais direta do conhecimento sociocultural que os interlocutores compartilham, isto é, a interpretação de enunciados na interação é sempre uma *interpretação situada*.

Uma vez que estabelecemos quais condicionantes socioculturais influenciam na manutenção da interação entre os falantes, dessa forma estabelecendo o que está em jogo na interpretação de enunciados em uma situação de fala específica,

análises linguísticas podem ser empregadas junto de entrevistas diretas dos participantes e de dados comparados de outros episódios similares para reconstruir quais são as pistas sinalizadoras empregadas e o conhecimento dos participantes que levam aos efeitos alcançados [ou seja, às *interpretações situadas*] (GUMPERZ, 1992, p. 6, tradução minha).

Isto é, Gumperz, consoante ao que defendem Tannen e Wallat (2002), afirma que a interpretação de longos trechos de conversa depende diretamente de “níveis de generalidade”, ou seja, para determinar “o que foi dito em qualquer ponto de uma conversação, nós nos alicerçamos em esquemas ou *frames* interpretativos baseados em nossa experiência assim como em nossos conhecimentos lexicais e gramaticais” (GUMPERZ, 1992, p. 21, tradução minha). É a partir disto que o autor propõe que olhemos para as pistas *de contextualização* que se estabelecem na interação e na produção de enunciados, para desta forma estabelecer quais conexões possíveis entre formas linguísticas e sua interpretação situada. Isto significa dizer que variedades linguísticas (e, por extensão, a própria variabilidade da língua) podem ter efeitos de sentido distintos e interpretações variadas a depender da situação interacional em que são produzidas/utilizadas. A exemplo, o uso da concordância verbal canônica com *tu* em Belém, de forma geral, ora pode ser interpretada como filiação a uma “identidade sociolinguística” belenense, ora pode ser interpretada como um índice de formalidade; por outro lado, a concordância verbal não-canônica pode ser índice de informalidade ou mesmo estar presentes em enunciados formulaicos (“tu é leso, é?!”). Em suma, vê-se que a variabilidade de um traço dialetal belenense é usada como um recurso expressivo, cuja interpretação depende da situação de fala em que é enunciada.

Desta forma, Gumperz define como pistas de contextualização aqueles elementos linguísticos que sinalizam “pressuposições contextuais”, ou seja, elementos linguísticos que permitem aos interlocutores construir uma co-interpretação de um enunciado qualquer dada a situação em que é produzido. Tais pistas são diretamente dependentes do “repertório linguístico historicamente dado dos participantes” (GUMPERZ, 1992, p. 131, tradução minha), o que significa dizer

que a construção de uma base comum de interpretação de um determinado traço linguístico depende do compartilhamento de um conhecimento situado historicamente entre os interlocutores na troca verbal.

Recorrendo novamente ao traço da concordância verbal canônica com *tu*, podemos argumentar, a exemplo, que, numa interação entre um falante carioca e um falante belenense, o uso deste traço pode gerar interpretações distintas, principalmente se levamos em conta o falante carioca. O falante paraense pode interpretar o uso do traço da concordância canônica como marcação de sua identidade sociolinguística – ou seja, como a marcação de uma diferenciação –, ao passo que para o falante carioca o uso deste traço pode ser interpretado como índice de formalidade extrema ou mesmo de uma atitude pernóstica em relação à língua. E estamos levando em conta aqui o fato de que é comum a esses dois falantes, nesta situação imaginada, o uso do pronome *tu* como forma de endereçamento ao interlocutor, mas não é comum aos dois o traço da concordância verbal canônica, obsoleto no dialeto carioca.

Gumperz argumenta também que há uma base perceptiva sobre a qual se constrói a interpretação da fala. Para além de aspectos fonéticos e rítmicos, o corpo assume importância, uma vez que

no ato de falar, olhos, rosto, membros e torso emitem sinais produzidos automaticamente [e estes] sinais não-verbais são linguísticos no sentido em que eles são aprendidos e internalizados pela interação, são culturalmente específicos e analisáveis em termos de processos subjacentes (GUMPERZ, 1992, p. 141, tradução minha).

Desta forma, sociolinguistas dispõem de pelo menos três sinalizadores linguísticos para analisar a construção de uma base interpretativa comum em trocas verbais: “o conteúdo semântico; [...] o paradigma sintático [...] e pistas de contextualização como a prosódia” (GUMPERZ, 1992, p. 145).

### **2.2.3 O texto como *lócus* de (co)produção de sentidos**

Koch (2005), fazendo referência ao trabalho de Isenberg (1976), retoma algumas propostas teórico-metodológicas formuladas na Linguística Textual. Listando oito aspectos presentes no trabalho deste autor, Koch insiste no fato de que cada um diz respeito a uma interface da produção e circulação de textos, o que,

pela variedade de perspectivas, pressupõe um trabalho interdisciplinar. Estes oito aspectos são a *legitimidade social*, a *funcionalidade comunicativa*, a *sematicidade*, a *referência à situação*, a *intencionalidade*, a *boa formação*, a *boa composição* e a *gramaticalidade*.

Em torno dessa preocupação teórica de olhar para o texto como um todo determinando por variáveis diversas, Koch afirma que “o processamento textual, quer em termos de produção, quer de compreensão, deve ser visto como uma atividade” (KOCH, 2005, p. 31). É nestes termos que desenvolveremos as análises dos textos produzidos pelos sujeitos entrevistados, levando em consideração que a ocorrência da concordância canônica na fala desses sujeitos revela *legitimidade social*, isto é, uma manifestação “legitimada pelas condições” (KOCH, 2005, p. 16), uma vez que os falantes procuram criar a imagem de competência em relação às instruções fornecidas e também tentam reproduzir um estereótipo do falante belenense (aquele que usa a concordância canônica com *tu*); e *referência à situação*, ou seja, “o texto como reflexo de traços da situação comunicativa” (KOCH, 2005, p. 17), já que o resultado da interação entre os sujeitos entrevistados e o pesquisador é também uma resposta tanto à estrutura de expectativas do esquema *entrevista* quanto aos enquadres interativos.

Outra perspectiva que traremos à tona na análise diz respeito às formas de organização do texto falado, ou seja, aquele produzido no contínuo tipológico da oralidade. Para Koch, textos orais apresentam-se

[...] “em se fazendo”, isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, a “pôr a nu” o próprio processo da sua construção. Em outras palavras, ao contrário do que acontece com o texto escrito, em cuja elaboração o produtor tem maior tempo de planejamento, podendo fazer rascunhos, proceder a revisões e correções etc., no texto falado planejamento e verbalização ocorrem simultaneamente, porque ele emerge no próprio momento da interação: ele é seu próprio rascunho (KOCH, 2005, p. 79).

Na construção deste tipo de texto Koch observa processos que revelam a existência de um sistema de “desempenho linguístico”, nos quais podemos observar regularidades que ela denomina de tipos e funções. Dessa forma, na construção de um texto falado, há presença de *inserções*, as quais têm a “macrofunção cognitiva de facilitar a compreensão dos parceiros” (KOCH, 2005, p. 84) através de uma

suspensão do tópico em andamento no qual é inserido algum tipo de material linguístico.

As *reformulações* também exercem influência na co-construção de sentidos do texto, podendo ser de dois tipos: as *reformulações retóricas*, as quais são realizadas “basicamente por meio de repetições e parafraseamentos, cuja principal função é [...] a de reforçar a argumentação” (KOCH, 2005, p. 88). E também as *reformulações saneadoras*, que têm função reparadora e operam através de paráfrases ou repetições “auto ou heterocondicionadas”, isto é, seja pelo locutor (no caso da primeira) ou pelo interlocutor (no caso da segunda).

As *hesitações* também exercem influência na co-produção de sentidos de um texto, mas, diferente das inserções e reformulações, têm outro estatuto: a hesitação é índice de planejamento/verbalização textual. Dessa forma, “não existe [...] trecho de fala sem hesitações, ao passo que podem existir trechos, mais ou menos longos, sem inserções ou reformulações” (KOCH, 2005, p. 91).

Dadas as várias possibilidades de formas oferecidas pelo sistema linguístico ao falante para produzir sentido em seus textos, Koch detém-se também na *articulação tema-rema*. Em termos gerais, os diferentes tipos de articulação entre tema-rema – que, nas palavras de Koch, é uma divisão no enunciado no qual em um segmento do enunciado (tema) recai uma predicação (rema) – são estratégias de tematização e rematização das quais o falante dispõe e que resultam de deslocamentos sintáticos dentro do enunciado.

Em textos falados, a forma de articulação e dinamicidade tópica do texto – tópico aqui é compreendido como “centração dada pela relevância local de um tema ou conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si” (KOCH, 2005, p. 149) – manifestam o que Koch chama de digressões, fenômeno que, de acordo com a autora, é constitutivo de todo texto conversacional, uma vez que exercem “papéis definidos, tanto na regulamentação como na sustentação da conversação” (*Idem*). Ela afirma que digressões são formas de “sustar” um tópico temporariamente, o que as faz de certa forma independentes de “materiais precedentes ou subsequentes” (*Ibidem*). No entanto, por serem componentes importantes de textos conversacionais orais, as digressões não só não tornam o texto incoerente como contribuem do ponto de vista da manutenção da interação.

Dessa forma, as digressões são de dois tipos: aquelas baseadas no enunciado e as motivadas pela interação. As primeiras subdividem-se em digressões baseadas no enunciado do tipo semântico – quando o falante, motivado pelo “conjunto de relevâncias” associado a um item lexical, faz recair sobre este item o conteúdo de seu enunciado –, do tipo associativo – quando se é possível estabelecer “relações paradigmáticas” com um item lexical na construção do enunciado – e do tipo pragmático – neste caso relacionado à “implicatura do enunciado”, não ao que está explícito nele. Já nas digressões baseadas na interação, o material inserido responde a uma necessidade imposta pela interação; neste caso, sem ter relação com o tópico sustado, já que é uma resposta à demanda de elemento externo, o interlocutor.

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, descrevo a abordagem metodológica em relação ao problema da variação entre *aplicação vs. não aplicação da regra de concordância verbal com o pronome tu* no seio da interação entre os sujeitos colaboradores e o pesquisador. Desta feita, em um primeiro momento, demonstrarei o percurso mesmo da coleta de dados, quais sejam: descrição dos sujeitos colaboradores da pesquisa, da elaboração do método de registro das interações, da condução do processo de registro, incluindo os instrumentos utilizados, como o sistema de transcrição e um questionário de práticas de letramento, além de observações de cunho etnográfico, registradas, à época da pesquisa, em caderno de campo que me acompanhou ao longo do processo. Num segundo momento, farei a apresentação das hipóteses, relacionando a concordância verbal canônica com *tu* à interação entre sujeitos colaboradores e pesquisador.

#### 3.1 CONTEXTUALIZANDO O TRABALHO DE CAMPO

Dado que a variável dependente deste trabalho é composta por uma forma de tratamento, as estratégias pensadas para o processo de registro dos dados tinham que levar em conta a interação entre os sujeitos e, mais do que isso, era necessário criar uma situação na qual os falantes utilizassem formas de tratamento para se dirigir ao interlocutor – o pesquisador. Uma vez que o registro de interações nas quais as formas de tratamento sejam utilizadas para referenciar diretamente o interlocutor representa um sem-fim de desafios ao linguista em campo, optei por elaborar algumas estratégias, pensadas a partir de algumas observações realizadas antes do início do trabalho de campo.

Tais observações, que explorarei de forma adequada nas seções a seguir, dizem respeito ao **(i) conhecimento dos ambientes da pesquisa** e à **(ii) elaboração de uma estratégia linguística para fazer emergir a variável dependente**.

#### 3.2 O REGISTRO DA INTERAÇÃO ENTRE SUJEITOS COLABORADORES E PESQUISADOR

Nesta seção, tratarei de apresentar os princípios que direcionaram o trabalho de campo, momento do registro dos dados. Para isso, incluirei detalhes sobre (i) o

local de realização da entrevista e (iii) sobre o tipo de interação que com eles tive – isto é, as condições (socio)linguísticas da realização da entrevista.

Seguindo o modelo tradicional da entrevista sociolinguística, a ideia inicial consistiu em trabalhar com um roteiro de perguntas pré-concebidas que solicitasse aos falantes selecionados **instruções**. Como a **solicitação de instrução** demanda, em geral, a presença de uma forma pronominal – uma vez que o requerente da instrução se dirige a alguém em busca de auxílio e o requerido, caso esteja habilitado a auxiliar, dirige-se em resposta ao requerente – a probabilidade da variável dependente ocorrer naturalmente na fala dos entrevistados seria maior. Metodologia semelhante foi utilizada, com resultados positivos, no trabalho de Santos (2012), para quem “a pergunta 'como se faz alguma coisa' permite que os interlocutores produzam sequências injuntivas e constitui método que favorece menções à segunda pessoa do discurso” (SANTOS, 2012, p.45).

Intentou-se fazer perguntas formatadas a cada um dos grupos etários considerados no desenho inicial da pesquisa; por exemplo, para os grupos com idade mais avançada, uma das perguntas fazia referência ao preparo de um prato típico paraense; para os grupos mais jovens, solicitava-se instrução de como chegar de um ponto a outro de Belém utilizando transporte coletivo. Percebi, no entanto, que as perguntas consideradas expunham alguns dos participantes a situações totalmente desconhecidas – por exemplo, a pergunta que tratava do preparo do prato típico. Além disso, somente com essas perguntas não consegui registrar muitas ocorrências da forma pronominal *tu* e a subsequente forma verbal, como alguns testes iniciais indicaram – a tendência dos falantes, em muitos casos, era não utilizar a forma *tu*<sup>6</sup>. Foi preciso pensar em outras estratégias.

Após a constatação de que as solicitações deveriam ser mais específicas, registrei o seguinte dado, de uma falante de aproximadamente 30 anos, quando interrogada sobre que procedimentos adotar para realizar a matrícula de alunos transferidos de uma escola a outra – devo ressaltar que a entrevista foi realizada em uma escola e que a falante faz parte do corpo administrativo dessa escola:

---

6 O *você* foi a alternativa. A alternância entre *tu* e *você* fornece um interessante campo de pesquisa, uma vez que o pronome *você* não é considerado “típico” da fala belenense. Para mais detalhes sobre a distribuição de formas de tratamento em Belém, ver o trabalho de Alves (2013), referenciado neste trabalho.

### Excerto 1

**Entrevistador:** ...Adriana **tu estás** fazendo esse negócio aí aí... como é que é que isso funciona mesmo... essa transferência de alunos... como é que eu faria isso?

**Adriana:** **TU** tem que trazer uma PASTA no caso se você for o aluno né::/ OU pode ser alguém da família ou quem for parente alguma coisa/ Aí **tu** traz certidão de nascimento, comprovante de residência, se você recebe o bolsa família /o número do ( )/ e:: ressalva OU histórico da escola que você tá vindo... se você for aluno novo, se você for aluno da escola, só atualizar os dados...

Nesse excerto de fala, temos duas ocorrências do pronome *tu*; tanto na primeira quanto na segunda não há aplicação da regra de concordância. Observa-se que o tipo de pergunta a ela feita trouxe à tona o pronome *tu*. Tendo isso em mente, propus, para a constituição do *corpus* da pesquisa, o trabalho com “perguntas disparadoras” em substituição a roteiros pré-estabelecidos que, em meu caso, foram pouco práticos.

Retomo, então, o primeiro dos dois aspectos mencionados no início da seção: o local de realização da entrevista. Ficou claro, dado o fracasso dos primeiros testes – nos quais poucas ocorrências da variável foram registradas – que as perguntas da entrevista deveriam ter relação intrínseca com atividades cotidianas dos participantes. Logo, se se pretende trabalhar em um local específico, ter em vista alguns aspectos é de fundamental importância: são necessários conhecimento prévio de atividades realizadas naquele local específico e das redes de relações estabelecidas pelas pessoas que lá circulam.

Os locais escolhidos para realização das entrevistas, então, foram a seção regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com sede na região central de Belém, e a Escola de Ensino Fundamental Profa. Maria de Fátima Monteiro Ferreira, localizada em uma área periférica, na região metropolitana de Belém, município de Marituba. Esses lugares foram escolhidos por duas razões: a primeira, de ordem prática, foi o fato de ter contato com uma funcionária do setor administrativo do IBGE e uma funcionária da escola (também do setor administrativo). A segunda razão, relacionada ao método de coleta dos dados, diz respeito aos desafios que se impunham a mim como linguista em campo: as perguntas feitas com o objetivo de trazer à tona a variável dependente deveriam ter

relação com atividades sobre as quais os sujeitos colaboradores tivessem conhecimento.

Como decidi trabalhar em ambientes profissionais, ter contato com pessoas que circulam nesses espaços foi crucial para preparar uma abordagem cuidadosa, que me permitisse conseguir os dados de que necessitava para a pesquisa – o que me foi possibilitado pelas funcionárias com as quais já tinha uma ligação anterior à pesquisa. Apesar dos possíveis vieses implicados nesse movimento, como, por exemplo, correr o risco de ter minha “identidade de linguista” exposta aos falantes com os quais pretendia trabalhar, e dessa forma correr o risco de registrar dados linguísticos pouco confiáveis, creio que a realização das interações, por fim, não saiu prejudicada, pois, na pesquisa etnográfica, é preciso ter algum nível de envolvimento com a comunidade ou *cluster* de indivíduos com os quais se pretende empreender projetos de investigação linguística.

Quanto ao segundo aspecto, o perfil profissional dos informantes, pude, a partir de um levantamento de informações sobre as atividades profissionais realizadas tanto no escritório do IBGE quanto na escola, reiniciar o trabalho de campo pondo à prova a suposição de que perguntas relacionadas com a vida cotidiana das pessoas que circulam nesses ambientes me forneceria dados mais confiáveis, ou seja, com maior incidência da variável. Nos dois ambientes, as atividades tinham a ver com trabalho administrativo e de secretaria. No caso do IBGE, as atividades também incluíam organização do trabalho feito pelos agentes do instituto na rua – entrevista, aplicação de questionários. Neste ponto, ecoa o clássico trabalho de Labov ([1972] 2008) sobre a realização socialmente estratificada do /r/ em lojas de departamento de Nova York, pois, inspirando-me em seu trabalho, minha preocupação primeira foi reunir a maior quantidade de informações possíveis sobre os locais de realização da pesquisa, como fez Labov ao coletar informações a partir dos anúncios de jornais das lojas onde realizou sua investigação. No meu caso, entretanto, a reunião dessas informações serviu unicamente ao propósito de formular as “perguntas disparadoras” da entrevista. Como as atividades realizadas nos dois locais selecionados eram bastante diversas e altamente especializadas, a formulação de questionários de entrevista mais extensos tomaria um tempo do qual eu não dispunha naquele momento. A solução por mim encontrada foi partir de uma solicitação geral: “Descreve as atividades que tu realizas/realiza aqui”. Essa

solicitação – que serviu muito mais como um gatilho para iniciar a conversa que um “questionário” – permitiu que eu, na própria interação, pudesse pensar nas instruções a serem requeridas. Essas instruções, em todos os casos, tinham a ver com a atuação profissional dos participantes, atividades que eles realizavam diariamente e sobre as quais tinham bastante conhecimento; ou seja, as perguntas acabavam sendo tão específicas quanto as atividades, conforme exemplo abaixo, da falante Isabel<sup>7</sup>, funcionária do IBGE, no momento em que me explicava um procedimento interno do IBGE relacionado a financiamento do trabalho de campo dos agentes do instituto que atuam em cidades do interior do Pará.

## Excerto 2

**Entrevistador:** ...digamos assim: suplemento de fundos, né::? a pessoa precisa ir pra... Marajó pra Soure... é:::... ela precisa de tantos reais/ e aí como ela faz? ela entra com um processo em algum lugar?...

**Isabel:** é assim existe uma um cronograma da pesquisa, né? então a partir desse cronograma o gerente de planejamento... é:::... o gerente de planejamento da pesquisa logicamente ele é quem vai definir como é que vai ser/ a quantidade de diárias, o valor do suprimento de fundos... essa pessoa vai solicitar obviamente... ela que começa o processo ela vai mandar um email pro gerente dizendo que ela vai ter que conforme o cronograma tal que ela vai ter que cobrir a área... e isso tem um custo de transporte X e precisa de tantos dias/ aí com base nisso ele autoriza o andamento aí começa o processo e vem pra gente...

Para reforçar a emergência do pronome de segunda pessoa, outra estratégia da qual fiz uso foi a indução da forma *tu*. Ao solicitar quaisquer instruções, a forma selecionada de minha parte para iniciar a interação com os falantes foi sempre o *tu* – mesmo que o uso dessa forma pronominal pudesse gerar um efeito de sentido relacionado a um campo semântico de maior intimidade. No entanto, entre os funcionários do IBGE, por demanda de seu campo de atuação profissional (pesquisa, coleta de dados etc.) são treinados para (e estão também acostumados a) interagir com pessoas de todo o espectro social, sendo dessa forma os que mais utilizaram a forma pronominal *tu* sem maiores reservas em relação a questões de intimidade.

---

7 Todos os nomes utilizados para fazer referência aos sujeitos participantes são fictícios.

Além disso, já que a variável dizia respeito à aplicação vs. a não aplicação da regra de concordância na ocorrência com o pronome de tratamento, procurei alternar também as variantes, ora aplicando a regra canônica, ora ignorando seu uso, como no trecho de entrevista abaixo. A utilização dessa estratégia teve por objetivo verificar em que pontos da entrevista o falante convergiu linguisticamente com a audiência (o pesquisador).

### Excerto 3

**Entrevistador:** ...eu peço que **tu me expliques** como eu deveria proceder... quais seriam as minhas funções o que eu deveria fazer, né?

**Oswaldo:** por exemplo o meu caso/ **tu chegou** comigo/ qual é seu nome mesmo?

[

Ricardo

“Ricardo/ Ricardo chegou a tua vez Ricardo ( ) Ricardo **você** fez o concurso do::: do ( ) barra dois mil e treze do IBGE e **você** foi selecionado **você** tá sendo chamado você vai vai precisar dessa vaga ou **você** já tem outra vaga” **você** vem/ aí **tu dizer** sim ou não depende da tua resposta/ **Ø dizer** sim “tudo bem não”/ ( ) aí eu vou te dizer o::: o/ ele vai te dizer o documento necessário e **TU vem** aqui/ aqui tu *vai* te apresentar diretamente pro ( ) que é aqui onde eu estou/ aqui vão dizer pra onde você vai... vamo dizer que **tu vai** pra minha::/pr’onde eu trabalho/prá minha supervisão que é a indústria ((passa a usar *você* como forma de tratamento a partir desse momento))

Apesar da ideia inicial de elaborar questionários específicos ter sido pouco proveitosa, e por isso não ter sido executada, a suposição que levou ao planejamento desses questionários e levou à elaboração de uma estratégia para iniciar a interação provou estar correta: posso afirmar que os dados obtidos, além de terem sido registrados em um contexto que não causava estranhamento aos sujeitos participantes, trouxeram à tona a ocorrência da variável dependente. O processo de entrevista, em geral, não se prolongava muito: cada entrevista teve, em média, de 5 a 20 minutos de duração, a depender da disposição do colaborador. Acredito ainda que a solicitação de instruções, levando em consideração o local de realização da pesquisa, a atuação profissional dos participantes e a minha própria presença e

conduta enquanto pesquisador e falante do dialeto belenense<sup>8</sup>, fez emergir mais facilmente o pronome e as consequentes formas verbais que o acompanham.

Além dos dados obtidos nos dois locais mencionados, incluí também dados de dois sujeitos que forneceram instruções a mim em outros locais e contextos – os sujeitos Valéria e José forneceram a mim instruções de como chegar de um ponto a outro de Belém utilizando transporte público. Optei por manter os dados de fala destes dois sujeitos porque eles manifestaram o traço da concordância verbal canônica.

Como suporte para as observações etnográficas e as interações registradas, também utilizei um questionário socioeconômico e de práticas de letramento, geralmente preenchido pelos colaboradores após o término da gravação. Dividido em duas partes e composto por onze perguntas, o questionário socioeconômico e de práticas de letramento foi elaborado antes do trabalho de campo. É a única parte da pesquisa que não sofreu alterações drásticas frente aos desafios com que me deparei em campo. O questionário serviu ao propósito de dar aos falantes a oportunidade de falar um pouco de sua condição social e sobre atividades ligadas à produção e leitura de textos escritos em suas práticas cotidianas.

Em relação à primeira parte do questionário, a que trata de aspectos socioeconômicos, elaborei sete perguntas, algumas de cunho meramente informativo, como nome e cidade natal, outras mais relacionadas à situação de pesquisa, quais sejam: gênero, nível de instrução, profissão/cargo e renda mensal individual.

Com a segunda parte do questionário, a que trata de práticas de letramento, quis-se verificar em que medida tais práticas podem estar relacionadas à retenção da desinência verbal de segunda pessoa singular na ocorrência com *tu*, uma vez que tomarei a aplicação da regra de concordância como parâmetro para minha análise. As perguntas desta seção do questionário foram: a) Você se considera um leitor ativo?; b) Se sim, tais leituras estão relacionadas à sua atividade profissional ou você também faz leituras recreativas?; c) E em relação à escrita, você costuma produzir textos (em redes sociais, atividades profissionais etc.)?; d) Você se

---

<sup>8</sup> Este último aspecto, para uma pesquisa de aporte etnográfico, é de fundamental importância: o fato de eu ser natural de Belém pode ter sido também um facilitador do uso da forma pronominal *tu*. O mesmo poderia não acontecer caso eu fosse natural de outra região do Brasil.

considera um produtor de textos escritos competente ou sente dificuldades na hora de produzir um? Se sim, aponte algumas de suas dificuldades.

A utilização desse questionário, relacionada às observações etnográficas da situação interacional, me permite fazer inferências sobre em que medida práticas linguísticas ditas letradas, como a produção de textos de gêneros diversos ligados às práticas dos sujeitos colaboradores, podem estar influenciando na manutenção da concordância canônica.

Na seção seguinte, farei a apresentação de cada colaborador, incluindo detalhes de seus respectivos perfis e sobre o momento de registro da interação.

### 3.3 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS COLABORADORES DA PESQUISA

Antes de ir a campo, segui as recomendações de Tarallo (1993) no que diz respeito à elaboração dos grupos de sujeitos colaboradores – as células sociais. Utilizei como critérios fatores como gênero/sexo, faixa etária, nível de instrução e naturalidade/residência (todos precisavam ou ser de Belém ou ter estabelecido lá residência por pelo menos 20 anos) – as variáveis extralinguísticas do trabalho sociolinguístico clássico. Combinados os critérios e estabelecidos os perfis dos informantes apropriados à pesquisa, cheguei a um total de 18 células sociais e realizei vinte e duas gravações com dados úteis à pesquisa. Os dados ficaram distribuídos de maneira mais ou menos uniforme – gravações de onze homens e de onze mulheres formam o conjunto de entrevistas. Neste grupo de colaboradores, o traço da concordância verbal canônica manifestou-se em sete sujeitos. O restante utilizou a concordância não canônica. E mesmo os sete sujeitos que utilizaram o traço da concordância canônica variaram o uso deste traço com a concordância não canônica.

A metodologia clássica dos estudos sociolinguísticos prevê que realizemos testes estatísticos com dados empíricos, mas o número de ocorrências coletadas, dada a dificuldade de registrar a interação e o uso de formas de tratamentos em um contexto “natural”, não permitiu a realização de testes que atribuíssem confiabilidade à análise: foram 113 dados de concordância verbal variável com *tu*, dos quais 43 dizem respeito à concordância canônica. No entanto, no processo mesmo de realização das entrevistas, a observação da interação entre os sujeitos abriu caminho a outras possibilidades de análise e interpretação dos dados. O trabalho analítico, desta forma, passou a se concentrar na fala desses sete colaboradores,

especificamente nas condições de registro dos dados, isto é, na *situação de trocas verbais* entre pesquisador e falantes levando em consideração o traço da concordância verbal canônica com *tu*.

Desta forma, o trabalho configurou-se como um estudo sociointeracional das comunidades de prática onde desenvolvi o trabalho de campo, com o objetivo de analisar o comportamento da concordância verbal com *tu* dentro das situações de interação entre sujeitos e pesquisador – um trabalho beneficiário da terceira onda de estudos sociolinguísticos.

Junto às informações obtidas com o questionário socioeconômico e com o questionário das práticas de letramento, acrescentei também as informações registradas no caderno de campo sobre o ambiente de pesquisa, sobre a situação de interação com os colaboradores e sobre os próprios colaboradores, montando fichas, uma para cada falante, com colunas relacionadas a essas informações. A associação de todas essas informações assim como a apresentação de forma mais detalhada do que cada informante “troux” para a interação serão feitas no capítulo pertinente.

Levando em consideração a pressão que movimentos migratórios exercem na língua, no desenho do método do trabalho de campo optei por estabelecer que estariam aptos a fazer parte da pesquisa sujeitos que ou fossem naturais de Belém ou tivessem residência fixa na cidade por pelo menos 20 anos. Felizmente, todos os sete falantes para os quais se direciona a atenção na análise dos dados são naturais de Belém ou são filhos de migrantes de cidades do interior do Pará, principalmente de cidades da mesorregião nordeste do estado, como Bragança, Capanema e Igarapé-Miri, locais onde o uso de *tu* e da concordância verbal variável também são marcas dialetais. Outra particularidade desses sujeitos é que todos possuem ensino superior e lidam, em graus diferentes, com práticas da “cultura letrada” – isto é, seus trabalhos envolvem leitura e produção de textos de gêneros acadêmicos (monografia, artigo científico, planos de aula, projetos de ensino) e de gêneros típicos do trabalho de escritório ou corporativo (pareceres técnicos, memorandos, ofícios, cartas).

Abaixo, farei uma descrição mais acurada de cada um dos sujeitos, estabelecendo seu perfil individual (incluindo as informações do questionário de práticas de letramento) e de seu comportamento durante a interação para, na

análise, aliar estas informações ao seu comportamento verbal. Os nomes utilizados para se referir aos sujeitos colaboradores são todos fictícios.

### 3.3.1 Eduardo

Parte do corpo técnico-administrativo do escritório regional do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia, Eduardo tem 35 anos, é natural de Belém e possui nível de escolaridade superior. À época da pesquisa, era estudante de pós-graduação na área de administração. Sua função, no IBGE, corresponde a de analista administrativo – isto é, ele atua na sua área de formação. Basicamente, em seu trabalho no IBGE, Eduardo fiscaliza a eficiência de processos de licitação e contratação de serviços e produtos. Seu trabalho não se estende para além dos muros do prédio do escritório regional do IBGE, localizado em uma área central de Belém. No curso da interação, solicitei a Eduardo que me explicasse o que eu precisaria fazer caso fosse substituí-lo temporariamente em suas atividades no IBGE.

No seu dia a dia no trabalho, Eduardo precisa ler contratos e especificações de produtos, assim como redigir pareceres técnicos, cartas, memorandos e outros gêneros textuais correntes em ambientes corporativos. No questionário de práticas de letramento, Eduardo afirmou que costuma, por conta das exigências do trabalho e também de seu curso de pós-graduação, produzir muitos textos, não só de gêneros textuais relacionados à sua atuação no IBGE, mas também artigos, resumos. No que diz respeito à leitura, Eduardo costuma ler não só os materiais de trabalho ou de seu curso, mas também textos literários, o que faz por recreação.

A interação com Eduardo aconteceu em horário de expediente, em sua sala de trabalho, num momento em que ele pôde me receber. Durante a interação, que se iniciou no esquema *entrevista*, Eduardo manteve uma postura muito séria e compenetrada. Esclareci a ele, no início, que eu era um pesquisador da Unicamp. Não me referi de forma aberta à área, apenas mencionei, vagamente, que minha pesquisa tinha a ver com o comportamento do paraense no momento em que era solicitado a dar uma instrução. Eduardo sentou-se à mesa, em sua cadeira, em uma sala compartilhada com outro funcionário, deixando-me sentar na cadeira imediatamente à sua frente. Ao longo da interação, não houve tangenciações de tópico, ou seja, a interação restringiu-se à atuação profissional de Eduardo.

### 3.3.2 Rosa

Pedagoga e professora de nível fundamental, Rosa tem 34 anos, e é funcionária da Escola de Ensino Fundamental Profa. Maria de Fátima Monteiro Ferreira, localizada no município de Marituba, na região metropolitana de Belém. Como com outros funcionários da mesma escola, a entrevista com Rosa foi realizada durante as reuniões de planejamento anual promovidas pela coordenação da escola, em um momento de intervalo entre as atividades.

Ao longo da interação e registro da interação, a solicitação de instrução requerida à Rosa estava relacionada à sua atuação como professora na escola em uma situação específica: que instruções ela daria a um estagiário que a substituiria em algumas aulas e aplicaria as aulas que *ela* havia planejado? O processo, que se iniciou no esquema *entrevista*, foi breve, já que Rosa estava no intervalo de suas atividades no planejamento da escola. Sua postura – tanto física quanto linguística – foi bastante formal: Rosa reformulava a todo momento sua fala, preocupando-se em explicar com minúcia certos aspectos de sua atuação na escola e me instruindo em relação à situação fictícia que criei para conseguir fazer emergir as formas de tratamento em sua fala. Como com Eduardo, Rosa também não tangenciou para outros tópicos de conversa, até porque o tempo de que dispúnhamos era curto.

No questionário de práticas de letramento, Rosa afirmou que toda sua produção textual e práticas de leitura estão voltadas para a sua atuação profissional como professora da escola. Ela se considera uma leitora e produtora de textos proficiente, embora tenha afirmado que sente dificuldades em relação à produção de textos mais longos.

### 3.3.3 Diogo

Diogo, 47 anos, é estatístico por formação, mas atua como diretor de um dos projetos de pesquisa do IBGE, o projeto de coleta de dados de matrimônios, divórcios, nascimentos e óbitos em cartórios do Pará. Essa função, de acordo com Diogo, exigiria dele apenas formação técnica em informações geográficas e estatísticas. Os projetos do IBGE são todos sazonais e os dados coletados são de caráter censitário. No seu desenvolvimento, os funcionários do IBGE, num primeiro momento, solicitam os dados dos cartórios ou se deslocam até cartórios de cidades do interior, caso as informações solicitadas não sejam enviadas à equipe. Após a

etapa de coleta, os funcionários organizam os dados de acordo com parâmetros definidos pelo próprio IBGE. Depois de organizados, os dados já tabulados são enviados à sede nacional do IBGE, que se localiza no Rio de Janeiro. Todo esse processo toma de um a dois anos, e cada projeto é responsável por um tipo (ou tipos) de dado censitário.

Por ocupar posição de chefia, ao longo da interação, Diogo demonstrou bastante segurança quanto às informações fornecidas a mim, que estava na posição de “aprendiz”. Sua postura corporal era a de alguém que realmente se colocava na posição de instrutor – sentou-se ao meu lado, com os documentos e papéis necessários à explicação do trabalho realizado por ele e sua equipe no IBGE. Sua postura comportamental seguiu a mesma lógica – num tom eficiente, explicou-me os procedimentos, dificuldades e burocracias relacionadas à atividade realizada por ele e sua equipe. Esse processo todo se deu em um momento em que toda a equipe estava sistematizando as informações coletadas nos cartórios e já se encaminhando ao encerramento das atividades do projeto. Por isso, a interação foi bastante breve e realizada em um momento em que os três membros da equipe de Diogo estavam todos presentes na sala, trabalhando (assim como Diogo). Não houve momento em que a interação tenha enveredado para outros tópicos, exceto ao que se relacionava estritamente à forma de funcionamento do projeto e à explicação do que eu precisaria fazer caso trabalhasse com a equipe e tivesse que fazer a sistematização dos dados coletados em cartório (justamente a etapa do trabalho que estava sendo desenvolvida naquele momento).

No que diz respeito a práticas de letramento, Diogo afirmou que produz mais textos relacionados às suas funções no projeto, tais quais relatórios, notas técnicas e e-mails. Diogo informou que lê, quase que exclusivamente, os dados coletados pelo projeto e notícias publicadas em portais *online* de grandes jornais.

### **3.3.4 José**

Dos sete sujeitos para os quais a atenção se dirige neste texto, José é um dos dois que não fazem parte nem da equipe do IBGE e nem do corpo de funcionários da escola. José tem 25 anos, tem escolaridade superior e é professor de teatro em Belém. Ele também cursa uma pós-graduação na área de história. A interação com José aconteceu à porta de uma das salas de cinema da Fundação

Cultural do Pará, enquanto aguardávamos o momento da exibição de um filme que os dois assistiriam. É importante ressaltar que José e eu frequentamos o mesmo círculo de amizades em Belém e que ele, no momento do registro da interação, não sabia quais eram meus propósitos. Sem dúvida, o fato de termos uma convivência relativamente próxima influenciou José a usar o *tu* sem reservas quanto a questões relacionadas à intimidade – ou à simetria de relações, conforme Brown e Gilman (1960).

No curso da interação, que foi bastante curta, José afirmou estar relativamente desconfortável. Disse-me que “entrevistas” de qualquer gênero deixavam-no apreensivo – mesmo que o tópico de nossa interação não tenha sido um assunto pessoal. Nossa interação também foi baseada na solicitação de uma instrução. No caso de José, a *solicitação de como chegar de onde ele mora até onde estávamos naquele momento utilizando transporte público*. O colaborador respondeu a pergunta em um tom ligeiramente nervoso, como se estivesse sendo testado – suspeito que ele acreditava que minhas perguntas eram algum “teste” relacionado à língua, muito embora eu não tenha revelado em momento algum os objetivos da pesquisa que eu estava conduzindo naquele momento. Sua postura corporal e linguística, no momento da interação, era a de alguém que estava realmente preocupado em fornecer as informações da forma mais precisa possível – movimentava as mãos de forma a auxiliar na orientação que estava me fornecendo e a modulação de sua voz alterou-se do momento pré-gravação à gravação em si (quando liguei o gravador, ele passou a usar um tom mais “professoral”, de quem quer ser o mais didático possível); ele também preocupou-se em manter a concordância verbal canônica, porém não de maneira uniforme, variando entre aplicação e não aplicação da regra de concordância.

No questionário de práticas de letramento, José afirmou que costuma produzir textos relacionados às práticas profissional (atividades, provas, projetos, troca de e-mails), e também em redes sociais, como facebook e instagram. Também costuma produzir textos relacionados à pesquisa dentro da academia, uma vez que cursa pós-graduação em história (em nível de doutoramento). Em relação à leitura, afirmou que, principalmente por conta de sua formação e das exigências de sua profissão e do seu curso de pós-graduação, lê textos de gêneros variados, tais quais gêneros

acadêmicos (artigos, teses) e gêneros literários variados (poema, romance, biografia, teatro).

### **3.3.5 Isabel**

Analista de gestão e de planejamento no IBGE, Isabel, de 33 anos, é administradora por formação. Isabel, como outros sujeitos entrevistados, também tem um perfil acadêmico – além do exercício de sua função no IBGE, Isabel faz mestrado na área de administração.

Antes do início da entrevista, esclareci a Isabel, como com outros colaboradores, que eu era um pesquisador acadêmico, sem especificar de qual área, apenas mencionando vagamente que estava realizando uma pesquisa sobre o comportamento do paraense em situações como a solicitação de instruções. Ao longo da interação, Isabel demonstrou bastante segurança ao falar de sua atuação profissional no IBGE. Seu tom era calmo, firme e seguro. Entrevistei-a na sala que dividia com mais dois funcionários, num ambiente separado por divisórias que se estendiam até a altura do tronco. Isabel permitiu que a entrevista fosse realizada num período de 10 a 20 min antes do seu horário de almoço. Sentamos um de frente para o outro, ela na mesa em que ocupa e eu em uma cadeira imediatamente à sua frente. Conforme o esperado de uma situação em que nenhum dos interlocutores têm muita intimidade um com o outro ou são completamente desconhecidos, Isabel manteve um tom sério e compenetrado.

Por conta do pouco tempo de que dispunha para conversar com a falante, o tópico manteve-se na atuação profissional de Isabel, principalmente na concessão de instruções relacionadas a processos internos do IBGE, como a solicitação de fundos e compensação financeira para os funcionários que precisam viajar para a realização de pesquisa e coleta de dados em cidades do interior do Pará. No questionário de práticas de letramento, Isabel afirmou que, principalmente por conta de suas atribuições no IBGE e também por conta de sua produção acadêmica, com frequência lê e produz textos ligados a esses dois aspectos de sua vida profissional.

### **3.3.6 Alberto**

Enfermeiro por formação, Alberto, de 61 anos, atua como técnico em informações geográficas e estatísticas no IBGE. No curso da interação, solicitei a

Alberto que, primeiro, me explicasse qual era sua função no instituto para que eu pudesse solicitar as instruções de que necessitava – o que fazer caso fosse substituí-lo temporariamente. Cabe destacar que Alberto é um dos membros da equipe de Diogo e que a interação foi gravada no mesmo dia em que entrevistei seu chefe. Alberto, por sua vez, entrou em longas digressões especificamente sobre um tópico relacionado a suas atividades: a necessidade de funcionamento da lei que obriga os cartórios a enviarem seus dados ao IBGE. O áudio está praticamente inaudível em muitos pontos, não por conta da qualidade do gravador ou dos ruídos ao redor, mas porque Alberto falou em um tom quase inaudível em vários momentos, como se estivesse com medo de ter suas críticas em relação ao funcionamento da lei mencionada acima ouvidas pelos colegas de trabalho ao seu redor. Sua postura física sinalizou isso – ele ficou curvado em minha direção, mantendo a cabeça abaixo do campo de visão dos colegas das salas ao lado – que se separava do cubículo onde estávamos apenas por uma divisória que se posiciona à altura do tronco, de aproximadamente 1,50m, e que dá uma ampla visão de todo o espaço do escritório e acesso rápido e fácil de um cubículo a outro. Alberto manteve esta postura durante toda a entrevista. Houve apenas uma ocorrência da forma de tratamento *tu* durante todas as suas longas digressões.

Por conta de Alberto ter se preocupado em dar explicações longas sobre seu trabalho, primeiramente explicando o que são as “pesquisas sociais” – o projeto de recolhimento de dados no qual trabalha – e depois comentando sobre o não cumprimento da lei, instituída durante a ditadura militar, que obriga os cartórios a cederem todas as suas informações de registro a órgãos ligados ao Estado, não houve tempo hábil para solicitar as instruções de que eu necessitava, pois o colaborador estava de saída. O tópico de nossa interação girou mais em torno da natureza do projeto no qual Alberto trabalha – ele primeiro explicou o que era o projeto e depois qual a dinâmica de funcionamento deste projeto.

Em relação às práticas de letramento, Alberto afirmou que lê mais do que produz textos escritos. Esse hábito da leitura diz respeito às exigências de seu trabalho, principalmente a “varredura” dos dados recolhidos por ele e sua equipe nos cartórios do interior. Ele afirmou também que produz textos escritos apenas muito ocasionalmente e somente por exigências do trabalho no IBGE.

### 3.3.7 Valéria

Professora de português, Valéria, de 26 anos, como José, foi entrevistada fora dos ambientes do IBGE e da escola. E como com José, Valéria e eu também frequentamos os mesmos círculos de amizade em Belém – frequentávamos a mesma faculdade.

No momento da entrevista, estávamos na casa de uma amiga em comum, em uma festa. Estudamos juntos ao longo da graduação, por isso realizamos reuniões como essa com certa frequência, principalmente quando colegas que moram em outras cidades ou estados retornam à Belém durante as celebrações de final de ano. *Dessa forma, a interação foi despojada, leve, com pouquíssima formalidade.* Realizei o registro da interação na sala da residência onde estávamos reunidos. Nesse momento, optei por solicitar a mesma instrução que requeri a José: perguntei à Valéria como fazer para chegar de ônibus no lugar onde estávamos caso viesse de onde ela veio. Antes disso, porém, disse para Valéria que gostaria de fazer algumas perguntas a ela, sem revelar muito sobre os objetivos dessas perguntas, apenas mencionando que fazia parte de uma “ideia de pesquisa”. Ela aceitou imediatamente, sem hesitação. Ela não demonstrou surpresa com a pergunta inusitada e nem demorou muito a responder. Por estarmos em um momento de descontração com outras pessoas, não pude prolongar demais a entrevista.

No questionário de práticas de letramento, Valéria afirmou que tem a leitura como hábito e também como exigência profissional. No que diz respeito à escrita, ela afirmou que produz textos também relacionados à prática profissional, como atividades, avaliações, projetos de ensino, e-mails, além de textos em ambientes virtuais, como as redes sociais facebook, instagram e whatsapp.

## 3.4 A CONSTRUÇÃO DAS HIPÓTESES DE TRABALHO

Ainda na fase inicial da pesquisa, tendo por base apenas dados de intuição à disposição, realizei o movimento de construir grupos de fatores linguísticos e hipóteses para análise da concordância verbal variável em Belém. Tal movimento levou em conta a frequência com que tais grupos de fatores eram mencionados nas fontes bibliográficas consultadas. A pesquisa seguiu seu curso, o que incluiu a etapa de trabalho de campo para efetuar a coleta de dados acima detalhada. Identificado o cenário linguístico a partir dos dados registrados, iniciei outra etapa, de refinamento de grupos de fatores linguísticos e de hipóteses. Por exemplo, Amaral (2003), em

seu trabalho sobre a concordância verbal variável com *tu* em Pelotas, propõe que sejam agrupados fatores linguísticos que compartilham semelhanças gramaticais e/ou lógicas. Dessa forma, o autor criou três conjuntos de fatores: os morfofonológicos, os sintáticos e os estilístico-discursivos. Em consonância à postura metodológica de Amaral, desenhei a pesquisa de forma a incluir tanto os fatores linguísticos mais frequentemente discutidos em trabalhos relacionados à segunda pessoa singular, quanto os fatores estilístico-discursivos, e dessa forma fui formulando hipóteses. No entanto, a exígua quantidade de ocorrências da variável não permitiu análises quantitativas que permitissem chegar a conclusões definitivas, tampouco deu condições para se analisar estatisticamente a interação entre variáveis linguísticas e estilístico-discursivas.

Baseado nas leituras de trabalhos relacionados mais diretamente a formas de tratamento, como os mencionados no primeiro capítulo, e trabalhos relacionados à discussão de aspectos interacionais, como os trabalhos de Duranti (2001), Goffman (1992), Gumperz (1992), Salomão (2003) e Tannen e Wallat (2002), nas seções seguintes apresentarei apenas resumidamente os grupos de variáveis considerados inicialmente para a formulação das hipóteses linguísticas e, mais detalhadamente, as hipóteses relacionadas à análise sociointeracional. Essas hipóteses tomam como ponto de partida o recorte dos dados que diz respeito aos sete falantes acima descritos que manifestaram a concordância canônica no momento do registro dos dados.

### **3.4.1 As variáveis linguísticas**

Após o trabalho de campo, procedi ao afunilamento dos grupos de variáveis linguísticas, contrastando as fontes bibliográficas consultadas com os dados recolhidos em campo. Dessa forma, cheguei a um conjunto de cinco variáveis linguísticas, as quais detalho abaixo.

Do grupo de variáveis morfofonológicas, selecionei três: a saliência fônica, os tempos e modos verbais e a forma de apresentação do verbo. Inicialmente proposto por Naro e Lemle (1976), o princípio da saliência fônica atua em ambiente morfofonológico. De acordo com esse princípio, o uso de formas verbais singulares em ambientes plurais acontece quando há menos probabilidade de se perder material fônico e informação morfológica – ou seja, quanto mais “saliente” for a forma verbal, mais chances há dos falantes manterem o traço. A hipótese que deu

suporte à inclusão dessa variável no conjunto de fatores foi a de que a forma –ste (desinência verbal de 2P) é retida justamente por ser perceptivelmente mais saliente. Resolvi incluir esta variável no conjunto de fatores linguísticos por entender a importância da escala de saliência fônica nos estudos sobre concordância variável (cf. NARO; SCHERRE, 2010a; 2010b) e também para descartar do bojo de explicações possíveis para o fenômeno aqui analisado a influência de aspectos morfofonológicos, fosse esse o caso.

Confrontando os estudos de Amaral (1999; 2003), Alves (2015), Costa (2013) e Lorengian (1996), formulei um “envelope” de tempos e modos verbais, para o qual a hipótese foi: os tempos e modos verbais presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, imperfeito do subjuntivo e presente do subjuntivo favorecem a retenção da desinência de 2P.

A forma de apresentação do verbo, na literatura consultada, mais especificamente em Amaral (2003), comparece sobreposta à variável saliência fônica. Ao se levar em consideração a aplicação da regra de concordância, há uma gradação relativa ao acréscimo de –s, –es ou –ste – somente em construções perifrásticas, e no verbo auxiliar. Em relação à variável tempo verbal, também relacionada à forma de apresentação do verbo, os dados de Amaral indicaram que os pelotenses dão preferência ao uso de formas analíticas, mesmo em contextos formais, em tempos como o pretérito mais-que-perfeito e o futuro do indicativo. Para essa variável, cheguei à seguinte hipótese: as construções perifrásticas favorecem a retenção da desinência de 2P.

Do grupo de variáveis sintáticas, recortei duas: o paralelismo formal no nível discursivo e a presença vs. ausência do pronome tu. Em relação ao paralelismo formal, levando em consideração os trabalhos de Lorengian (1996; 2004) e Naro e Scherre (1993), pretendi verificar se todos os verbos de uma construção verbal em série (com todos os verbos da série fazendo referência ao mesmo sujeito), na ocorrência com a forma de tratamento, recebem ou a desinência 2P ou Ø. Para essa variável, levei também em consideração a premissa de Poplack (1980) (*zeros levam a zeros, marcas levam a marcas*) para verificar se tal premissa se aplicaria também à variável dependente por mim investigada. Dessa forma, a hipótese a que cheguei foi: a marcação de 2P em um verbo com *tu* sujeito leva à formação de uma série

linear paralela em que todos os outros verbos ocorrentes no mesmo trecho de fala retêm a desinência de 2P.

No que diz respeito à presença vs. ausência do pronome *tu*, Lorengian (1996) afirmou que sujeitos pronominais manifestos desfavorecem a aplicação da regra de concordância, uma vez que, quando não manifestado o pronome, cabe “às desinências verbais indicarem de que forma o falante se refere ao ouvinte, uma vez que o pronome encontra-se elíptico” (LORENGIAN, 1996, p. 52). Tendo isso em vista, pretendi verificar se havia uma relação possível de se estabelecer entre a ocorrência do pronome em função de sujeito com a retenção da desinência de 2P. Notei que a presença do pronome *tu*, em alguns casos, e à revelia das conclusões a que chegaram tanto Amaral quanto Lorengian, de fato influencia na retenção da desinência de P2; até mesmo onde o pronome não se manifestava morfologicamente houve a ocorrência da desinência, como se vê no dado abaixo:

#### **Excerto 4**

**Eduardo:** pra que *tu pudesses* me substituir *tu precisarias* TÁ? ter conhecimento desse contrato tá::: [...] e aí Ø *precisas* acompanhar ele mensalmente e fazer determinados tipos de tarefa em relação a cada mês...

Para esta variável, a hipótese formulada foi: a presença do pronome *tu* favorece a retenção da desinência de 2P.

No entanto, como já dito, a quantidade de dados recolhida não permitiu que análises quantitativas fossem realizadas. Do número total de participantes, apenas entre sete registrou-se a variável dependente. Nos contextos interacionais descritos nos itens anteriores, o restante dos participantes (quinze) utilizou o morfema Ø (terceira pessoa singular) como regra categórica. De qualquer forma, na apresentação e discussão dos resultados, será apresentada uma tabela com a distribuição dos dados de cada variável na fala dos sete sujeitos.

#### **3.4.2 As “variáveis complexas” e as hipóteses relacionadas à interação**

O trabalho de campo demonstrou que o uso da desinência canônica está sujeita a pressões das situações de interação descritas anteriormente, levando em conta também *quem* são esses interlocutores. Dessa forma, conforme Valle e Görski (2016), na construção de variáveis relacionadas à interação e a aspectos discursivos há de se considerar “a existência de forças semântico-pragmáticas, estilísticas e

identitárias em competição atuando no uso dos itens analisados” (VALLE; GÖRSKI, 2016, p. 32), o que os autores chamam de “variáveis complexas”.

Desta forma, dadas as situações de ocorrência da concordância verbal variável, passei a considerar a influência de aspectos relacionados à interação entre pesquisador e sujeitos colaboradores e também a características específicas de cada um dos interlocutores – os dados, assim como as observações feitas em campo, deram base para que eu seguisse o curso da investigação tendo em vista esses fatores como vetores importante para entender a presença da desinência canônica na ocorrência com *tu* nas situações de trocas verbais descritas.

Abaixo, detalho a construção das hipóteses relacionadas à interação.

### **3.4.3 A interação entre sujeitos colaboradores e pesquisador e o traço da concordância verbal canônica – uma variável complexa**

Nos estudos sociolinguísticos, é consensual a perspectiva que associa a presença do pesquisador ao tipo de dado coletado, tensão elaborada por Labov ([1972] 2008) em torno da noção de *paradoxo do observador*. A presença do pesquisador é, sem dúvida, um vetor a se considerar na pesquisa sociolinguística beneficiária dos estudos de terceira onda. Uma das alternativas para minimizar o “ruído” que essa presença pode causar – e evitar, dessa forma, sérios vieses – é não se referir diretamente ao tópico *língua* no curso do registro dos dados (cf. SCHILLING-ESTES, 1998). Em meu caso, tal precaução não foi menos crucial: na abordagem aos potenciais participantes, referia-me à pesquisa como uma “pesquisa de comportamento” que investigava a conduta do belenense ao receber uma solicitação de instrução. Tal “solicitação”, central no método de campo desenvolvido, serviu não somente para iniciar uma conversa com os sujeitos e ajudar a pensar as perguntas a serem feitas, mas também foi uma estratégia para fazer emergir as formas de tratamento. No momento de registro dos dados, insisti em me autoidentificar como belenense realizando uma pesquisa acadêmica ligada a uma instituição de ensino superior de outro estado. No desenvolvimento da interação, também projetei de forma consciente na minha fala tanto a concordância canônica quanto a não canônica. Certamente, essa autoidentificação, relacionada à predicação “pesquisador de instituição acadêmica” e à projeção do traço variável na

minha fala, contribuiu para criar certas pressões na situação interacional em relação aos sujeitos – como o automonitoramento da fala.

Dentro deste método, os enquadres interativos realizados variavam ora da *solicitação de instruções*, ora para a *conversa*, e essa diferença de enquadres ocorreu dentro do esquema de conhecimento *entrevista*. Assim sendo, na ocorrência da concordância verbal variável, há interação de vetores relacionados não somente às pressões formais das noções de “certo” (aplicação da regra) e “errado” (não aplicação da regra), mas também ao perfil e status dos sujeitos envolvidos e aos esquemas e enquadres compartilhados entre os interlocutores na situação de troca verbal.

Tal constatação levou à suposição de que a projeção do traço da concordância verbal canônica na fala dos sujeitos está relacionada tanto ao fato de eu ter utilizado a concordância canônica em minha fala, quanto ao fato de que os falantes, podem estar reforçando ao seu interlocutor (eu, o pesquisador), dentro dos esquemas e enquadres interativos compartilhados, a imagem de falante proficiente de português, uma vez que eu me identifiquei como pesquisador acadêmico. É importante frisar, também, que todos os sete sujeitos que utilizaram a concordância canônica têm ensino superior e que, entre eles, quatro (Isabel, Valéria, José e Eduardo) frequentam também o meio acadêmico como estudantes de pós-graduação ou professores.

Dessa forma, nos termos de Valle Görski (2016), a variável complexa diz respeito à combinação de três vetores: o status dos interlocutores, os esquemas e enquadres compartilhados na situação de trocas verbais e a projeção do traço da concordância canônica como estratégia de criação de uma imagem de falante proficiente de português. Dessa forma, a hipótese para esta “variável complexa” pode ser formulada da seguinte forma: a consciência de ter como interlocutor um pesquisador acadêmico, aliada ao esquema *entrevista* e os enquadres *conversa* e *solicitação de instruções* e ao próprio perfil dos sujeitos, resulta em projeção da concordância verbal canônica como forma de construir para o pesquisador a imagem de falante proficiente de português na situação de trocas verbais.

### **3.4.4 O nível de instrução dos sujeitos colaboradores e as práticas linguísticas “letradas” - a *pressão normativa***

Conforme expus anteriormente, há uma tendência maior de aplicação da regra de concordância canônica entre falantes com nível de instrução superior. Entretanto, nos dados registrados entre eles, a aplicação da regra canônica não foi em momento algum categórica, exceto para Eduardo. Percebe-se que, para os sete falantes recortados, há outras forças agindo conjuntamente (e relacionadas) ao nível de instrução. Por exemplo, em relação ao fator escolaridade, Zilles (1999), em trabalho com dados do Varsul de Porto Alegre, chegou à conclusão que considerar a escolaridade isoladamente não dá conta de captar minúcias ligadas ao comportamento linguístico dos falantes. É necessário saber em que medida determinados aspectos – nem sempre diretamente ligados à escolarização, cabe ressaltar – interferem no padrão de fala do entrevistado, a exemplo do (i) eventual prestígio (ou desprestígio) do dialeto materno do falante; ou se (ii) o dialeto utilizado pelo falante com os pares familiares difere do que é esperado ao se considerar seu nível de escolaridade; se (iii) o acesso a bens culturais, como a literatura, interfere no padrão de fala.

Dos aspectos identificados por Zilles, creio que a situação aqui investigada enquadra-se entre os aspectos II e III. A exemplo, durante o trabalho de campo, notei que alguns funcionários – tanto da escola quanto do IBGE – estão bastante habituados a produzir textos que circulam em ambientes relacionados a corporações e funções de secretariado, tais quais memorandos, ofícios, cartas etc. – alguns até frequentam ou ministram cursos voltados a essas práticas textuais. Nas condições identificadas, é de se esperar, então, que haja uma maior interferência de atividades ligadas a práticas letradas no padrão de fala dos entrevistados. O questionário de práticas de letramento, como já dito, faz referência não somente ao nível escolar, mas também a práticas de linguagem de certa forma ligadas a práticas escolarizadas, como a produção e leitura de textos na modalidade escrita da língua. Farei, então, uma comparação dos dados obtidos com o registro da interação com os questionários de práticas de letramento com o objetivo de verificar se há de fato consonância da influência das práticas de letramento dos participantes com a aplicação da regra de concordância. Desta forma, a hipótese que pretendo por à prova para a variável *pressões normativas*: por terem práticas de linguagem mais

ligadas a práticas escolarizadas, falantes com alto nível de instrução apresentam tendência de retenção da desinência canônica.

#### 4 O QUE TROUXERAM OS SUJEITOS PARA A INTERAÇÃO? ANÁLISE DA OCORRÊNCIA DA DESINÊNCIA DE 2PS NAS INTERAÇÕES ENTRE SUJEITOS E PESQUISADOR

O trabalho de análise do registro das interações levará em consideração o esquema e os enquadres interativos, assim como a forma de articulação tópica dos textos conversacionais produzidos (assim como a análise das estratégias textuais utilizadas) e o comportamento da concordância verbal com *tu* nestes textos.

Dadas as condições em que as interações foram registradas, assim como as estratégias postas em práticas durante o trabalho de campo, descritas no capítulo referente aos aspectos metodológicos, chamarei o esquema de conhecimento de *entrevista* e os enquadres interativos de *solicitação e concessão de instruções*. Assim sendo, abaixo descreverei uma a uma a interação com os sujeitos participantes da pesquisa levando em consideração a articulação dos tópicos dos textos produzidos por estes sujeitos, que chamarei de *texto injuntivo*<sup>9</sup>, para chegar a algumas conclusões a respeito da ocorrência da concordância verbal variável. Farei também a correlação do texto conversacional com os perfis sociais dos sujeitos entrevistados, elicitados a partir da aplicação do questionário de práticas de letramento. A hipótese geral que guiou a análise destes dados é a de que textos injuntivos, aliados a um perfil de sujeito com práticas de linguagem ditas letradas, são *locus* de ocorrência da variante concordância verbal canônica com *tu*.

##### 4.1 OS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS SUJEITOS FRENTE AO ESQUEMA DE CONHECIMENTO E AOS ENQUADRES INTERATIVOS

Conforme Koch (2005), a forma de estruturação dos tópicos de uma sequência textual conversacional frequentemente levam a digressões. No entanto, estas digressões “não só não tornam o texto incoerente como ainda desempenham função relevante na própria construção da coerência da conversação” (KOCH, 2005, p. 147). Desta forma, na análise levarei em consideração o encadeamento e progressão dos tópicos nas falas dos sujeitos, olhando especificamente para a forma

---

9 Texto injuntivo neste trabalho será compreendido como um texto produzido com o objetivo de exprimir “uma ordem, dada ao falante para executar (ou não executar) tal e tal ação” (DUBOIS *et al.*, 2014, p. 323).

de estruturação destes tópicos e também, a depender do caso, para a sequenciação tema-rema dos enunciados produzidos dentro do texto conversacional.

#### **4.1.1 A interação com Eduardo**

Respondendo à estrutura de expectativas do esquema entrevista e ao enquadre interativo da *solicitação e concessão de instruções*, o texto produzido por Eduardo foi o único dos sete analisados neste capítulo que apresentou a variante concordância verbal canônica ao longo de toda a interação. A forma de estruturação dos tópicos do texto também nos diz muito do comportamento verbal do falante: ele, compreendendo a natureza da interação, construiu um texto organizado e coerente e aos tangenciamentos, geralmente manifestados na forma de inserções ou reformulações saneadoras (KOCH, 2005), coube a função de esclarecer informações, sem prejuízos ao todo.

Desta forma, levando em consideração o esquema de conhecimento *entrevista*, a forma de estruturação dos tópicos no texto conversacional será analisada como forma de dar suporte a algumas conclusões a respeito do uso da concordância verbal canônica na fala de Eduardo, assumindo-se aqui que o esquema e os enquadres, junto do uso da forma pronominal *tu* com a concordância verbal (canônica ou não canônica), realizados por mim, são para o falante pistas de contextualização para a produção do texto conversacional, conforme Gumperz (1992).

A interação com este sujeito ocorreu em sua sala de trabalho: um lugar amplo, separado do setor de operações do IBGE, onde ficam as equipes de pesquisa de campo. Ao entrar na sala, notei que lá havia menos funcionários e que o espaço era amplo e sem divisórias, diferente do lugar onde ficam as equipes de pesquisa. Eduardo estava sentado à sua mesa de trabalho, grande e ampla, e pediu que eu sentasse à sua frente. Antes de iniciar o registro da interação com o gravador, apresentei-me a Eduardo como pesquisador, informando sobre meu propósito – investigar o comportamento de pessoas naturais do Pará a quem são solicitadas instruções.

O primeiro enquadre realizado pedia ao sujeito entrevistado que caracterizasse sua função no IBGE, tópico desenvolvido por ele que chamarei de *descrição da função*, conforme demonstra o excerto abaixo<sup>10</sup>:

### Excerto 7

**Entrevistador:** Oi Eduardo é::: então como eu já expliquei antes eu vou precisar saber o que tu fazes aqui e depois vou te pedir algumas instruções... o que **tu puder** oferecer de instruções pra mim ok? bo::m de início **Ø pode** começar a descrever um pouco o que **tu fazes** aqui...

**Eduardo:** bom... é::: primeiramente é melhor eu me apresentar né? eu sou analista de gestão e infraestrutura então como eu fui alocado para essa área de recursos materiais né? as minhas atividades elas estão relacionadas a basicamente dois macroprocessos um é o processo de aquisição que é conhecido como licitação né? e o processo //porque ele também perpassa por uma questão de disputa né? pra selecionar o fornecedor// e processo posterior à licitação que é o de contratação né? então além de consolidar o contrato né? a gente também precisa gerir esse contrato dependendo de qual é a natureza dele... então são basicamente esses dois macroprocessos né?...

Neste excerto, no enquadre produzido por mim na solicitação, pus em prática a estratégia de inserção variável, ora utilizando a variante canônica, ora a não-canônica. Eduardo, correspondendo à estrutura de expectativas do esquema *entrevista* e ao enquadre, inicia o texto injuntivo realizando uma apresentação com a inserção do tópico que chamarei *caracterização da função* para então proceder ao tópico que chamarei *descrição dos processos relacionados à função*, que é em seguida desenvolvido em forma de comentário.

O sujeito então caracterizou sua função (“eu sou analista de gestão e infraestrutura [na] área de recursos materiais”), para então proceder à descrição dos processos relacionados à função (“as minhas atividades elas estão relacionadas a basicamente dois macroprocessos...”). A partir deste enunciado, Eduardo realiza a sequenciação tema-rema na qual nomeia o processo (tema) e o predica (rema), para logo após inserir uma inserção, a exemplo: “um é o processo de aquisição [tema]

---

10 As formas pronominais (manifestadas ou Ø) e verbais (canônicas ou não) utilizadas estarão destacadas nos excertos em negrito.

que é conhecido como licitação [rema] //porque ele também perpassa por uma questão de disputa né? pra selecionar o fornecedor// [inserção]...”.

Nesta sequência, houve pouquíssimas hesitações ou truncamentos, o que demonstra um alto nível de consciência do sujeito a respeito do planejamento textual. Eduardo insere o tópico e desenvolve o comentário, utilizando exemplo ilustrativo, antes de inserir outro tópico. Nota-se também a presença constante do marcador *né?*, que nesta sequência tem uma função fática, de *checking*, já que é típico de textos injuntivos a explicação sobre como fazer algo, isto é, espera-se que o sujeito que produz este tipo de texto faça-se entender pelo interlocutor – e, neste caso, acompanhe também seu engajamento na interação.

Dado o desenvolvimento destes dois tópicos, dei continuidade à interação realizando o enquadre da solicitação e concessão de instruções, formulando a pergunta – utilizando a variante canônica como pista de contextualização, de forma que o sujeito se dirigisse a mim a partir de uma situação simulada na qual eu precisaria substituí-lo temporariamente em suas funções:

#### Excerto 8

**Entrevistador:** então eu vou passar pra última parte do trabalho...é::: a questão das gestão dos contratos... como é por exemplo que **tu me orientarias** a... o que eu precisaria fazer se eu fosse te substituir enquanto **tu estás** de férias?...

**Eduardo:** bom primeiramente né? **tu precisarias** ter uma noção do que se trata aquele contrato

[

**Entrevistador:** ahãh...

**Eduardo:**...né? qual é o objeto que esse contrato tem... vamo pegar um exemplo... um contrato de serviço de limpeza... pra que **tu pudesses** me substituir **tu precisarias** obviamente tá? ter conhecimento a respeito desse contrato e qual seria a tua responsabilidade dentro dele... então eu precisaria te apresentar o contrato né? //o próprio instrumento contratual que é aquela peça impressa né? com todas as cláusulas e tudo mais// e dizer “olha a tua responsabilidade vai ser essa aqui”// verificar né? quando ele iniciou quando ele vai terminar verificar se não...// fazer os pagamentos né? [...] **precisarias** acompanhar ele mensalmente e fazer determinados tipos de tarefas em relação né? a cada mês...

Neste excerto, a partir do enquadre realizado na pergunta, Eduardo produziu o texto injuntivo, desta vez, no entanto, referindo-se diretamente ao interlocutor, conforme solicitado, com a utilização da variante canônica. Novamente, o sujeito produziu um texto organizado em forma de tópico-comentário. Eduardo iniciou a produção do texto a partir do tópico *natureza do contrato* (“...tu precisarias ter uma noção do que se trata naquele contrato...”) para então proceder à descrição do procedimento de gerência do contrato, utilizando um exemplo (“...um contrato de serviço de limpeza...”) e desenvolvendo um comentário na forma de descrição do passo a passo das atividades a serem realizadas (“olha a tua responsabilidade vai ser essa aqui”// verificar né? quando ele iniciou quando ele vai terminar verificar se não...// fazer os pagamentos né? [...] precisarias acompanhar ele mensalmente e fazer determinados tipos de tarefas em relação né? a cada mês...). Ao iniciar a descrição do procedimento de gerência do contrato, o sujeito realizou uma sequenciação tema-rema, a qual inicia com o tema, seguido de uma reformulação saneadora e da rema, como no trecho: “...eu precisaria te apresentar o contrato [tema] né? //o próprio instrumento contratual, que é aquela peça impressa né?[...] [reformulação saneadora]// e dizer ‘olha tua responsabilidade vai ser essa aqui... verificar né? [o contrato]... [rema]”.

O que esta forma de estruturação do texto de Eduardo nos diz? O texto produzido por Eduardo, numa lógica hierarquizante, introduziu o tópico seguido de um comentário, com eventuais inserções e reformulações, geralmente com função saneadora, utilizando constantemente os marcadores com função fática *né?* ou *tá?*; isto é, houve uma preocupação em apresentar os procedimentos relacionados à sua função no IBGE de forma organizada e também de forma a acompanhar o engajamento do interlocutor na interação (o que justifica a presença constante dos marcadores de *checking*). Levo ainda em consideração o perfil social do sujeito – escolaridade superior, inserido em práticas de letramento ditas “letradas” –, o ambiente em que ocorreu a interação – o seu ambiente de trabalho – e aspectos paralinguísticos – como a postura física rija, o espaço estabelecido entre os interlocutores (Eduardo sentado à sua mesa, eu à frente) – para afirmar que a produção do texto injuntivo revela um alto grau de consciência metalinguística do sujeito a respeito de aspectos relacionados ao planejamento de seu texto e também

consciência sobre a natureza da interação: Eduardo pouco vacilou na produção de seu texto – há pouquíssimos truncamentos na sequência produzida por ele.

Mas e o que esta forma de estruturação nos diz em respeito ao uso da variante canônica com *tu*? Foi dentro deste texto muito bem planejado, isto é, “formal” ou socialmente validado como “falar bem”, que Eduardo manifestou o traço da concordância verbal canônica sem alternância com a variante não-canônica. Isto nos leva a concluir que este sujeito projetou a concordância verbal canônica, especificamente dentro deste texto – produzido em resposta à estrutura de expectativas do esquema de conhecimento e os enquadres interativos –, como forma de se validar para o interlocutor como alguém não só proficiente em termos do conhecimento de sua função dentro do IBGE, mas também proficiente em termos linguísticos, já que o traço da concordância verbal canônica com *tu*, além de ser considerado um traço “típico” da fala belenense, é prescrito como uso correto nos manuais gramaticais.

#### **4.1.2 A interação com Alberto**

A interação com Alberto ocorreu no andar das equipes operacionais do IBGE, na sala que o sujeito divide com seus colegas de trabalho. Como dito na descrição de Alberto, no capítulo metodológico, não foi possível, por conta do pouco tempo de que o sujeito dispunha para atender ao convite para participar da pesquisa, botar em prática as estratégias pensadas para trazer à tona no texto produzido por ele a variável linguística analisada neste trabalho – mesmo assim, ele compreendeu, a partir das pistas de contextualização, a estrutura de expectativas da interação: a entrevista; e ainda produziu espontaneamente uma sequência na qual utilizou variável. No entanto, diferente de Eduardo, ele produziu um texto predominantemente *descritivo*.

Na produção de seu texto, Alberto desenvolveu basicamente dois tópicos. Um deles diz respeito à *descrição das atividades realizadas*, tópico no qual descreveu as atividades realizadas pela equipe de trabalho composta por ele e seus colegas, os projetos de coleta de dados referentes a casamentos, nascimentos e óbitos em cartórios paraenses. O outro relaciona-se à *aplicação da lei 6.015*, instituída durante o período da ditadura militar, a qual obriga os cartórios a cederem as informações requeridas por órgãos ligados ao Estado.

Iniciei a interação com Alberto, como com todos os outros sujeitos, apresentando os objetivos de nossa conversa (investigar o comportamento de paraenses quando solicitados a conceder instruções). Respondendo a isto, Alberto então pôs sobre sua mesa alguns documentos que, segundo ele, ajudariam a responder as minhas perguntas. Neste ponto, ele iniciou a produção de seu texto, formulando o tópico *descrição das atividades realizadas* e o tópico referente à lei 6.015:

### Excerto 9

**Entrevistador:** ...eu vou deixar o gravador bem perto de ti tudo bem?

**Alberto:** tudo bem... tudo bem... ah tá aqui:: encontrei... as pesquisas sociais são nossos projeto de pesquisa/ de coleta de dados ((faixa de áudio inaudível)) ...dentro dos cartórios nós temos nascimento casamento óbitos fetais... nós [os] pesquisamos... [...] é::... existe uma lei que obriga os cartórios a enviar o movimento deles... o movimento... e... / os casamentos os óbitos fetais / que é a lei 6.015 de 31 de dezembro de 73...

Neste excerto, Alberto desenvolveu o tópico *descrição das atividades realizadas* a partir do sintagma nominal *as pesquisas sociais* para então desenvolver um breve comentário a respeito dos tipos de dado que o projeto no qual trabalha deve coletar (“nascimento casamento óbitos fetais [...] casamentos extraoficiais [e] divórcios extra-judiciais”). Neste enunciado, o sujeito produziu um texto no qual inseriu o tema (o sintagma *as pesquisas sociais*) com a rema “...são nossos projeto de pesquisa/ de coleta de dados...”. Em seguida, o sujeito inseriu uma outra sequência tema-remas na qual tematizou os tipos de dados coletados por sua equipe nos cartórios (“dentro dos cartórios nós temos nascimento casamento óbitos fetais...”) e as predicou com a rema *nós pesquisamos [isso]*. No entanto, a sentença na qual se enumera o tipo de dado coletado não estabelece nenhum laço sintático com a sentença seguinte (“nós pesquisamos [isso]...”), criando uma forma de integração no enunciado que Koch (2005) caracteriza como “tema marcado, sem retomadas pronominais [...] em que a função sintática, no enunciado, do elemento tematizado é, em geral, bem definida” (KOCH, 2005, p. 99).

Marcado por uma hesitação, indício de planejamento textual, o enunciado seguinte inicia com a inserção de outro tópico, correspondente à lei que obriga os cartórios a cederem informações ao IBGE: “...é... existe uma lei que obriga os

cartórios a enviar o movimento deles... o movimento... e... / os casamentos os óbitos fetais / que é a lei 6.015 de 31 de dezembro de 73...". Neste tópico, o sujeito realizou uma sequenciação tema-rema na qual insere o tema ("uma lei"), a rema ("que obriga os cartórios a enviar o movimento deles") com uma reformulação saneadora ("/os casamentos os óbitos fetais/") e uma retomada do tema com a utilização de um sintagma nominal que o especifica ("...a lei 6.015...").

Mais à frente no texto, Alberto inseriu outro tópico, no qual tratou de um dos instrumentos utilizados por ele e sua equipe, conforme indica o excerto abaixo:

### **Excerto 10**

**Alberto:** ...hoje o nosso instrumento de pesquisa.../ aquele antigo questionário de papel tá sendo abolido /por quê?/ porque hoje a gente tá informatizado... os cartórios que são informatizados... existe programas particulares que um cartório digamos compra de uma determinada empresa e existe o nosso programa do IBGE que a gente pode instalar lá...

Neste tópico, Alberto inseriu uma explicação a respeito do instrumento utilizado na coleta de dados. O enunciado é iniciado com a tematização do sintagma nominal *o nosso instrumento de pesquisa*. Logo em seguida, há um truncamento e o sujeito inicia a digressão a respeito do próprio instrumento, explicando que ele é, agora, informatizado: esta digressão, nos termos de Koch (2005) pode ser definida como uma digressão baseada no enunciado de tipo semântico, uma vez que, na sequência textual produzida por Alberto, o sintagma nominal com função tematizadora *o nosso instrumento de pesquisa* tem atrelado a si "um conjunto de relevâncias" e todo o enunciado produzido posteriormente tem uma ligação semântica com este sintagma nominal, ainda que esta relação não se manifeste a nível sintático por conta do truncamento. Na digressão, há também a utilização de uma construção interrogativa, ("por quê?") cuja função é fática.

Mais ao final da interação, Alberto mencionou, novamente, a lei 6.015, insistindo na sua importância para o desenvolvimento do trabalho para as equipes do IBGE, desta vez, no entanto, mostrando a mim o texto da lei:

### Excerto 11

**Alberto:** ...vê se **tu pegas** aqui essa lei assim só pra tocar... só esse pedacinho aqui... /porque esse aqui é um ofício de um cartório/ vê se **Ø consegue** tocar só esse pedacinho... **Ø consegue?**

Neste excerto de fala, já ao fim da interação, após ter desenvolvido os tópicos mencionados mais acima, Alberto utilizou a variante canônica. No mesmo enunciado, no entanto, ele suprimiu o pronome de tratamento e utilizou a variante não canônica: “vê se [tu] consegue tocar esse pedacinho... [tu] consegue?”. Uma conclusão possível é a de que, quando explícito o pronome *tu*, há maior probabilidade da manifestação da concordância canônica, a variável linguística *paralelismo formal: presença x ausência do pronome tu*.

Pela natureza dos textos injuntivos, pressupõe-se que a progressão dos tópicos ocorra de forma que o sujeito produtor do texto explicita seus objetivos de forma a se fazer entender pelo interlocutor. No caso de Alberto, a forma de articulação dos tópicos continham digressões e utilizavam mecanismos textuais de encadeamento como digressões baseadas no enunciado de tipo semântico e sequenciações com temas marcados. Ou seja, diferente de Eduardo, a progressão dos tópicos no texto de Alberto, entrecortada por truncamentos, digressões longas e utilização dos mecanismos textuais, foi menos “direta” no que diz respeito aos objetivos da interação (fornecimento de instruções), tendendo mais à *descrição*.

Em relação à ocorrência da variável, a sequência produzida mais ao final da interação (excerto 11) revelou a presença das duas variantes da fala belenense: a desinência de 2PS e o Ø. Para Alberto, a manifestação da concordância verbal canônica se deu levando em consideração a presença explícita do pronome *tu*; por sua vez, no mesmo trecho de fala, a ausência do pronome incorreu também na ausência da variante canônica.

#### 4.1.3 A interação com Rosa

O processo de registro da interação com Rosa ocorreu também em seu ambiente de trabalho: a escola onde atua como professora no nível fundamental I, localizada na Grande Belém (um conjunto de municípios cornurbados com a capital), em um bairro periférico no município de Marituba. À época, meados de janeiro de

2016, Rosa e toda a equipe pedagógica estavam presentes na escola para as reuniões de planejamento pedagógico.

No caso de Rosa, as solicitações de instrução estavam relacionadas à função que ela exerce na escola: membro do corpo docente, atuante em turmas do ensino fundamental. A interação ocorreu em um espaço fechado do prédio, em um momento de intervalo nas atividades de planejamento, sem outros membros da equipe da escola presentes.

Como com os outros sujeitos, foram feitas as apresentações iniciais dos objetivos de nossa interação – que ajudou a estabelecer o esquema *entrevista*, a partir da seguinte pergunta:

#### **Excerto 12**

**Entrevistador:** Rosa e o planejamento das aulas... como funciona isso? eu sei que vocês estão na semana de planejamento aqui na escola e que vai ter uma reunião na sexta...

Reagindo ao enquadre interativo (manifestado na pergunta *...e o planejamento das aulas... como funciona isso?*), Rosa produziu o seguinte excerto em resposta:

#### **Excerto 13**

**Rosa:** bom... olha só... então o planejamento é isso é para que realmente é::: o professor ele consiga ao longo do processo saber de que forma trabalhar não chegar somente em sala de aula e e e passar o que ele acha que deve/ porque assim no começo do ano nós recebemos um PLAno também que é um é um planejamento anual ou semestral/ o que nós devemos trabalhar em cada em cada semestre... em cada bimestre depois a cada semestre e anualmente/ então é a partir disso que eu vou me planejar [...]

Neste excerto, Rosa desenvolveu uma estrutura de tópico-comentário, na qual inseriu o tópico (*o planejamento é isso*), usando o pronome *isso* como recurso catafórico do comentário (*...é para que realmente é::: o professor ele consiga ao longo do processo saber de que forma trabalhar*). Após esta sequência, o tópico seguinte diz respeito à *natureza do plano*, isto é, o conjunto de ações estabelecido pela coordenação da escola e o período em que tais ações devem ser postas em prática. Esse tópico é inserido a partir de uma conjunção explicativa (*... porque assim no começo do ano nós recebemos um PLAno...*) seguido do comentário,

referente ao período em que tal plano deve ser executado (...*que é um é um planejamento anual ou semestral...*). Após o comentário, Rosa utiliza também uma reformulação retórica, cujo objetivo é reforçar sua argumentação quanto a organização temporal dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula pelo professor (...*o que nós devemos trabalhar em cada em cada semestre... em cada bimestre depois a cada semestre e anualmente....*).

Feita esta primeira descrição da forma de funcionamento do planejamento pedagógico, realizei o primeiro enquadre interativo, solicitando à Rosa uma instrução relacionada a uma situação simulada na qual eu precisaria repassar uma informação a mim fornecida em uma suposta reunião de professores em que ela não estivesse presente.

#### Excerto 14

**Entrevistador:** aí eu vou te pedir pra **tu imaginar** uma outra situação: **tu não pode vir**, mas aí eu tô estagiando contigo e **tu tá** me falando isso/ então pensa assim numa... sei lá... numa informação que provavelmente vão falar lá na reunião e que eu preciso ter isso registrado pra que **tu leias** depois como é que tu me fa.../ “olha presta atenção no que eles vão falar porque **tu precisa** anotar”.../ entendeu?...

Em resposta a este enquadre, Rosa produziu o seguinte texto:

#### Excerto 15

**Rosa:** ...é... eu preciso saber o que a minha coordenadora vai querer que eu trabalhe essa semana então eu quero que **tu preste** atenção nisso... se ela disser “essa semana nós vamos trabalhar com uma sequência didática sobre um tema”... por exemplo o tema.../ e-ela que me diz isso.../ na sexta-feira no nosso planejamento ela me diz que na semana seguinte ela quer uma sequência didática sobre a água por exemplo.../ então **tu tens** que me passar isso se não deu pra eu vir/ mas **tu viestes** e **tu vais** me passar... “olha professora é assim ela quer uma sequência didática sobre a água”... então essa é a informação importante que **tu tens** pra me passar/ e eu vou trabalhar essa sequência didática...

Rosa iniciou o texto injuntivo esclarecendo que, antes de mais nada, é necessário saber qual a demanda apresentada pela coordenação escolar. Ao desenvolver este tópico, ela produz o enunciado “...*então eu quero que tu preste atenção nisso...*”, no qual ocorre a variável não-canônica no verbo *prestar* (*tu*

*preste*). No decorrer do texto, Rosa desenvolve outro tópico, exemplificando o procedimento a ser adotado caso fosse necessário eu substituí-la em suas função: *...na sexta feira no nosso planejamento ela me diz que na semana seguinte ela quer uma sequência didática sobre a água por exemplo....* Este enunciado é retomado pelo pronome *isso* na sequência seguinte (*...então tu tens que me passar **isso** se não deu pra eu vir/ mas tu viestes e tu vais me passar...*). Neste enunciado, ocorrem três formas verbais canônicas, sendo que uma delas (*tu viestes*) pode ser considerada um caso de hipercorreção, uma vez que há o acréscimo de material fônico na forma verbal *vir* (forma canônica/padrão: *vieste*; forma hipercorrigida: *vieste-s*), o que pode ser considerado um “exagero” do traço da concordância canônica, uma manifestação de hipercorreção. No enunciado seguinte, tematiza-se o tópico fazendo uso de discurso reportado (*...“olha professora é assim ela quer uma sequência didática sobre a água”...*) e, novamente, Rosa utiliza o recurso da anáfora com o pronome *essa* (*...então essa é a informação importante que **tu tens** pra me passar...*). Neste enunciado, o verbo *ter* também ocorre em sua forma canônica, muito embora, ao realizar o primeiro enquadre (excerto 14), eu tenha utilizado apenas uma forma verbal canônica.

A forma de progressão dos tópicos, no texto de Rosa, revela uma preocupação com a compreensão do interlocutor: ao encadear os tópicos, em resposta ao enquadre, ela iniciou seu texto tematizando primeiramente as necessidades pedagógicas apresentadas pela coordenação para então proceder ao que deveria ser feito, utilizando inclusive um exemplo ilustrativo (a sequência didática sobre a água). A estruturação destes tópicos obedeceu a seguinte ordem: tematização do tópico seguida de uso de recursos anafóricos de retomada de enunciados (no excerto 15, especificamente). Observa-se também que as ocorrências das variáveis canônicas e não-canônicas distribuíram-se entre verbos de movimento e um auxiliar (*ir*, *vir*, *ter*, respectivamente), que mantiveram a desinência canônica, e o verbo *prestar*, sem marca de desinência canônica.

Vê-se que, pelo texto de Rosa, quanto mais “organizado” do ponto de vista da progressão dos tópicos, maiores as chances de ocorrência da variante canônica (mesmo que eventualmente dividam espaço com a variante não-canônica). No caso do texto produzido por Rosa, cabe também notar que, ao realizar o segundo enquadre, utilizei apenas uma forma verbal canônica, mas a convergência linguística

no texto produzido por Rosa em resposta deu-se somente no que diz respeito ao uso da forma pronominal *tu*. No tocante à concordância verbal, ela utilizou mais a concordância canônica, exceto com o verbo *prestar* (...*tu preste*...).

#### 4.1.4 A interação com José

Diferentemente do que ocorreu com outros sujeitos entrevistados, com José utilizei uma outra estratégia de obtenção dos dados. Com ele, solicitei instruções de como chegar, utilizando transporte público, de um ponto a outro da cidade de Belém, uma abordagem pensada ainda numa fase preliminar do trabalho de campo, na qual ainda estava testando a eficácia da solicitação de instruções para obtenção dos dados. Como dito na descrição dos sujeitos, José e eu frequentamos o mesmo círculo de amigos em Belém, o que facilitou o contato, assim como a espontaneidade na produção da fala. Observei um curioso padrão no texto produzido por ele: a concordância verbal com *tu* variou entre canônica e não-canônica ao longo de todo o texto injuntivo produzido por José, contabilizando, em número brutos, 11 ocorrências de concordância não-canônica e 6 de concordância canônica.

Na ocasião do registro da interação, estávamos à porta de uma sala de cinema em Belém, aguardando o início de uma sessão. O convite para uma entrevista rápida pegou-o de surpresa e ele imediatamente afirmou que aquilo o deixava apreensivo, mas mesmo assim aceitou o convite sem muitas delongas. Iniciei a gravação já a partir da solicitação, utilizando a concordância verbal canônica:

#### Excerto 16

Entrevistador: como **tu me explicarias** José pra chegar aqui onde a gente tá agora no centro vindo lá:: da tua casa?

**José: tu sai** de casa.../ da minha casa né?

[

**Entrevistador:** é:: é...

No excerto acima, percebe-se que, mesmo utilizando a variante canônica no enunciado produzido por mim como pista de contextualização para o sujeito, ele iniciou sua resposta ao enquadre com a variante não-canônica. Dando continuidade à resposta e reagindo ao enquadre da solicitação de instruções, José produziu o seguinte texto:

### Excerto 17

**José:...***tu sai* pela direita:: e quando chegar na rua do fio **tu vai** direto até chegar na praça da bíblia e lá na praça da bíblia tem uma parada de ônibus que **tu podes** ficar esperando lá/ lá **tu podes** esperar o.../ pra vir pra cá pro centur/ **tu podes** pegar na verdade qualquer cidade nova/ cidade nova 4 cidade nova 5 icuí presidente Vargas, cidade nova... é:: ã::... é só esses.../ e:: então dependendo do cidade nova ver-o-peso ou presidente Vargas **tu vai d-descer** em lugares diferentes/ o cidade nova presidente Vargas ele dobra aí **tu pode vir** embora **Ø sobe** no ônibus e **Ø vem** embora... quando ele [es]tiver na José Malcher e dobrar pra Doca/ pra entrar na Doca... o cidade nova presidente Vargas/ **tu desce** e aí **tu segue** na José Malcher até a Benjamin **Ø dobra** à esquerda e **Ø vai** direto... **tu vais passar** por Nazaré **tu vais passar** pela Conselheiro... pela Gentil e quando **tu chegar** na Gentil **tu dobra** pra direita e::... **Ø estás** no centur...

No texto injuntivo produzido por José frente ao enquadre interativo, observa-se que ele tematiza inicialmente a direção a ser seguida ao sair de sua residência (*...tu sai pela direita* [tema] *e quando chegar na rua do fio tu vai direto até chegar na praça da bíblia...*[tópico]), utilizando a variante não-canônica. Ele dá continuidade ao texto indicando e tematizando os pontos de referência ao interlocutor em forma de tópico (*...tu vai direto* [tema] *até chegar na praça da bíblia...*[tópico]).

Esta forma de progressão dos tópicos no texto aliou-se a dois aspectos paralinguísticos: a modulação no tom de voz e o gestual. Mesmo tendo se assumido apreensivo antes da gravação, no momento em si, José alterou a modulação de sua voz para um tom “professoral”: imprimiu um ritmo mais pausado à fala e, ao mesmo tempo, utilizou gestos indicativos – por exemplo, no enunciado “...tu desce e aí tu segue na José Malcher até a Benjamin...” suas mãos em formato de cunha indicavam uma linha reta imaginária à sua frente. Estes aspectos vêm a corroborar o que afirma Gumperz, quando diz que “no ato de falar, olhos, rosto, membros e torso emitem sinais produzidos automaticamente [e estes] sinais não-verbais são

linguísticos no sentido em que eles são aprendidos e internalizados pela interação” (GUMPERZ, 1992, p. 141, tradução minha). Dada a natureza do texto injuntivo, não surpreende que o sujeito tenha utilizado destes recursos paralinguísticos para reforçar a orientação dada em resposta ao enquadre da solicitação de instruções.

No que diz respeito à presença tanto da variante canônica quanto da não-canônica, no texto injuntivo produzido por José, pode-se afirmar que houve uma tendência de uso da concordância canônica em verbos auxiliares (*vai*), existenciais (*estar*) e modais (*poder*). Na fala de José, percebe-se que há presença da variável linguística paralelismo formal a nível discursivo (paralelismo de formas verbais). Por exemplo, no início do texto injuntivo, José produziu as seguintes ocorrências de concordância não canônica:

#### Excerto 18

**José:** ...**tu sai** pela direita:: e quando chegar na rua do fio **tu vai** direto até chegar na praça da bíblia...

Logo em seguida, dando continuidade à sequência, José produziu as seguintes ocorrências canônicas:

#### Excerto 19

**José:** ...e lá na praça da bíblia tem um ponto de ônibus que **tu podes** ficar esperando lá... lá **tu podes** esperar o:: / pra vir pra cá pro centur / **tu podes** pegar na verdade qualquER cidade nova...

Nos excertos 18 e 19, José utilizou tanto a variante não canônica quanto a canônica. Se levarmos em consideração o paralelismo formal – que, de acordo com Poplack (1980), é uma tendência de que a presença de uma marca linguística leve a mais presença da mesma marca, assim como a ausência desta marca leve também à sua ausência –, então tem-se que, no excerto 18, a ausência da desinência verbal /-s/ no primeiro verbo da sequência levou à ausência no verbo posterior. No entanto, na sequência seguinte, o excerto 19, o auxiliar *poder* recebe a desinência verbal /-s/ em todas as ocorrências. Como para o espanhol porto-riquenho, estudado por Poplack no artigo em que identificou a tendência de marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros, podemos também assumir que a presença do paralelismo

formal assumindo diferentes funções, seja pela presença ou ausência das desinências verbais de 2P, que o português falado em Belém está em um estágio de variação no qual as desinências canônicas estão concorrendo (em menor frequência) com as não-canônicas, podendo ser “reintroduzidas por meio de aprendizagem, por membros de classes superiores na fala formal” (POPLACK, 1980, p. 65, tradução minha). Tal afirmação é corroborada pelo fato de que os dados utilizados nesta pesquisa foram produzidos por sujeitos que possuem ensino superior e que estão inseridos em práticas de letramento que possibilitam maior contato com o padrão normativo da língua.

#### 4.1.5 A interação com Diogo

Diogo chefia uma das equipes de pesquisa do IBGE. A interação com este sujeito ocorreu em seu ambiente de trabalho, um cubículo separado das demais equipes do IBGE por divisórias na altura do tronco, o qual é compartilhado com os funcionários que compõem a equipe por ele chefiada. À época em que as entrevistas foram realizadas, Diogo e sua equipe estavam trabalhando em um projeto de pesquisa cujo tema era “registro civil”, isto é, ele e a equipe estavam responsáveis por coletar dados relacionados a número de nascimentos, óbitos, casamentos e divórcios. Ao longo da interação, foi relatado pelo sujeito a dificuldade em conseguir coletar os dados relacionados a número de divórcios. De acordo com ele, diferente de outros tipos de registro civil (como número de nascimentos ou de óbitos), não há uma lei específica que torne obrigatório o envio dos registros de divórcios pelos cartórios, o que faz necessária a locomoção de Diogo e sua equipe até estes estabelecimentos, em sua maioria localizados no entorno de Belém. Resolvi, então, pensar nos enquadres interativos a partir deste pormenor relatado por Diogo, conforme excerto abaixo.

#### Excerto 20

**Entrevistador:** Aí:: é o seguinte.../ aí eu.../ vamo pensar na coisa da coleta dos divórcios... se eu por exemplo fosse um funcionário recém-contratado... eu preciso é::: executar uma tarefa do tipo ir até os cartórios... quais são os procedimentos:: como é que **tu me explicarias** isso... esse procedimento de ir buscar os dados?

**Diogo:** pois é então vamos falar especificamente dos dados de divórcio... do divórcio judicial... *ãh:: ãh:: é.. tu tu nos acompanharia né:: ãh:: ãh:: eu te apresentaria prum processo de divórcio... pra vários processos na verdade porque cada um é peculiar cada um tem sua peculiaridade tá::... eu te apresentaria e te mostraria como ãh... ãh... você preencheria cada campo ((de um formulário padronizado do IBGE para esse tipo de pesquisa)) tá:: aonde **você** teria que ir/ navegar naquele processo pra colher aquele dado específico ((de divórcio))...*

Neste excerto, inseri o enquadre da solicitação de instruções utilizando a forma *tu* e a concordância verbal canônica. Na resposta ao enquadre, o sujeito tematizou os dados de divórcio (...*vamos falar especificamente dos dados de divórcio...*) e demonstrou certa hesitação ao iniciar a produção do texto injuntivo (talvez um indício de insegurança linguística em responder ao enquadre utilizando a forma *tu + concordância canônica*), o que é corroborado pela presença dos marcadores *ãh:: ãh::*, que neste contexto podem ser ou indício de planejamento textual ou revelar algum grau de insegurança linguística quanto a que forma pronominal selecionar para fornecer as instruções ao interlocutor. O fato é que, ao selecionar a forma pronominal *tu* quando iniciou a produção do texto injuntivo, Diogo utilizou uma construção na qual o verbo estava conjugado na primeira pessoa plural do subjuntivo (...*tu nos acompanharia...*). Ao recorrer a verbos de segunda pessoa, mais à frente no mesmo texto, o sujeito selecionou a forma *você* com a repetição da marca *ãh... ãh...* (...*eu te apresentaria e te mostraria como ãh... ãh... você preencheria cada campo tá::... e ...aonde **você** teria que ir/ navegar naquele processo pra colher aquele dado específico...*).

Dadas estas evidências, a hipótese de um certo grau de insegurança linguística quanto a que desinência verbal selecionar quando a forma *tu* for utilizada parece se confirmar. Além disso, tem-se que o *você* tem um estatuto diferente nas relações entre belenenses: pode indicar, a depender do tipo de interação para a qual se lança o olhar<sup>11</sup>, um distanciamento maior entre interlocutores, sendo utilizado em relações de poder em geral assimétricas (cf. BEZERRA; JULIÃO, 2014). Na configuração da interação em análise, tem-se que Diogo, ocupando uma posição de

---

11 Por exemplo, nas relações entre pais e filhos belenenses, o *você* indica um tratamento solidário baseado no carinho e respeito mútuos, isto é, neste tipo de interação, *você* “soa” menos incisivo e agressivo que “tu” (cf. BEZERRA; JULIÃO, 2014).

instrutor, estava orientando alguém que tinha pouco ou nenhum conhecimento prévio das atividades realizadas dentro do IBGE; por isso – e talvez aliada à insegurança linguística relacionada ao uso de desinências verbais 2PS com *tu* – a utilização de um *você* que indicia distanciamento entre interlocutores.

Dando continuidade à interação, inseri os seguintes enquadres inquirindo sobre o próximo passo após a coleta dos dados de divórcios e também reforçando a necessidade de se dirigir a mim, seu interlocutor, naquela situação simulada de orientação:

### Excerto 21

**Entrevistador:** ...e daí qual que é o próximo passo:: depois de coletar isso lá nos cartórios...

**Diogo:** e aí após...

[

**Entrevistador:** ...sempre pensando assim que tu tá me dando essa instrução

[

**Diogo:** Oi?

**Entrevistador:** **tu tem** que responder assim como se **tu tivesse** me dando essa instrução...

[

**Diogo:** ...tem que ser didático *né::*

Dados os enquadres interativos que fui inserindo, Diogo tomou consciência da natureza do “jogo textual” em desenvolvimento, isto é, ele percebeu que precisaria ser “didático”. No entanto, dada a própria configuração da interação (mais formal, menos íntima), o sujeito não convergiu linguisticamente com seu interlocutor em relação ao uso da forma *tu*, visto que na explicação do processo seguinte à coleta de dados ele utilizou somente a forma *você*, conforme excerto abaixo:

### Excerto 22

**Diogo:** ...o que é mais importante no caso do registro de divórcio ãh... ãh... é **você** determinar a que trimestre ele pertence *tá::*... aí você tem o ano dividido em quatro trimestres *né::*... primeiro segundo terceiro e quarto [...] então aí **você** pega por exemplo um processo que terminou em abril *né::* a sentença foi em algum dia de abril ele pertence ao segundo trimestre desse ano... e aí **você** tem que ver também nessa sentença se há ou não

um julgamento do mérito /o que que é o julgamento do mérito::/ se foi efetivamente decretado o divórcio ou não né::

Em relação aos usos de *você* neste excerto, tem-se que os exemplos negritos são uma espécie de marca de indeterminação, isto é, o *você* é uma referência a um interlocutor genérico. No entanto, o sujeito, ainda fazendo referência ao tópico da determinação do trimestre a que pertence o dado coletado, forneceu a seguinte instrução:

### Excerto 23

**Diogo:** ...então como eu te falei... de posse do processo físico tá:: a primeira coisa que a gente vai bater é se aquela sentença é::... primeiro se ela é uma sentença válida certo:: com o julgamento de mérito... sendo decretado o divórcio aí eu vou pegar a data de sentença que fica bem aqui ((aponta a data no documento impresso))... no caso desse aqui é o primeiro trimestre de 2015 tá::/ a gente aqui tá coletando ainda 2015/ o nosso banco ((de dados)) ele fecha tardiamente nosso banco... então por exemplo só pra **tu teres** uma ideia é:: nós fechamos o banco de 2014 no final de 2015 tá::...

Neste excerto, a despeito de ter utilizado a forma *você* como índice de indeterminação do interlocutor na maior parte do texto produzido em resposta ao enquadre da concessão de instruções, ao final ele utilizou a forma *tu* junto da variante canônica, talvez convergindo com a forma selecionada por mim anteriormente (*tu* + concordância canônica), mas diferente dos usos de *você*, que pareciam se referir a um interlocutor indeterminado. No entanto, cabe destacar que esta referência ao interlocutor ocorreu na forma de uma reformulação saneadora dentro do desenvolvimento do tópico da determinação do trimestre a que pertence o dado coletado. Essa forma de estruturação ajuda a entender a diferença funcional entre *tu* e *você* no texto injuntivo produzido pelo sujeito, sendo a primeira forma pronominal – presente dentro de uma reformulação saneadora – uma referência direta ao interlocutor e a segunda – associada a uma interação formal, a partir de uma “encenação” de uma situação virtualmente possível – uma referência a um interlocutor genérico.

Mais à frente em seu texto, Diogo desenvolveu outro tópico, dessa vez relacionado à diferença entre separação e divórcio, especificamente em relação às

forma de se obter um divórcio judicial. Como anteriormente, todas as formas de referência ao interlocutor foram feitas com a forma *você*. A forma de estruturação do texto repetiu o padrão do excerto anterior: o sujeito produziu um texto injuntivo com predominância da forma *você* indeterminada e, ao realizar uma inserção, utilizou a forma *tu* junto da concordância verbal canônica como referência explícita ao interlocutor, conforme excerto abaixo:

#### **Excerto 24**

**Diogo:** ...então **você** vai pela forma gratuita ((refere-se às formas de se obter um divórcio judicial)) entre aspas né:: [...] porque assim... tem além do divórcio judicial.../ que por conta das pessoas não querem pagar... não podem pagar... **você** pode fazer não sei se **tu sabes** você pode fazer o divórcio no cartório de tabelião...

A forma de estruturação do texto injuntivo produzido por Diogo nos ajuda a entender que contextos são propícios à ocorrência da concordância verbal canônica: quando desenvolveu os tópicos, o sujeito, por pressões extralinguísticas, como a natureza da interação (mais formal, relacionada a um procedimento de trabalho, logo mais monitorada) utilizou uma forma de tratamento que faz referência a um interlocutor genérico, o *você*. No entanto, quando precisou fazer referência direta ao interlocutor com o intuito de detalhar ou esclarecer os procedimentos e instruções, Diogo utilizou a forma pronominal *tu* junto da concordância verbal canônica, realizando também inserções e reformulações saneadoras a fim de esclarecer o que estava sendo dito.

#### **4.1.6 A interação com Valéria**

Com Valéria, a interação ocorreu na sala de estar de uma amiga em comum, em um momento de festa. Como com José, também compartilho do mesmo círculo de amizades que Valéria. À ocasião da entrevista, pus em prática a estratégia de solicitar instruções sobre como utilizar o transporte público de Belém – no caso, de como chegar da residência da colaboradora até o local onde estávamos. Supus que receberia instruções mais ou menos precisas e que a solicitação de instruções não causaria estranhamento ao sujeito, o que se confirmou ao longo da interação, iniciada com um enquadre de solicitação e concessão de instruções:

### Excerto 25

**Entrevistador:** Como eu faço pra chegar aqui na casa da Eli Valéria de ônibus::

**Valéria:** ...é só doBRA na rua da marinha descer na primeira parada e vim andando direto... pergunta pra alguém onde é o cento e quatro e::... “aqui é a casa da Elisama?” ((ri)).../ a casa da Elisama é perto da::.../ como é o nome desse negócio aqui?... seccional...

Neste enquadre, não utilizei nenhuma forma de tratamento ao que Valéria convergiu linguisticamente em sua resposta, também não fazendo nenhuma referência ao interlocutor. Frente ao texto produzido, fiz outro enquadre, desta vez solicitando que Valéria fizesse referência explícita ao interlocutor:

### Excerto 26

**Entrevistador:** ...tá mas... me me.../ é como se **tu tivesse** explicando pra MIM

**Valéria:** ...tá... **tu vens** de Icoaraci, pega algum... qualquer ônibus... ele vai dobrar na rua da marinha **tu desce** na primeira parada e segue direto pra dentro da Marambaia até terminar ((ri))... onde fica o muro direitão... **tu não vai** lá pra dentro no sentido que vai pra Belém mas **tu segue** como se **tu tivesse** paralelo a Augusto Montenegro... entendeu?

No excerto 26, Valéria iniciou a concessão da instrução utilizando o pronome *tu* com a variante canônica em um verbo de movimento, *vir* – desta forma correspondendo ao enquadre interativo que realizei em minha solicitação e convergindo linguisticamente somente em relação ao uso do pronome. No entanto, ao longo do texto, ela não dá continuidade ao uso da variante canônica, manifestando em seu texto também a forma verbal alternativa sem marca de 2PS. Valéria demonstrou compreender a natureza de nossa interação, a partir da estrutura de expectativas do esquema entrevista e correspondendo aos enquadres interativos. Porém, a natureza da solicitação, quando comparada ao momento em que foi realizada, em uma reunião descontraída, tornou a situação de produção do texto conversacional solicitado a Valéria um tanto deslocada, o que transparece em sua risada, que, nos termos de Gumperz (1992), pode ser interpretada como uma pista de contextualização que indicia um certo desconforto com a interação.

Mesmo sendo este o texto conversacional mais curto do conjunto de dados recolhidos, optei por mantê-lo como válido para análise por crer que ele serve como

exemplo de como concordância verbal com *tu* em Belém tem um comportamento bastante instável: Valéria utiliza, mesmo em um texto conversacional tão curto, as duas variantes. Nota-se também que não há convergência com a forma verbal selecionada por mim no momento de realização do enquadre interativo no excerto 26: ela respondeu à solicitação de instruções utilizando a variante canônica mesmo que no momento do enquadre eu tenha utilizado a forma verbal não-canônica. Quanto à utilização da variante canônica, percebe-se também que, para Valéria, ela é não-marcada.

#### 4.1.7 A interação com Isabel

Isabel exerce suas funções como analista de gestão na seção regional do IBGE em Belém. Assim como Eduardo, Isabel desenvolve suas atividades em um andar separado das equipes de pesquisa, em um espaço amplo com menos circulação de pessoas compartilhado com outros funcionários. À ocasião da entrevista, ela estava realizando análises de documentos relacionados a atividades ditas “finalísticas” do IBGE, isto é, execução de orçamento, pagamento de diárias (de membros da equipe de pesquisa que viajam a outros municípios) etc.. Iniciei a interação solicitando a ela que descrevesse sua função, utilizando a concordância verbal canônica, conforme excerto abaixo:

##### Excerto 27

**Entrevistador:** ...aí eu peço pra **tu descreveres** um pouco a tua função aqui no IBGE...

[

**Isabel:** ...pra

escrever ou pra eu falar?

[

**Entrevistador:** ...não **tu pode tu pode** preencher depois isso ((o questionário de práticas de letramento))...

[...]

**Isabel:** ...bom eu sou servidora aqui do quadro efetivo... eu já tenho cinco anos... vou completar seis anos esse ano e eu sou analista de planejamento gestão e infraestrutura TÁ? e eu tô lotada aqui nessa gerência de planejamento e finanças... e o que acontece... a gente desempenha a atividade administrativa é::... pra manter as atividades finalísticas do IBGE execução do orçamento pagamento de diárias concessão do suprimento de fundos... e eu

atuo também na contabilidade porque meu cargo aqui é analista... mas específico na área de contabilidade...

Neste excerto, os tópicos desenvolvidos por Isabel dizem respeito a uma breve apresentação e a descrição geral do departamento do IBGE do qual faz parte. No início da interação, Isabel destacou que é do quadro efetivo de funcionários e que já é funcionária por mais de cinco anos. Essa forma de apresentação nos dá uma pista sobre a “estrutura de expectativas” que ela tinha em relação à interação, isto é, ela entendeu que aquilo era fundamentalmente uma entrevista. Ela também supôs que a entrevista seria feita via escrita, o que revela o nível de formalidade que ela associou à interação, uma vez que textos da modalidade escrita são comumente relacionados a situações mais formais, mesmo que isto não seja totalmente verdadeiro. Ao longo deste excerto, cabe destacar, fui realizando os enquadramentos utilizando tanto a variante canônica quanto a não-canônica, insistindo na utilização do pronome *tu*. Após a descrição de sua função, Isabel realizou uma descrição também dos processos de sua alçada, a partir de um enquadramento realizado por mim:

### **Excerto 28**

**Entrevistador:** ...existe alguma atividade específica?.../ porque eu imagino que vocês dividem as...

[

**Isabel:** ...sim... as atribuições né?/ a gente tem sim cada um.../ eu já atuei como contadora responsável agora eu (...)/ agora assim aqui todo mundo tem que saber um pouquinho das atividades a gente tem uma atividade aqui que é crucial que é o planejamento de fundos que é o quê? no levantamento da coleta de dados... o pessoal que sai pra pesquisar... esse pessoal geralmente tá no interior aí do Pará então eles precisam de dinheiro pra bancar os deslocamentos deles...

**Entrevistador:** ...hotel, gasolina...

[

**Isabel:** ...isso... pagar transporte... então é a gente que dá esse suporte a partir de uma sistemática de pagamento que se chama suprimento de fundos... então assim é o nosso carro-chefe aqui...

Logo após essa descrição, realizei um enquadre de solicitação e concessão de instruções pedindo a ela que me orientasse a realizar um processo de suprimento de fundos, imaginando que eu era um funcionário que iria substituí-la temporariamente e que precisaria repassar essas orientações a um membro da equipe de pesquisa solicitante de reembolso. Ao realizar esse enquadramento, alternei novamente entre as variantes canônica e não-canônica, conforme excerto abaixo:

### Excerto 29

**Entrevistador:** ...e se **tu tivesses** que me orientar a fazer esse processo?

[

**Isabel:**...o suprimento de fundos?

[

**Entrevistador:** ...é como se **tu tivesse** falando comigo... imagina assim eu vim te substituir **tu tá** me ensinando eu tô em experiência... **tu vai** sair de férias ou coisa assim...

**Isabel:** ...AH... então **tu não estás** na condição de solicitando... **tu estás** de substituto

**Entrevistador:** isso eu vou te substituir e **tu tem** que me explicar esse processo... **Ø tá** se dirigindo a mim...

**Isabel:** ...sei... bom se **tu és** o meu substituto **tu vai** ter acesso a::a um e-mail... no caso **tu vais** ter um e-mail institucional então a solicitação::... as autorizações que vierem pra pra meu e-mail também irão pro teu pra a partir dessa autorização/ quê que vai acontecer? **tu vais** ter que acessar um programa específico que o IBGE tem **tá::?** que gerencia essa parte de suprimento de fundos... aí lá **você** vai acompanhar se a pessoa que solicitou para o gerente se ela abriu o processo se esse processo tá aberto... se tiver tudo ok **você** vai fazer um checklist se ele preencher todos os requisitos aí **você** vai dar um andamento/ como que dá o andamento?/ **você** vai pegar... **Ø** vai acessar um outro sistema do governo federal... **Ø** vai emitir um empenho é::: que é reservado à locação orçamentária aí depois **Ø** vai emitir um outro documento de forma que possibilite que o financeiro chegue aqui solicitando o recurso...

Em resposta ao primeiro enquadre que realizei no excerto acima, quando solicitei que se dirigisse a mim como um funcionário que a substituiria no exercício de suas funções, Isabel utilizou somente a variante canônica. No segundo enquadre realizado por mim, no qual solicitei explicitamente que se dirigisse a mim, Isabel

iniciou seu texto em resposta ao enquadre descrevendo os procedimentos a serem realizados na operação de suprimento de fundos. Este tópico, que chamarei *descrição do processo de suprimento de fundos*, inicia com Isabel utilizando a variante canônica seguida da utilização da variante não-canônica em um verbo auxiliar (...**tu vai ter** acesso...). O interessante é que, logo após, em um contexto morfossintático similar, os auxiliares recebem a desinência de 2PS (...no caso **tu vais ter** um e-mail... e ...**tu vais ter** que acessar um programa específico...). Dando continuidade ao tópico, ela passa a utilizar a forma *você*. Creio que a utilização desta forma pronominal, como no caso de Diogo, tem a ver com o uso desse pronome como uma forma indeterminada e mais cabível a interações mais formais onde há menor grau de proximidade entre os pares. Uma outra hipótese aqui defendida é que pode haver algum grau de insegurança linguística relacionada ao uso da concordância verbal com *tu*.

Outro aspecto observado diz respeito à forma de concatenação dos tópicos no texto produzido por Isabel. Ela desenvolve os tópicos fazendo comentários ilustrativos, sem no entanto utilizar inserções ou reformulações – a construção coesiva do texto utilizou constantemente os advérbios *aí* e *então* como sequenciadores (...esse pessoal geralmente tá no interior *aí* do Pará **então** eles precisam de dinheiro pra bancar os deslocamentos deles... ou ...**aí** lá você vai acompanhar se a pessoa que solicitou para o gerente se ela abriu o processo se esse processo tá aberto... se tiver tudo ok você vai fazer um checklist se ele preencher todos os requisitos **aí** você vai dar um andamento...). Como no caso de Eduardo, na produção do texto injuntivo há constante presença de marcadores discursivos de *checking*, principalmente *tá?*.

No que diz respeito à concordância verbal, creio que a utilização da concordância canônica foi motivada inicialmente pela natureza da interação, dada pela estrutura de expectativas do esquema entrevista, isto é, *mais* formal. Cabe lembrar que o uso da concordância canônica é prescrita pelos manuais gramaticais como correta, logo é de se esperar que ela surja em contextos conversacionais mais monitorados. Ao longo da interação, Isabel utilizou a variante não-canônica em apenas um ponto: com o verbo auxiliar *vai*; no entanto, no mesmo contexto morfossintático, o auxiliar recebeu a desinência canônica.

## 4.2 CORRELAÇÕES COM OS PERFIS SOCIAIS DOS SUJEITOS

Dos sete sujeitos entrevistados, todos têm ensino superior completo ou ainda frequentam o meio acadêmico como pós-graduandos. Para dar conta dessas informações, elaborei um questionário de práticas de letramento, descrito no capítulo metodológico, para montar um perfil dos sujeitos em relação a estas práticas partindo da hipótese de que a ocorrência da variante canônica é um fenômeno influenciado pelo nível de escolaridade e por determinadas práticas de linguagem, como o maior contato com práticas ditas “letradas”. Assim sendo, abaixo realizarei um movimento de análise a partir do cruzamento das análises dos textos feitos na seção anterior com as respostas dadas por cada um ao questionário de práticas de letramento, que foi aplicado após o processo de entrevista sociolinguística.

Eduardo foi o único dos sete sujeitos que utilizou de forma categórica as desinências canônicas em toda a interação. Das cinco variáveis selecionadas, todas se manifestam em seu comportamento verbal, conforme demonstra a tabulação do número bruto de ocorrências abaixo.

| <b>Sujeito colaborador/<br/>Variáveis linguísticas</b> | <b>Saliência fônica<br/>(desinências -s, -es e -ste/-sse)</b> | <b>Tempo e modo verbais<br/>(presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, imperfeito do subjuntivo e presente do subjuntivo)</b> | <b>Forma de apresentação do verbo (em séries perifrásticas analíticas)</b> | <b>Paralelismo formal no nível discursivo<br/>(distribuição do número de ocorrências da desinência de 2PS numa série linear paralela cujos verbos fazem referência ao mesmo sujeito)</b> | <b>Presença vs. ausência do pronome <i>tu</i> (na ocorrência com a desinência de 2PS)</b> |
|--------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Eduardo</b>                                         | 4                                                             | 4                                                                                                                                                                                | 3                                                                          | 1                                                                                                                                                                                        | 3                                                                                         |

No questionário de práticas de letramento, Eduardo declarou que produz e lê textos de gêneros acadêmicos (artigos, resumos) como pós-graduando, o que exige do sujeito atenção à escrita e às normas dos manuais gramaticais como forma de se validar no meio acadêmico. Desta forma, levando em consideração o que foi declarado por Eduardo no questionário em relação às práticas de leitura e escrita, e também por conta de seus comportamentos linguístico e paralinguístico ao longo da interação, pode-se afirmar que há forte interferência de práticas de letramento do sujeito no texto produzido, o que abre espaço à manifestação das desinências de 2PS de forma uniforme em seu comportamento verbal.

Ao longo da interação, o texto produzido por Alberto apresentou muitos truncamentos e digressões de tópico longas; ele também falava em tom baixo, quase sussurrado em alguns pontos, como se houvesse algum receio de sua parte

de que nossa interação fosse ouvida pelos colegas ao nosso redor. Em comparação com a sequência produzida por Eduardo, a sequência de Alberto era menos organizada do ponto de vista da progressão e integração dos tópicos do texto conversacional. Ademais, na interação não houve oportunidade de realizar os enquadres da solicitação e concessão de instruções – que resultariam na produção do texto injuntivo –, diferente do que houve com os demais sujeitos participantes. Alberto afirmou ter pouco tempo para realizar a entrevista, então a interação com ele concentrou-se no tópico da descrição de sua função e do projeto no qual trabalha no IBGE a partir de um enquadre realizado por mim na conversação.

No questionário de práticas de letramento, Alberto declarou que toda sua produção textual escrita está relacionada a seu cargo no IBGE e que sente dificuldades na produção de textos escritos. Sua produção escrita limita-se ao preenchimento de formulários de pesquisa do IBGE; e isto ocorre apenas muito ocasionalmente, já que o responsável pela emissão de documentos é o chefe da equipe de pesquisa ao qual ele está subordinado. Em relação a práticas de leitura, Alberto também as resume à função que exerce no IBGE. Tendo frequentado o ensino superior no curso de enfermagem, Alberto exerce, no IBGE, função diferente para a qual se formou: lá, ele é técnico de informações geográficas e estatísticas.

Dessa forma, levando em consideração o nível de escolaridade de Alberto, a natureza do texto que ele produziu (mais *descritivo*) e a manifestação da concordância verbal com *tu* posso afirmar que há uma influência da presença do pronome *tu* na manifestação da concordância canônica. Num mesmo enunciado, o falante alternou entre a concordância canônica (quando o pronome estava explícito) e a concordância variável (quando o pronome não estava explícito). Desta forma, neste enunciado, a variável linguística *presença/ausência do pronome tu* parece ter exercido influência na manifestação da desinência de 2PS.

Por sua vez, Rosa, como Eduardo, produziu um texto mais curto, sucinto e organizado do ponto de vista da progressão dos tópicos, descrevendo sua função como professora na fase de planejamento pedagógico da escola, respondendo à estrutura de expectativas do esquema *entrevista* e produzindo um texto injuntivo frente ao enquadramento *concessão e solicitação de instruções* o qual abrigou tanto a variante canônica (incluindo uma ocorrência de hipercorreção, *tu viestes*) quanto a não canônica.

No questionário de práticas de letramento, Rosa afirmou que produz e lê textos voltados principalmente à prática profissional como docente do ensino fundamental I. Ao longo da interação, feitos os enquadres interativos, Rosa manifestou segurança ao falar sobre os aspectos envolvidos no planejamento pedagógico da escola e na sua função, produzindo um texto injuntivo que deu conta de descrever sua função ao mesmo tempo em que respondeu aos enquadres interativos realizados por mim.

No que diz respeito à utilização da concordância canônica dentro do texto injuntivo, pressupõe-se que a formalidade atrelada à interação – dada pelo esquema *entrevista* e também pelo enquadre interativo – aliada ao perfil do sujeito (formação no ensino superior, inserido em práticas de linguagem letradas, docente atuante no ensino básico) acabou por propiciar a ocorrência das desinências de 2PS, contando inclusive com um caso de hipercorreção. Este caso de hipercorreção aponta para o fato de que o sujeito entrevistado interpretou a situação de interação como “formal”, uma vez que a hipercorreção resulta do exagero de um traço dialetal que, na situação linguística aqui investigada, não só é traço dialetal como também corrobora o que prescrevem os manuais gramaticais: a concordância canônica com o pronome *tu* é considerada adequada do ponto de vista normativo.

No caso do texto injuntivo produzido por José, a estratégia aplicada para obtenção dos dados com presença do pronome *tu+C.V.* diferiu dos demais sujeitos: com ele, solicitei a instrução de como chegar de sua casa até o local onde estávamos realizando a entrevista. No momento da gravação de nossa interação, ele afirmou estar relativamente desconfortável. Disse-me que “entrevistas” de qualquer gênero fazem-no ficar apreensivo – mesmo que o assunto disparador de nossa conversa não tenha sido de ordem pessoal (o que assumi ser uma de suas preocupações). Ainda que tenha deixado isso claro, José respondeu às perguntas em um tom ligeiramente nervoso, como se estivesse sendo testado.

De qualquer forma, ele correspondeu à estrutura de expectativas do esquema assim como compartilhou do enquadre da solicitação e concessão de instruções, produzindo um texto injuntivo com ocorrência tanto da variante canônica quanto da variante não-canônica. José, como todos os outros sujeitos que manifestaram – *mesmo que de maneira não absoluta* – a concordância canônica possui ensino superior e compartilha de práticas linguísticas do dito mundo “letrado”: ele, à época,

estava em fase de conclusão de um doutorado em história, assim como trabalhava com produção e direção de espetáculos teatrais em Belém. No questionário de práticas de letramento, aplicado após a entrevista e finalização da gravação, José afirmou que a leitura e a produção de textos, principalmente textos do meio acadêmico (resumos, resenhas, artigos etc.) é prática cotidiana em sua vida profissional, mas que também lê como prática recreativa, principalmente textos dos gêneros *romance, poesia e teatro*.

Ao longo do processo de entrevista, enquanto produzia o texto, José também estava preocupado em utilizar elementos paralinguísticos, isto é, como ele deveria indicar direções a seguir, utilizava o corpo, principalmente as mãos. Outro elemento interessante a se destacar é que, enquanto estávamos conversando sobre a entrevista, José estava mais descontraído, quando iniciamos a gravação e a entrevista em si, no entanto, ele alternou para um tom mais “professoral”: falava com a intenção de ser o mais claro e didático possível, o que se manifestou na modulação de sua voz. A conclusão possível é que a estrutura de expectativas do esquema entrevista, associado ao perfil do sujeito – acadêmico, habituado a práticas de linguagem mais formais e relacionadas ao universo da escrita científica – acabou interferindo na produção do texto injuntivo levando à manifestação da concordância verbal canônica com *tu*.

No caso de Diogo, há algumas particularidades no texto injuntivo produzido: ele alternou entre as formas pronominais *tu* e *você* em contextos bem marcados, isto é, quando explicava os processos relacionados à instrução solicitada, houve tendência em usar a forma *você* como forma de se referir a um interlocutor genérico, mas, quando utilizava de recursos textuais como as inserções e as reformulações, geralmente utilizadas para, respectivamente, suspender o tópico e para esclarecer ou reformular algo já dito, houve tendência de utilizar a forma *tu* como referência explícita a mim.

Quando utilizou a forma *tu*, a tendência de Diogo era realizar a concordância canônica, o que pode ser explicado pela natureza da interação associada ao perfil do sujeito. A interação dizia respeito a um aspecto específico do sujeito, sua atuação profissional como chefe de uma equipe de pesquisa do IBGE. Isso nos leva a inferir que Diogo, partindo do princípio de que aquela não era uma interação “qualquer” – isto é, possuía a estrutura de expectativas de uma entrevista ao mesmo tempo em

que colocava o entrevistado na posição de instrutor em uma situação simulada – produziu seu texto utilizando um *você* associado a um distanciamento entre interlocutores. Quando optou pela forma *tu*, referência direta ao interlocutor, nas inserções que realizou ao longo do texto, utilizou as desinências verbais de 2PS, que neste contexto indicam que o sujeito associava o uso destas desinências à formalidade “posta” pela situação de interação.

No que diz respeito às respostas fornecidas no questionário de letramento, Diogo afirmou que boa parte de sua produção textual limita-se às burocracias de sua função: ele emite notas, escreve e-mails, produz memorandos e ofícios. No que diz respeito à leitura, além do que é necessário ao desempenho de sua função, também lê revistas informativas e notícias online. Sua formação a nível superior é de estatístico, porém ele exerce no IBGE um cargo técnico que, apesar de condizente com sua formação, exige de quem ocupa esta posição somente nível técnico. Seu comportamento linguístico durante a interação demonstra que parece estar a par das implicações relacionadas às escolhas pronominais, assim como da utilização de um registro mais próximo do que é considerado formal. Isso é indiciado pela seleção das desinências de 2PS com a forma *tu*, mas também pelas marcas de hesitação – ou indícios de planejamento textual – justamente quando o falante estava à frente de uma construção que exigia dele a seleção de uma das variantes.

A interação com Valéria, apesar de curta, foi mantida como um dado analisável justamente porque é uma representação de como a concordância verbal com *tu* em Belém apresenta um comportamento instável. E a produção desse dado tem condicionantes relacionados à situação de interação que não se pode ignorar: como dito na análise do texto conversacional, compartilho com Valéria o mesmo círculo de amizades em Belém e a entrevista foi realizada num momento em que todos estavam reunidos no mesmo local. Neste caso específico, posso afirmar que estava em jogo ali não só a situação conversacional, mas também o grau de aproximação que tenho com ela e o assunto disparador da conversa, e isto implica também nas marcas linguísticas utilizadas no texto de Valéria, especificamente a escolha pronominal e a C.V..

Apesar atuar como professora de língua portuguesa, Valéria não estava concedendo instruções relacionadas ao exercício de sua profissão, mas relacionadas à utilização do transporte público em Belém – a mesma estratégia

utilizada com José. No questionário de práticas de letramento, Valéria afirmou que tem a leitura e a produção de textos mais formais como exigência profissional, o que, levando em consideração sua formação na área de Letras, nos faz crer que ela tem conhecimentos básicos de metalinguagem gramatical, logo que sabe que o uso das desinências de 2PS com *tu* são uma exigência dos manuais gramaticais em textos considerados mais formais. Mesmo assim, em seu texto injuntivo, ela utilizou a desinência de 2PS somente uma vez. A conclusão possível é que, dado o nível de envolvimento da falante com o pesquisador e também com a situação de interação, o texto injuntivo produzido estava mais associado a uma conversa informal entre pares, logo menos sujeita a pressões normativas, dessa forma, com menor presença da desinência de 2PS.

Isabel exerce a função de analista de gestão e planejamento no IBGE, para a qual tem formação específica, inclusive a nível de pós-graduação (ainda em fase de andamento, à época da pesquisa). Dentro das funções que exerce, ela afirmou no questionário de práticas de letramento que a leitura é bastante presente, uma vez que ela analisa diversos documentos da alçada de seu departamento, e, como pós-graduanda, a prática da leitura é também constante e necessária.

No texto injuntivo produzido por ela a variante canônica esteve mais presente, e isto está associado aos condicionantes da produção do texto conversacional aliados também ao repertório linguístico da falante, que claramente compreende a natureza da interação a partir do esquema de expectativas *entrevista* e passa a monitorar a produção de sua fala, respondendo aos enquadres interativos utilizando um registro associado a situações mais formais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretende ser uma porta de entrada para quem desejar vir a pesquisar com outras lentes a situação variável da concordância verbal com *tu* – por exemplo, estudos que olhem o fenômeno pela lente dos estudos sobre estilo ou sob a dos estudos variacionistas clássicos.

Fato é que a variante concordância verbal canônica nas ocorrências registradas aqui ocorre em frequência de 17% (43 dados) nas 113 ocorrências. A concordância verbal canônica emergiu na fala dos sujeitos quando aplicadas estratégias de obtenção de dados linguísticos que levassem em conta a estrutura de expectativas do esquema *entrevista*, os enquadres interativos da *solicitação e concessão de instruções* – aspectos que se alinharam também aos perfis sociais dos sujeitos, os quais possuem todos escolaridade superior e estão inseridos em práticas de linguagem ditas letradas. Além disso, o êxito dessa estratégia metodológica dependeu também da afinidade do sujeito com a atividade a qual foi solicitado a dar instruções e o nível de inserção dele em práticas de letramento mais formais.

Desta forma, frente ao dispositivo teórico utilizado na análise, as falas que emergiram da interação revelam que o comportamento da variante concordância verbal canônica está relacionado a aspectos da interação vinculados ao perfil social do sujeito. Com Eduardo, por exemplo, a projeção da concordância verbal canônica de forma categórica está relacionada à formalidade atrelada por ele à interação: o falante concedeu instruções sobre sua prática profissional, o que exigiu dele conhecimentos específicos da área de administração e do funcionamento interno do IBGE. O sujeito também compartilha de práticas próprias do meio acadêmico, que demandam dele conhecimentos de práticas de linguagem ligadas à produção de textos orais e escritos em conformidade com o que dizem os manuais gramaticais. Alia-se a isso o fato de que a concordância canônica é tida como correta pelos manuais gramaticais e é também considerada um traço “típico” da fala belenense.

No caso de Alberto, a análise revelou que a variável *paralelismo formal: presença/ausência do pronome tu* influencia na manutenção da concordância canônica: quando utilizou o pronome *tu*, o sujeito manifestou a desinência verbal de segunda pessoa singular; quando o pronome não foi utilizado, a desinência também

não se manifestou. Cabe também enfatizar a influência de aspectos imediatos da interação, como o fato de que ele produziu sua fala em ambiente de trabalho, cercado por seus colegas e que falava de um determinado “lugar”: o de funcionário de uma equipe técnica do IBGE descrevendo o exercício de sua função. Na emergência da concordância canônica, identificou-se a influência de uma variável linguística, o paralelismo formal. Infere-se, desta forma, que os aspectos da interação acima pontuados levam a um automonitoramento da fala por parte do sujeito, e é isso que faz emergir a variante concordância canônica.

Com Rosa, observamos que a forma de progressão dos tópicos revela uma organização textual que os “hierarquiza”, levando-se em consideração que o texto injuntivo necessita de uma organização que faça o interlocutor compreender as ordens dadas. Esta forma de organização, que decorre do perfil social de Rosa, professora de ensino básico e pedagoga por formação, e da natureza do que foi discutido na interação, parece ter favorecido a manifestação da concordância verbal canônica. Em sua fala, manifestou-se também um caso de hipercorreção: a falante utilizou a desinência *-e* acrescida de material fônico *-s*, na ocorrência *tu viestes* (forma canônica padrão: *vieste*; forma canônica hipercorrigida: *vieste-s*). Podemos considerar esse caso de hipercorreção uma variante não-padrão – cujo uso, inclusive, é ironizado no texto de Caco Ishak citado na introdução deste texto.

Nos casos de José e Valéria, a interação revelou outro aspecto: mesmo que tenham fornecido instruções sobre práticas não relacionadas às suas respectivas práticas profissionais, a estrutura de expectativas do esquema entrevista fez vir à tona a variante canônica, uma vez que os falantes, compartilhando desse esquema, puseram-se no lugar de avaliados, fornecendo pistas de contextualização paralinguísticas tais quais modulação do tom de voz e uso do corpo. No entanto, a manifestação da variante canônica nos textos destes dois sujeitos dividiu espaço com a variante não-canônica, que acabou ocorrendo com maior frequência na fala.

Na fala de Diogo, entrou em cena também o pronome *você*. Respondendo ao esquema *entrevista* e aos enquadres interativos de solicitação e concessão de instruções, o sujeito ora utilizou o *você* como forma de se dirigir a um interlocutor genérico, ora utilizou o *tu*, em inserções ou reformulações, quando fez referência direta ao interlocutor. O uso da forma *tu* foi acompanhado da variante canônica. Diogo também estava concedendo instruções relacionadas à sua prática

profissional, no seu próprio ambiente de trabalho, gozando do *status* de chefe de uma das equipes de pesquisa; não surpreende, neste caso, a manifestação da concordância canônica, já que a utilização das desinências 2PS podem ser consideradas pista de contextualização de uma fala mais monitorada face as pressões da situação de interação.

Para Isabel, é também a natureza da interação e o seu perfil que exerceram influência no uso da variante canônica. A falante compreendeu a natureza da interação a partir da compreensão da estrutura de expectativas do esquema entrevista, assim como correspondeu de forma competente aos enquadres interativos que foram sendo realizados ao longo do processo.

Neste cenário, o subsistema de tratamento em Belém conforma quatro pronomes/locuções pronominais – *você, tu e o senhor/ a senhora* –, as quais organizam o sistema linguístico de diferentes formas. O contato com práticas de linguagem ditas “formais” ou relacionadas ao mundo “letrado” – produção de textos que circulam no meio acadêmico e/ou corporativo, por exemplo – aliados ao perfil social desses sujeitos – sujeitos com ensino superior falando sobre sua prática profissional – são ponto-chave para compreendermos a manifestação da variante concordância verbal canônica: é no entrelaçamento desses aspectos nos “eventos de linguagem” (DURANTI, 2001) analisados que os sujeitos recorrem à normatividade da língua na produção de textos orais, monitorando sua fala, principalmente em situações de interação em que o uso destas normas são uma forma de avaliar o interlocutor e também refletem como cada um deseja projetar a si na interação; isto é, a utilização destas formas verbais canônicas com *tu* resulta das pistas de contextualização ao mesmo tempo em que servem também como pistas de contextualização para a interação. A manifestação da concordância canônica, nas interações analisadas, revela a imagem de um falante competente, que “fala bem” e que “sabe do que está falando”. Logo, é de se esperar que haja uma interferência pervasiva de práticas de linguagem relacionadas a ambientes de maior monitoramento linguístico na manutenção da concordância verbal canônica, o que foi demonstrado ao longo das análises.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Luís I.C. **A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais**. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

\_\_\_\_\_. **A concordância verbal variável na segunda pessoa do singular em Pelotas**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

\_\_\_\_\_. *et al.* **Aplicação de desinência número-pessoal na segunda pessoa do singular em Tavares, RS**. Encontro do CELSUL, 3, Porto Alegre: PUCRS, 1999.

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense**. Tese de doutorado. Brasília: UNB, 2015.

BEZERRA, Ricardo; JULIÃO, Risolêta. O “senhor” tá no céu: crenças e atitudes linguísticas quanto às formas de tratamento na relação entre pais e filhos. In: **Sociodialeto**, Campo Grande, v. 4, n. 12, 2014, p.23-41.

BOLIVAR, Thiago M. V. **A forma você em interações comerciais em Porto Alegre, RS**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEOK, T.A. (org.). **Style in Language**. Massachussets: MIT Press, 1960. p. 252-281.

COSTA, Lairson Barbosa da. **Variação dos pronomes “tu”/”você” nas capitais do norte**. Dissertação de mestrado. Belém: UFPA, 2013.

DUBOIS *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Editora Cultrix, 2014.

DURANTI, Alessandro. Linguistic Anthropology: History, Ideas and Issues. In: DURANTI, Alessandro. **Linguistic Anthropology: a reader**. Malden: Blackwell, 2001, p. 1-38.

ECKERT, Penelope. Ay goes to the city. In: GUY, G. *et al.* **Towards a Social Science of Language**. v.1. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995, p. 47-68.

\_\_\_\_\_. **Variation, convention and social meaning**. Conferência apresentada na reunião anual da Linguistic Society of America. Oakland CA. 7 jan. 2005.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. In: **Fragmenta**. 13. ed. Curitiba: UFPR, 1996, p. 51-82.

ISHAK, Caco. “Eu, tu... eles não”. Publicado em: <<https://livreopinioao.com/2015/10/24/eu-tu-eles-nao-por-caco-ishak/>>. Acesso em 21 jun. 2018.

KOCH, Ingedore G.V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Ed. Parábola, 2008.

LORENGIAN, Loremi. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do Sul do Brasil**. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 1996.

GUMPERZ, John. Contextualization conventions. In: GUMPERZ, John. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 130-152.

MARTINS, Silvana A.; MARTINS, Valteir. Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara: um estudo no panorama da variação pronominal do português do Brasil. In: *Interdisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies*. v. 3, 2014, p. 177-194.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 13-20.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português brasileiro. **Revista Letras**, Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 160-169, 2003.

POPLACK, Shana. The notion of plural in Puerto Rico spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV: William (ed.). **Locating language in time and space**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. **Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência**. In: Caderno de Estudos Linguísticos, v. 44. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2003, p. 71-84.

SANTOS, V. M. dos. *“Tu vai para onde?...Você vai para onde”*: manifestações da segunda pessoa na fala carioca. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SCHERRE, M. M. Pereira; NARO, A. J. Concordância variável em português: a situação no Brasil e em Portugal. In: SCHERRE, M. M. Pereira; NARO, A. J.. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Ed. Parábola, 2010.a, p. 49-69.

\_\_\_\_\_. Efeitos da saliência fônica e do tempo/modo na concordância verbal. In: MOLLICA, M. C. **Usos da linguagem e sua relação com a mente humana**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010b. p. 71-77.

\_\_\_\_\_. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. In: **D.E.L.T.A.** v. 9, n. 1. São Paulo: PUC, 1993, p. 1-14.

\_\_\_\_\_. Tu, você, cê e ocê na variedade brasiliense. In: **PAPIA**, v. 21, 2011, p. 117-134.

SCHILLING-ESTES, N.. Investigating "Self-Conscious" Speech: The Performance Register in Ocracoke. In: **Language in Society**, v. 27, n. 1. Cambridge: Cambridge University Press, mar., 1998, pp. 53-83.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 183-214.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

VALLE, Carla R. M.; GÖRSKI, Edair M. A construção de uma variável estilística complexa para medir a configuração da entrevista sociolinguística. *Todas as Letras*. São Paulo. v. 18. n. 2., 2016, p. 30-45.

ZILLES, A.M. Algumas características do português falado no Brasil. In: GUEDES, P. **Português e Cidadania**. Porto Alegre: PMPA/SMED, 1999, p. 88-107.

## **ANEXOS**

### **Transcrição das entrevistas**

| Perfil do informante                                                                                                                                      | Cargo/função/ profissão                                                                 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Nome:</b> Valéria<br><b>Idade:</b> 26 anos<br><b>Nível de escolaridade:</b> superior<br>(formada em Letras)<br><b>Renda:</b> de 3 a 5 salários mínimos | <b>Profissão/função:</b> professora de<br>língua e literaturas de língua<br>portuguesa. |

**Entrevistador:** Como eu faço pra chegar aqui na casa da Eli Valéria de ônibus?

**Valéria:** é só dobrar na Rua da Marinha, descer na primeira parada e vim andando direto pergunta pra alguém onde é o centro quatro e:: aqui... /é a casa da Elisama? ((ri))/ a casa da Elisama é perto da::: como é nome desse negócio aqui?... seccional...

[  
Entrevistador: Tá, mas... me  
me é:: como se **tu tivesse** explicando  
pra MIM...

**Valéria:** **tu vens** de Icoaraci, **Ø pega** algum ônibus ele vai dobrar na Rua da Marinha **tu desce** na primeira parada e **Ø segue** direto pra dentro da Marambaia até terminar... ((ri)) onde fica o muro... dire::tão... **tu não vai** lá pra dentro no sentido que vai pra Belém mas **tu segue** como se **tu tivesse** paralelo a Augusto Montenegro, entendeu?

| Perfil do informante                                                                                                                                                                       | Cargo/função/ profissão                                           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|
| <b>Nome:</b> Eduardo<br><b>Idade:</b> 35 anos<br><b>Nível de escolaridade:</b> superior (faz curso de pós-graduação na área administrativa)<br><b>Renda:</b> superior a 8 salários mínimos | Analista (função no IBGE);<br>Administrador (profissão/formação). |

**Entrevistador:** Oi, Eduardo é::: então como eu já expliquei antes eu vou precisar saber o que **tu fazes** aqui e depois vou **te** pedir algumas instruções... o que **tu poder** oferecer de instruções pra mim ok? bo::m de início **pode** começar a descrever um pouco o que **tu fazes** aqui.

**Eduardo:** bom... é::: primeiramente é melhor eu me apresentar né Eu sou analista de gestão e infraestrutura então como eu fui alocado para essa área de recursos materiais né? as minhas atividades elas estão relacionadas a basicamente dois macroprocessos um é o processo de aquisição que é conhecido como licitação né? e o processo //porque ele também perpassa por uma questão de disputa, né pra selecionar o fornecedor// e o processo posterior à licitação que é o de contratação né? então além de consolidar o contrato né? a gente também precisa gerir esse contrato dependendo de qual é a natureza dele então são basicamente esses dois macroprocessos né? e as minhas atividades estão relacionadas a eles primeiro é é::: conduzir o processo licitatório que é essa parte de presidir a comissão// eu ser pregoeiro, pra solici// pra selecionar o fornecedor ((as aquisições são feitas por leilões online)) e depois disso né? já na contratação é::: gerir o contrato verificar a questão dos pagamentos se a documentação da empresa tá regular... basicamente por aí.

**Entrevistador:** então eu vou passar pra última parte do trabalho... é::: a questão da gestão dos contratos como é por exemplo que **tu me orientarias** a... o que que eu precisaria fazer se eu fosse te substituir enquanto **tu estás** de férias? Aí tu... Aí tua chefe ia te mandou orienta:::r... ela disse “orienta esse menino aí que vai te substituir em como gerir os contratos” como é que **tu faria** isso?

[  
**Eduardo:** bom primeiramente né? **tu precisarias** ter uma noção do que se trata naquele contrato...

[  
**Entrevistador:** ...ahã...

né? qual é o objeto que esse contrato tem... vamo pegar um exemplo: um contrato de serviço de limpeza pra que **tu pudesses** me substituir **tu precisarias** obviamente tá? ter conhecimento a respeito desse contrato e qual seria a tua responsabilidade dentro dele então eu precisaria te apresentar o contrato né? o próprio instrumento contratual que é aquela peça impressa né? com todas as cláusulas e tudo mais e dizer “olha, a tua responsabilidade vai ser essa aqui” ( ) verificar né? quando ele iniciou quando ele vai terminar verificar se não...// fazer os pagamentos né? ( )/ apesar de que a execução dele é contínua né? então ele é mensal e aí **Ø precisarias** acompanhar ele mensalmente e fazer determinados tipos de tarefas em relação né? a cada mês... depende do tipo de contrato obviamente né? mas seria mais ou menos por aí ((Em conversa após a gravação, ainda em tom

e postura bastante formais, Bruno explicou que cada contrato tem objetivos relacionados ao tipo de serviço contratado e elaborados em forma de cláusulas. A função de quem acompanha os contratos é garantir que os objetivos/cláusulas estejam sendo cumpridos))

**Entrevistador:** então é basicamente isso né?

[  
Eduardo: É

**Entrevistador:** Ok Eduardo...

obrigado.

| Perfil do informante                                                                                                                                                                                                                                                | Cargo/função/ profissão                                                                                     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Nome:</b> Alberto<br><b>Idade:</b> 61 anos<br><b>Nível de escolaridade:</b> ensino superior completo.<br><b>Renda:</b> de 3 a 5 salários mínimos.<br><b>Profissão:</b> enfermeiro<br><br><b>Cargo/Função:</b> técnico em informações geográficas e estatísticas. | <b>Profissão:</b> enfermeiro<br><br><b>Cargo/Função:</b> técnico em informações geográficas e estatísticas. |

**Entrevistador:** tu és funcionário daqui há muito tempo Alberto?

**Alberto:** sou... ((responde enquanto procura materiais para ajudá-lo a responder às minhas perguntas))

**Entrevistador:** eu vou deixar o gravador bem perto de ti, tudo bem?

**Alberto:** Tudo bem, tudo bem... Ah... tá aqui encontrei... as pesquisas sociais... (...) ((faixa de áudio inaudível, muita interferência de ruídos circundantes)) e dentro dos cartórios nós temos nascimento, casamento, óbitos fetais... nós pesquisamos... e:: dentro dos cartórios (...) são os casamentos extra-oficiais... Opa desculpa/ não... são os divórcios extra-judiciais/ é::: existe uma lei que obriga os cartórios a enviar o movimento deles... o movimento... é::: os casamentos, os óbitos fetais, que é a lei seis mil zero quinze de trinta e um de dezembro de setenta e três o artigo quarenta e nove (...) ((faixa de áudio inaudível)) a nossa pesquisa é trimestral, e essa lei obriga eles a nos enviarem esse movimento então os cartórios que negligenciam... atrapalha... aí a gente avisa... envia um aviso pro cartório ((Damião entra em um longa digressão sobre a necessidade de funcionamento da lei que obriga os cartórios a enviarem seus dados ao IBGE; o áudio está praticamente inaudível em muitos pontos, não só por conta da qualidade do gravador ou dos ruídos ao redor, mas também porque o informante fala em um tom muito baixo e sussurra bastante em vários momentos, como se estivesse com medo de ser ouvido pelos colegas de trabalho ao seu redor. Sua postura física, inclusive, sinaliza isso, ele está curvado em minha direção, mantendo a cabeça abaixo do campo de visão dos colegas das salas ao lado, pois os ambientes de trabalho na seção regional do IBGE são cubículos, com paredes de aproximadamente 1,50m, o que dá uma visão ampla de todo o espaço e acesso rápido e fácil de um cubículo a outro. Não houve utilização de nenhuma forma de tratamento durante a digressão de Damião)) ...hoje o nosso instrumento de pesquisa.../ aquele antigo questionário de papel tá sendo abolido – por quê? – porque hoje a gente tá informatizado/ os cartórios que são informatizados.../ existe programas particulares que um cartório, digamos, compra de uma determinada empresa e existe o nosso programa do IBGE que a gente pode instalar lá, então o cartório fica de livre escolha (...) então, esse programa, ele pode enviar ((os dados)) pra nós por internet, via internet/ facilita.../ quando chega aqui o material deles, ele vai ser submetido à crítica – e quem critica esse material? – quem critica somos nós/ nós vamo criticar os dados brutos deles... nós não vamos analisar estatisticamente nada/ aí vamos criticar e questionar: aqui por exemplo tá faltando... tem um cartório que me manda registro de nascimento sem a chamada “declaração de nascidos vivos”... tem que ter... a não ser que não tenha... mas tem que ter uma testemunha (...) por exemplo, os cartório manda registro de nascimento pra cá, pra

nós é... não é registro, desculpa é::: o questionário de nascidos vivos sem a idade da mãe/ aí nos vamo questionar: cadê a idade da mãe? Ela tinha uma idade... ela tinha dezoito anos, ela tinha quinze anos, ela tinha vinte anos... tem que ter a idade da mãe... por quê? porque tudo isso vai pra estatística... é o que vai interessar porque o nosso trabalho é supervisionar esses dados.

[  
**Entrevistador:** Ah... é tipo buscar todas as informações possíveis né?

**Alberto:** A gente busca todas as informações tem que criticar tem... e depois de criticar né? é enviado aqui pelo sistema ((mostra a tela do computador)) pra apurar essas informações...

[  
**Entrevistador:** ...essa é uma base de dados nacional né?

**Alberto:** é nacional/ então esse nosso trabalho é um trabalho assim quase que grosseiro, mas é... (...)/ então o chefe de agência o servidor tem que tá lá na sua agência (...) ele recebe as informações critica e manda pra nós também/ quando passa por ele e ele não faz a crítica lá nós cobramos... (...)/ então, esse... (...) ((mais uma longa digressão, dessa vez sobre registro de divórcios em cartórios. Novamente, ele cita a lei que obriga o envio de dados ao IBGE baixando o tom de voz e mudando de postura corporal. O tom da conversa fica mais informal, uma vez que Damião começa a relatar as dificuldades que tem em coletar dados em cartórios do interior, uma vez que os donos de cartório hesitam bastante em ceder informações aos pesquisadores. No entanto, ele não utilizou nenhuma forma de tratamento para se dirigir a mim))

((Encerra-se aqui uma faixa de áudio de 13min46seg. Damião, no entanto, volta à lei sobre a qual comentou durante parte da entrevista e me mostra um ponto que interessa à conversa))

**Alberto:** vê se **tu pegas** essa lei assim pra tocar só esse um pedacinho aqui porque esse aqui é um ofício de um cartório... vê se **Ø consegue** tocar só esse pedacinho... **Ø consegue?** Esse pedacinho da lei ((leio a lei em voz alta, a partir da data de sua promulgação))

**Entrevistador:** essa é a lei que obriga né? eles a prestarem lá as informações

**Alberto:** isso é essa mesma.

| Perfil do informante                                                                                                             | Cargo/função/ profissão                                                                      |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Nome:</b> Isabel<br><b>Idade:</b> 33<br><b>Nível de escolaridade:</b> Superior<br><b>Renda:</b> Superior a 8 salários mínimos | <b>Profissão:</b> administradora.<br><b>Cargo/ função:</b> analista de gestão e planejamento |

**Entrevistador:** ...aí a gente vai conversando, e eu vou te fazendo as perguntas...

**Isabel:** ...uhum... Certo...

**Entrevistador:** aí eu peço pra **tu descreveres** um pouco a tua a tua função aqui no IBGE...

**Isabel:** pra eu escrever ou pra eu falar...?

**Entrevistador:** não, **tu pode tu pode** preencher depois isso ((o questionário de práticas de letramento))...

**Isabel:** ah, eu posso preencher depois...

**Entrevistador:** por enquanto a gente vai conversando/ isso aí eu posso pegar até num outro momento se **tu não puder** agora...

**Isabel:** não eu posso preencher... bom eu sou servidora aqui do quadro efetivo eu já tenho cinco anos... vou completar seis anos esse ano... e eu sou analista de planejamento gestão e infraestrutura tá? e eu tô lotada aqui nessa gerência de planejamento e finanças e o que acontece a gente desempenha a atividade administrativa é:: pra manter as atividades “finalísticas” do IBGE execução do orçamento pagamento de diárias concessão do suprimento de fundos e eu também atuo na contabilidade porque meu cargo aqui é analista mas específico na área de contabilidade...

**Entrevistador:** hum... então esse orçamento que vocês controlam daqui é referente a toda...

[  
**Isabel:** ...a toda a unidade estadual ((do IBGE)) do PaRÁ assim nós somos uma unidade das vinte e seis do Brasil a gente tem uma sede que é no Rio de Janeiro e é essa sede que centraliza o orçamento do órgão como um todo... ela faz a descentralização então a parte que cabe ao Pará é quinze (...) ... é essa aqui ((aponta a algum documento em cima da mesa))...

[  
**Entrevistador:** ...essa aqui?

**Isabel:** É

**Entrevistador:** existe alguma atividade específica.../ porque eu imagino que vocês dividem as as...

[  
**Isabel:** ...sim as atribuições né? a gente tem sim cada um.../ eu já atuei como contadora-responsável, agora eu (...)/ agora assim: aqui todo mundo tem que saber um pouquinho das atividades a gente tem uma atividade aqui que é crucial que é o planejamento de fundos que é o que no levantamento da coleta de dados o pessoal que sai pra pesquisar esse pessoal geralmente tá no interior aí do Pará então eles precisam de dinheiro pra bancar os deslocamentos deles...

[  
**Entrevistador:** ...hotel, gasolina...  
[

**Isabel:** ...isso... pagar transporte... então é a gente que dá esse suporte a partir de uma sistemática de pagamento que se chama suprimento de fundos então assim é o nosso carro-chefe aqui mas assim a gente também tem outras atividades por exemplo pagar os contratos de manutenção da unidade pagar luz água telefone pagar também as diárias desses servidores que estão fazendo a pesquisa então...

[  
**Entrevistador:**  
...digamos assim:

suplemento de fundos né?/ a pessoa precisa ir pra... Marajó, pra Soure... é:.... ela precisa de tantos reais e aí como ela faz? ela entra com um processo em algum lugar?

**Isabel:** é assim existe uma um cronograma da pesquisa né? então a partir desse cronograma o gerente de planejamento... é:.... o gerente de planejamento da pesquisa logicamente ele é quem vai definir como é que vai ser a quantidade de diárias o valor do suprimento de fundos... essa pessoa vai solicitar obviamente... ela que começa o processo/ ela vai mandar um email pro gerente dizendo que ela vai ter que conforme o cronograma tal que ela vai ter que cobrir a área... e isso tem um custo de transporte X e precisa de tantos dias aí com base nisso ele autoriza o andamento aí começa o processo e vem pra gente

**Entrevistador:** AH tá, então a pessoa não faz essa solicitação pra vocês, vocês só recebem...

[  
**Isabel:** não não... nós recebemos e assim tem uma hierarquia tem o chefe da unidade, tem o gerente da pesquisa/ aqui é a gerência de orçamento e finanças então aqui.../ eles deliberam lá ((na chefia de unidade)) o que vem pra gente pra eu saber o que que eles tão determinando

**Entrevistador:** é:: no caso **tu recebe** uma solicitação...? que **tu tens** que despachar?

**Isabel:** sim...

**Entrevistador:** tem um processo que é específico...?

[  
**Isabel:** tem a abertura de um (...).../ é:: porque aqui no IBGE tudo é automatizado...

**Entrevistador:** e se **tu tivesses** que me orientar a fazer esse processo?

[  
**Isabel:** ...o suprimento de fundos?

**Entrevistador:** É como se **tu tivesse** falando comigo... imagina assim eu vim te substituir **tu tá** me ensinando eu tô em experiência **tu vai** sair de férias ou coisa assim...

[  
**Isabel:** ah então **tu não estás** na condição de solicitando **tu estás** de substituto.

**Entrevistador:** isso... eu vou te substituir e **tu tem** que me explicar esse processo Ø **tá** se dirigindo a mim...

**Isabel:** sei... bom se **tu és** o meu substituto **tu vai** ter acesso a:: a um email... no caso **tu vais** ter um email institucional/ então a solicitação::o as autorizações que vierem pra pra meu email também irão pro teu pra a partir dessa autorização quê que vai acontecer **tu vais** ter que acessar um programa específico que o IBGE tem tá::? que gerencia essa parte de suprimento de fundos ((**percebi que até este ponto havia um grau de monitoramento quanto à aplicação da regra de concordância; exceto na linha 81, quando a informante usa a forma sem -s. Talvez isso se tenha dado porque eu mesmo apliquei a regra de concordância quando me dirigi a ela**))/ aí lá você vai acompanhar se a pessoa que solicitou para o gerente se ela já abriu o processo/ se esse processo tá aberto se tiver tudo okay **você** vai fazer um checklist se ele preencher todos os requisitos aí você vai dar um andamento – como que dá o andamento? – você vai pegar vai acessar um outro sistema do governo federal vai emitir um empenho é::: que é reservado à locação orçamentária aí depois vai emitir um outro documento de forma que possibilite que o financeiro chegue aqui solicitando o recurso

**Entrevistador:** é basicamente esse o processo?

**Isabel:** exatamente isso mesmo.

**Entrevistador:** bom legal... é isso... então se **tu quiseses** falar outra coisa...

**Isabel:** então... é porque assim como eu te falei esse é o nossa a nossa atividade-mestra que é justamente que é pra atender a pesquisa que a gente tá aqui na região amazônica... a gente não tem como fazer um processo bonitinho formalizado pra destinar recursos pro pessoal ir pro interior nós temos as nossas particularidades regionais que **tu não consegue** contratar um prestador de uma forma que a lei exige então essa pessoa ((o pesquisador)) tem que dispor de recursos financeiros em mãos pra ela poder digamos “ah, eu vou precisar atravessar esse rio” então ela ter de pagar aquele barqueiro então a gente/ é o nosso carro-chefe pra sustentar a pesquisa mas fora isso como eu te falei a gente tem outras atividades como a questão de manutenção da nossa estrutura pagar energia pagar água... a questão de folha de pagamento não é aqui não é lá no RH... tá?

((a entrevista teve que ser interrompida nesse ponto, porque a colaboradora precisou sair da sua sala de trabalho))

| Perfil do informante                                                                                                                                                                                                                 | Cargo/função/ profissão                       |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| <b>Nome:</b> José<br><b>Idade:</b> 25 anos<br><b>Nível de escolaridade:</b> superior (formado em Teatro). Pós-graduação em teatro e, atualmente, em história.<br><b>Renda:</b> de 3 a 5 salários mínimos geográficas e estatísticas. | <b>Profissão/função:</b> professor de teatro. |

**Entrevistador:** como **tu me explicarias** José pra chegar aqui onde a gente tá agora no Centru vindo lá da tua casa?

**José:** **tu sai** de casa – da minha casa, né?/

[  
**Entrevistador:** É, é...

**José:** **tu sai** pela direita:: e quando chegar na Rua do Fio **tu vai** direto **tu vai** direto até chegar na Praça da Bíblia e lá na Praça da Bíblia tem um ponto de ônibus que **tu podes** ficar esperando lá lá **tu podes** esperar o:: - pra vir pra cá pro Centur – **tu podes** pegar na verdade qualquER cidade nova – cidade nova 4, cidade nova 5 icuí presidente vargas cidade nova é:: ã::/ é só esses/ e:: então, dependendo do cidade nova, Ver-o-Peso ou Presidente Vargas, **tu vai d-descer** em lugares diferentes/ o cidade nova-presidente vargas ele dobra aí **tu pode vim** embora **Ø sobe** no ônibus e **Ø vem** embora/ quando ele tiver na José Malcher e dobrar pra Doca pra entrar na Doca o cidade nova-presidente vargas **tu desce** e aí **tu segue** na José Malcher até a Benjamin **Ø dobra** à esquerda e **Ø vai** direto/ **tu vais** passar por Nazaré e **tu vais** passar pela Conselheiro... pela Gentil/ e quando **tu chegar** na Gentil **tu dobra** pra direita e::... **Ø estás** no Centur

**Entrevistador:** Ok muito obrigado.

| Perfil do informante                                                                                                            | Cargo/função/ profissão                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Nome:</b> Diogo<br><b>Idade:</b> 47<br><b>Nível de escolaridade:</b> superior<br><b>Renda:</b> superior a 8 salários mínimos | <b>Profissão:</b> Estatístico.<br><br><b>Cargo/função:</b> Exerce, no escritório do IBGE, cargo condizente com sua formação, muito embora esteja exercendo uma função que exige somente formação técnica: técnico em informações geográficas e estatísticas.<br><br>É funcionário antigo do IBGE. Ocupa lá uma função desde meados dos anos 2000. Seu conhecimento de aspectos técnicos do funcionamento da área de pesquisa e recolhimento de dados é bastante detalhado. Importante frisar: Diogo chefia e coordena uma equipe de um dos projetos do IBGE. |

**Entrevistador:** Pois é eu queria primeiro saber o que que vocês fazem aqui nesse projeto.

**Diogo:** Aqui né? a pesquisa... o nome da pesquisa é “registro civil” ela abrange a coleta a coleta de dados de registro de nascimento, casamentos, óbitos... E:: assim né? o principal é saber quantos nasceram quantos morreram... o total da população/ esses dados eles são usados para várias pesquisas... na verdade pruma gama de outras pesquisas tá?... basicamente isso além desses registros de pessoas naturais (de nascimento casamento e óbito)... é:: é:: além disso também quantitativo de pessoas que se divorciam...

[  
**Entrevistador:** Esse é o foco agora né? A (  
) me falou que esse é o foco agora...

[  
**Diogo:** É:: na verdade não é que seja esse o foco é que a gente tava com muitos problemas nessa coleta ((de dados de divórcio)) porque assim cada umas das... por exemplo/ o informante de RC que é registro civil registro de certidão de nascimento, casamento e óbito ele é um informante que a gente dispõe de uma lei então existe uma sanção né? e aí o cara entrega isso ((os dados de nascimentos, casamentos e óbitos)) mais facilmente, entre aspas né?... mais facilmente do que os ((registros de)) divórcios feitos na vara... nas varas né?...

[  
**Entrevistador:** ...vocês ficam indo de cidade em cidade buscando esses dados, né?

**Diogo:** sim, sim... principalmente por conta das COMARCAs porque como eles não entregam ((os dados de divórcio)) como não tem uma lei específica pra obrigar eles a nos entregarem os dados então nós é que temos que fazer isso por eles nós temos que correr atrás pra manter a qualidade da pesquisa.

**Entrevistador:** Aí:: é o seguinte/ aí eu/ vamo pensar na coisa da coleta dos divórcios... se eu por exemplo fosse um funcionário recém-contratado... eu preciso é:: executar uma tarefa do tipo: ir até os cartórios quais são os procedimentos? como é que **tu me explicarias** isso? esse procedimento de buscar os dados...

**Diogo:** pois é então vamos falar especificamente dos dados de divórcio... do divórcio judicial. ãh... ãh... é:: ((o tom de voz de Roberto hesita nesse ponto; as hesitações marcam isso)) **tu tu nos acompanharia** né? ãh... ãh... eu te apresentaria prum processo de divórcio (pra vários processos, na verdade porque cada um é peculiar cada um tem sua peculiaridade tá?) eu te apresentaria e te mostraria como ãh... ãh... **você** preencheria cada campo ((de um formulário padronizado do IBGE para esse tipo de pesquisa)) tá? aonde **você** teria que ir... navegar naquele processo pra colher aquele dado específico... e aí são diversos pontos pra um registro de divórcio: tem por exemplo.../ e são todos muito tranquilos num tem mistério na verdade é só ler e pronto é:: por exemplo é:: dados de de de data de nascimento... é::, por exemplo, ãh:: se os cônjuges são solteiros casados/ mas eu te amostraria dentro do processo onde **você** consegue resgatar cada campo desses então na verdade não tem mistério...

[  
**Entrevistador:** ...e daí qual que é o próximo passo? depois de coletar isso lá nos cartórios...

[  
**Diogo:** e aí, após...

[  
**Entrevistador:** ...sempre pensando assim que **tu** tá me dando essa instrução...

[  
**Diogo:** Oi?

**Entrevistador:** ...**tu tem** que responder assim como se **tu tivesse** me dando essa instrução daí **tu vais**...

[  
**Diogo:** ...tem que ser didático *né?*

**Entrevistador:** ...é... porque a questão é essa, né? É a instrução que me interessa.

**Diogo:** eu sei... eu sei... é a instrução que te interessa né? então tá... então tá... bom basicamente eu te apresentaria ao primeiro formulário tá? a gente “varreria” o formulário aqui no escritório mesmo... o que significa cada campo daquele ((aponta para o formulário impresso em cima da mesa)) né? a segunda... o segundo passo seria te apresentar o processo *né?* o processo físico e aí sim lá... lá... por exemplo/ o que é mais importante no caso do registro de divórcio ãh... ãh... é **você** determinar a que trimestre ele pertence tá? aí você tem o ano dividido em quatro trimestres né? primeiro segundo terceiro e quarto onde respectivamente janeiro fevereiro março ((são)) o primeiro abril maio e junho o segundo e assim por diante até o último o quarto... e o que determina no processo qual trimestre ele pertence seria a data da sentença tá? é o final do processo... então aí você pega por exemplo um processo que terminou em abril né? a sentença foi em algum dia de abril ele pertence ao segundo trimestre desse ano... e aí **você** tem que ver também nessa sentença se há ou não um julgamento do mérito – o que que é o julgamento do mérito? – se foi efetivamente decretado o divórcio ou não né? nesse momento a gente só tá pegando com o julgamento de mérito, então... ãh... é:: se foi decretado o divórcio esse registro não interessa se não for por qualquer um motivo não importa ele qual

seja não for decretado, ele... eu não pego esse processo, esse registro de divórcio tá certo? então ele... eles... ele... sendo com o julgamento de mérito ( ) sendo efetivamente decretado o divórcio das partes aí sim aí eu vou pra coletar o registro em si né? os campos todos os campos que compõem aquele registro tá? aí entre eles como eu te falei é:: é::/ eu achava interessante pegar um... um... deixa eu pegar esse aqui ó...

[

**Entrevistador:** ...esse é algum tipo de formulário? ((procura uma ficha preenchida para me mostrar))

**Diogo:** Então Ricardo esse aqui seria o nosso formulário pra divórcio judicial tá?, não me pergunta o que que é o “s”, porque até hoje ninguém soube me dizer o que que é... o que que o cara tinha em mente... mas é divórcio judicial a gente já pediu pra botar pra mudar a nomenclatura então aqui você tem informações sobre o nosso cliente sobre o nosso informante né? (vai chamar “cliente” não vai chamar “informante”) onde eu identifico aqui qual é a vara qual é o município qual o distrito tá? esse aqui é um código é de uso interno aonde no momento em que nós vamos digitar... (o Paulo tá digitando ali) tá? ãh... nós colocamos as informações referentes a ess/ são os nossos códigos em relação a essa vara em relação a esse informante tá? é:: aqui no próprio formulário a gente tem as principais instruções para o preenchimento desse formulário tá certo? é:: e os campos de... os registros no caso aqui de divórcio tá certo? cada linha compõe um registro de divórcio então como eu te falei de posse lá do processo físico tá?, a primeira coisa que a gente vai bater é se aquela sentença é:: primeiro se ela é uma sentença válida certo? com o julgamento de mérito sendo decretado o divórcio aí eu vou pegar a data da sentença que fica bem aqui... no caso desse aqui é o primeiro trimestre de 2015 tá? a gente aqui aqui tá coletando ainda 2015 o nosso banco ((de dados)) ele fecha tardiamente nosso banco então por exemplo só pra **tu teres** uma ideia é:: nós nós fechamos o banco de 2014 no final de 2015 tá? e já fechou com bastante atraso então a gente tá buscando deixar isso...

[

**Entrevistador:** ...é sempre 2015 que vocês fazem a coleta do ano anterior?

[

**Diogo:** ...isso do ano anterior por exemplo agora nós tamos no 2016 janeiro agora que abriu a coleta do quarto trimestre de 2015 e ela só finda em março tá certo? no quarto que é outubro novembro e dezembro tá? pois é então sendo um registro que nós vamos coletar por conta que ele foi decretado o divórcio eu vejo a data da sentença certo? e aí ãh... ãh... nisso o processo ele corre ele é organizado em ordem cronológica dos fatos no caso das movimentações no caso dos despachos é:: é:: (pode arrastar pra lá Evileny)... então esse processo ele é organizado dessa forma cronológica tá? sendo que uma das últimas atos seria a sentença não é o último mas é um dos últimos né? porque após a sentença a gente tem que fazer alguns outros despachos né?, tipo ãh... ãh... ãh... como é que se diz? é o mandado de agravação que no caso é:: obrigando o cartório a averbar a sentença de divórcio na na certidão de casamento dos dois dos dois cônjuges né?, EX-cônjuges, ex... enfim né? então **você** corre de trás pra frente no processo então **você** primeiro pega a sentença que tá lá:: no finalzinho “opa! beleza esse aqui eu vou pegar” né? e aí a partir daí eu volto e aí eu pego por exemplo é... então aqui é:: é:: seria o ato final que é a data da sentença tá? o ato final é a data da sentença ah::

esses campos eles já estão incluídos é porque a gente já sabe que não houve recurso/ não há recurso em processo de divórcio, então nos formulários novos já não vem já não vem nem sentença nem se houve recurso tá? então já foi suprimido esses campos então no ato final **você** já tem a data da sentença a partir daí eu corro pra capa e vejo a data da autuação do processo que é o início do processo/ esse processo iniciou em setembro de 2010, ó... setembro de 2010 porque um dos parâmetros que é:: é:: pesquisados é justamente o tempo de processo entendeu? a quantidade de processos que durou um ano a quantidade de processos que duraram durou cinco anos/ a gente já não tem mais isso tá? na verdade os processos agora estão durando meses eles estão sendo mais céleres tá certo? não só por conta que os tribunais estão se adequando eles tão com metas eles têm mais pessoal trabalhando eles tão mais organizados enfim não só por conta disso mas também por conta da lei que mudou que antes **você** tinha prazos pra pedir o divórcio **você** tinha até dois anos de uma separação de corpos e hoje em dia isso se extinguiu casa hoje separa amanhã entendeu? então por conta disso o processo anda rapidinho então então um dos parâmetros é esse **você** tem o tempo em média que um processo tá durando de divórcio tá? aí **você** tem o número do processo pra identificar aquele registro né? se **você** quiser fazer alguma consulta eu posso ligar pro fórum por exemplo e dar o número do processo e ele pode me dizer algumas coisas ALGUMAS coisas outras coisas eu tenho que ir lá olhar porque não tá tudo digitalizado tá? ah... esse campo também caiu “tipo de divórcio” quando era direto “um” quando era indireto “dois”... por que? porque também mudou a lei... também por conta da mudança da lei antigamente a gente tinha o tal do indireto (a maioria é direto) é:: **você** chega lá e pede porque você tá casado e pede o divórcio “quero me divorciar”, pá! é:: antigamente **você** tinha que passar por uma separação normalmente entendeu? aí o prazo pra separação é:: **você** tinha o pré-requisito de ter um ano de separação de corpos um ano em que **você** não tava mais convivendo com aquela pessoa e tem que COMprovar aquilo com um testemunho entendeu? então era bem mais difícil né? e a partir da separação sentenciada **você** tinha que esperar mais um ano pra pedir o divórcio então tinha todas essas dificuldades tá? hoje em dia por conta da lei eu te falei esses prazos caíram por terra então a separação ela ficou em desuso, né? a pessoa... num cabe mais a pessoa... “quero me separar, judicialmente”... não, o juiz vai dizer “você quer divorciar, né?”... enfim ele vai te influenciar de uma certa forma ele vai te explicar que não compensa mais **tu pedires** a separação enfim então também caiu esse quesito, esse campo ((do formulário)) também caiu a “natureza do divórcio” ãh... **você** tem três tipos a consensual a a litigiosa não-consensual que quem pede é o marido e a outra que quem pede é a esposa tá? isso também é analisado/ “houve tantos processos lá na COMARCA de Belém ou no Brasil e aí *tantos* foram consensuais” hoje em dia a gente tá tendo um grande número de de de divórcios consensuais AINDA BEM mas a gente ainda encontra muito litígio ainda muita briga tá certo? ãh... “ato final” já te expliquei isso aqui caiu por terra... “informações do casamento” normalmente **você** pega isso na certidão de casamento sempre quando **você** pega um processo de divórcio aí **você** tem pra ele ser um processo válido ser um pedido válido **você** tem que é::/ o que chama de “pressupostos” acho que é isso... a gente acaba aprendendo os termos, né?/ e aí ( ) **você** tem que apresentar/**você** tem que comprovar que você era casado EU já peguei processo de... por exemplo processo de divórcio lá e no final tem só assim “sem julgamento de mérito” porque o juiz descobriu no andar da carruagem que que não eram casados viviam maritalmente

mas não eram casados era uma união estável tá? e eles não sabiam dizer isso o juiz veio descobrir na audiência né? e aí o processo foi extinto tá? então aí **você** tem uma certidão de casamento ( ) tá? é é é e é aonde **você** checa entre outras coisas a data da do casamento dos dois né? lá também **você** checa ãh:: a naturalidade é de lá que eu pego a naturalidade ou de uma carteira de identidade que também tá ali ((no processo)) xerocada ali tá? que no caso é:: isso tudo interfere isso tudo faz parte da pesquisa ela analisa tudo isso município de origem dos dois e tal data de nascimento e tal aí a data de nascimento te te te dá uma faixa etária da quantidade de casais que se separam de tanto a tantos anos de de vinte a vinte e cinco de vinte a trinta anos... tudo isso a pesquisa ela ela enfim ela estuda né? ãh:: e ãh: aonde eles moram né? onde eles moram tá? isso aqui, “onde eles moram”, eu pego geralmente na petição inicial é:: a petição inicial o que que é? ela é o que dá/ é o pontapé inicial do processo tá? então o casal vai e se é consensual o casal vai com o advogado e normalmente é só um advogado só ele formula um petição inicial, com todos os pedidos que aquele casal quer e é normalmente ali/ quando é consensual eles já tão decidindo além do divórcio é:: às vezes eles já já decidem uma partilha de bens tá? isso tá cada vez mais raro é:: é:: eles podem fazer isso no mesmo processo de divórcio e a guarda, quando houver ((filhos)) tá? é:: é:: no caso aqui **você** pode ter é:: no caso... no caso aqui do fórum é:: normalmente é quando **você** não consegue pagar um advogado tá? **você** não consegue... então **você** vai pela forma gratuita entre aspas né? gratuito... e:: porque porque assim: tem além do divórcio judicial que por conta das pessoas não querem pagar não podem pagar **você** pode fazer não sei se **tu sabes você** pode fazer o divórcio no cartório de tabelião no cartório de ( )

[  
**Entrevistador:**

...ah, sim... não sabia!

**Diogo:** ...é bem mais rápido é:: e:: e:: só que lá tem custos **você** além de pagar o advogado **você** paga (porque ali é feito escritura pública)... **você** paga a escritura acho que não é muito barato na última vez que eu vi tava em torno de quase R\$400,00 só a escritura né?

[  
**Entrevistador:**

...aí vocês também pegam os dados desses lugares ((os cartórios))?

**Diogo:** também pegamos.../nós dividimos aqui os três clientes, os três tipos de informantes: o do RC que é do cartório de registro civil de ( ) que é do de nascimento e casamento e óbitos, né? e:: eu digo assim casamentos porque são de dois tipos o religioso e o civil o só civil né? e os óbitos **você** tem dois tipos de óbito ( ) fetal... se subdivide né? tem o óbito de pessoas normais de pessoas vivas enfim e os que não nascem vivos

[  
**Entrevistador:**

...natimortos, né?

**Diogo:** natimortos né? aí tem todo um critério pra analisar isso aí tá certo? e:: enfim então esse é o o é um informante o outro informante é o do tabelionato ((do cartório)) que são registros de divórcios feitos em cartórios de tabelionato cartório DE tabelionato e:: e os divórcios judiciais que é esse aqui que a gente tá analisando aqui tá? o o questionário tá? é:: deixa eu ver o que que eu posso falar mais a respeito desse desse registro... de divórcio... bom quer dizer é:: é eu pego eu pego

também no na petição inicial né? eu pego sim o a data do casamento e o regime de bens se é universal se é comunhão parcial ou separação total eu também pego NORMALMENTE na certidão de casamento e:: também na petição inicial normalmente o advogado faz menção a isso né? ãh ãh... se **tu fosses** fazer uma coleta dessas ( ) eu ia te dizer pra Ø **ter** cuidado porque nem sempre o que o advogado fala.../ às vezes ele se confunde, ele.../ e você tem que confirmar tanto a data de de casamento quanto o regime de bens lá na – quando tem – na certidão porque as certidões mais antigas muitas não tem muito claramente ou nem fazem menção a isso né? INFELIZMENTE tá certo? e aí a gente bota quando é nessa situação que não faz menção eu tenho que botar “ignorado” que não foi mencionado tá certo? ah:: tá vendo a petição inicial ãh ãh quando tem filhos ela também faz menção a isso tanto filhos menores/ e aí ele diz ãh ãh com quem deve ficar... quem tá fazendo o pedido pra ficar com a guarda né? normalmente é mãe/ isso também tá mudando a gente tem um número um número relevante de de consensuais né? aonde a guarda é compartilhada isso é muito interessante isso tá mudando isso aí mas normalmente quem fica é a mãe certo? ãh... tá... e esse número de filhos tá subdividido né? ele tá o “número de filhos menores” e aí eu tenho que suscitar a guarda por exemplo tem um menor e a guarda foi da mãe tá certo? é:: e o “número de filhos maiores” também tá? tudo isso a pesquisa leva em consideração...

[

Entrevistador: ...acho que **tu já explicou** todos os campos né?

**Diogo:** ...já, já...

**Entrevistador:** é isso então... ok! obrigado Roberto...

| Perfil do informante                                                                                                               | Cargo/função/ profissão                                                                 |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Nome:</b> Rosa<br><b>Idade:</b> 34<br><b>Nível de escolaridade:</b> Superior incompleto<br><b>Renda:</b> até 3 salários mínimos | <b>Profissão:</b> Pedagoga.<br><b>Cargo/Função:</b> Professora de ensino fundamental I. |

**Entrevistador:** Rosa e o planejamento das aulas? como que funciona isso? eu sei que vocês estão na semana de planejamento aqui na escola e que vai ter uma reunião na sexta...

**Rosa:** bom olha só... então o planejamento é isso é pra que realmente é:: o professor ele consiga ao longo do processo saber de que forma trabalhar não chegar somente em sala de aula e e e passar o que ele acha que deve... porque assim: no começo do ano nós recebemos um PLAno também, que é um é um planejamento anual ou semestral o que nós devemos trabalhar em cada em cada semestre, em cada bimestre depois a cada semestre e anualmente então é a partir disso que eu vou me planejar então eu não posso... é::: é::: na verdade, ultrapassar, nem pular algumas etapas eu preciso segui-las normalmente porque cada série ela tem um um conteúdo a ser trabalhado então esse conteúdo... é em cima desse conteúdo que eu vou fazer meu planejamento então quando eu faço eu.../ pra início, nós começamos com o planejamento semanal por exemplo... então o que eu preciso é::: mostrar pra minha coordenação ((porque eu tenho uma pessoa que me cobra isso)) que é a minha coordenadora, que me cobra o que que eu vou trabalhar na minha sala de aula

**Entrevistador:** por exemplo... aí eu vou te pedir pra **tu imaginar** uma outra situação: **tu não pode** vir, mas aí eu tô estagiando contigo e **tu tá** me falando isso, então pensa assim numa... sei lá numa informação que provavelmente vão falar lá na reunião e que eu preciso ter isso registrado pra que **tu leias** depois... como é que tu me far.../ “olha, presta atenção no que eles vão falar, porque **tu precisa** anotar”entendeu?

**Rosa:** é... eu preciso saber o que a minha coordenadora vai querer que eu trabalhe essa semana então eu quero que **tu preste** atenção nisso se ela disser “essa semana nós vamos trabalhar com uma sequência didática sobre um tema” por exemplo o tema.../ E-Ela que me diz isso... na sexta-feira no nosso planejamento ela me diz que na semana seguinte ela quer uma sequência didática sobre a água por exemplo...então **tu tens** que me passar isso se não deu pra eu vir mas **tu viestes** e **tu vais** me passar: “Olha, professora, é assim: ela quer uma sequência didática sobre a água” então essa é a informação importante que **tu tens** pra me passar e eu vou trabalhar essa sequência didática é a mesma forma de planejamento só que é:: no caso de de é:: é uma é um conteúdo só que eu tenho que trabalhar ((em)) história, português, matemática, ciências... em TOdas as disciplinas então é dessa forma que eu preciso que **tu preste** atenção pra eu poder saber o que fazer na semana seguinte.